ESPECIAL
www.placar.com.br
PLACAR
ED. 1266 NOVEMBRO DE 2003 | R$ 7,95
OS HERÓIS
VÁGNER LOVE
O MATADOR
MARCOS
O MILAGREIRO
MAGRÃO
O PULMÃO
EDIÇÃO DE COLECIONADOR
POR QUE SUBIU?
A VOLTA
DO LANTERNA VERDE AO INCRÍVEL HULK, OS BASTIDORES DO RETORNO PALMEIRENSE À PRIMEIRA DIVISÃO
AS HISTÓRIAS SECRETAS DO VERDÃO
A CAMPANHA COMENTADA JOGO A JOGO
AS IMAGENS MAIS MARCANTES
Abril

# DEWALT®

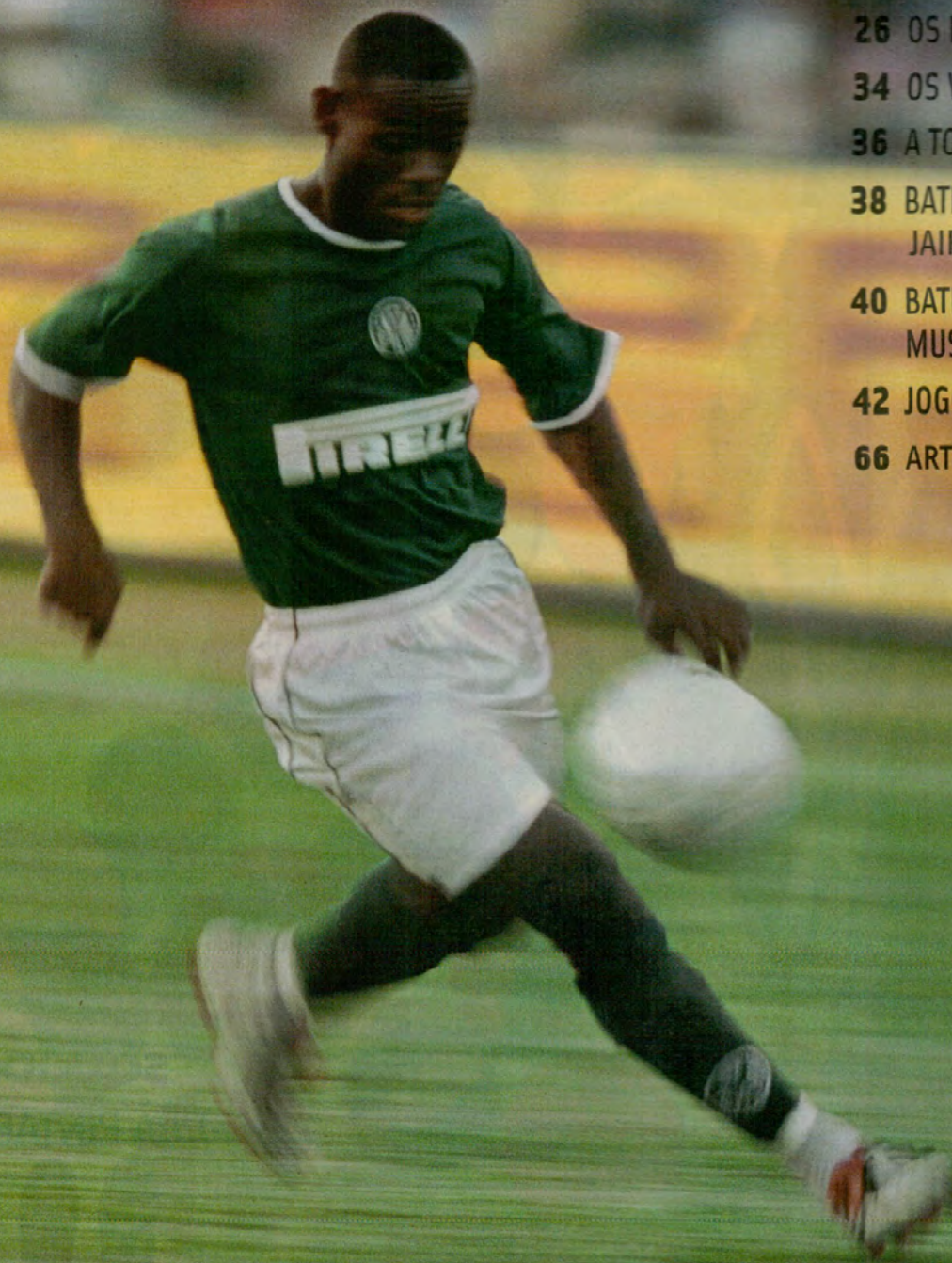
## Ferramentas Elétricas Industriais

# Com DEWALT você não fica só na torcida.

**Transforme sua equipe de profissionais em campeões de performance com as Ferramentas DEWALT. Robustas, duráveis e muito versáteis, as Ferramentas DEWALT possuem excelente desempenho mesmo em situações extremas de trabalho. Seja um profissional campeão com DEWALT.**

## DEWALT: as ferramentas mais robustas da categoria.

FUTEBOL É O MOMENTO MAIS
FELIZ DA SEMANA E VOCÊ
VAI JOGAR DE PRETO?

DIADORA
PASSIONE TOTALE
www.diadora.com.br
Competence
squadra
colori
PRA PINTAR O GOL
Campo
Indoor
Society
Disponível nas cores azul, laranja, vermelho e verde.

**SÉRGIO XAVIER FILHO,**
**DIRETOR DE REDAÇÃO**

# ORGULHO VERDE

É o tipo da história que Hollywood adora. Tem sofrimento, superação, heróis, viradas, surpresas e muita adrenalina. Por uma série de razões, a segunda divisão em 2003 atraiu multidões e chegou a provocar mais interesse que a Série A do futebol brasileiro. O principal desses motivos é o Palmeiras. Menos pela curiosidade em si, uma das cinco maiores torcidas do país na ante-sala do inferno. Mais pelo jeito como tudo aconteceu. Quer um breve resumo? Vamos lá...

Um dos poucos clubes com as finanças em dia, o Palmeiras comete uma série de erros e é dramaticamente rebaixado no campeonato do ano passado. A torcida se revolta, o time parece de doer, tudo indica que o calvário vai se prolongar por muito tempo. É quando começa um fenômeno dos mais interessantes. Os torcedores passam a dar um apoio quase que instintivo ao modesto time. Sem conhecer os jogadores, eles comparecem aos estádios e gritam "vai, 2", "chuta no gol, 9" e assim por diante. As noites de sábado viram programa obrigatório. Pobres namoradas, o negócio agora é torcer pelo Verdão na telinha. O deboche natural das torcidas adversárias perde o sentido. A divisão pode ser secundária, mas a emoção é de primeira. No fundo, no fundo, estamos falando de orgulho. O Palmeiras caiu e se levantou pelas próprias pernas. Sem viradas de mesa, sem anabolizantes. Montou uma equipe aguerrida e deu uma lição de vida ao futebol brasileiro.

Uma história dessas merecia uma revista especial, além do nosso tradicional e infalível pôster que já está nas bancas. E para contar a epopéia convocamos um jornalista que acompanhou tudo de perto. Comentarista da TV Record, Mauro Beting esteve nos pequenos e grandes estádios da Série B. Ficou impressionado com o que viu. A Segundona deu certo; não por acaso a maior audiência do ano na Record foi justamente o jogo entre Botafogo e Palmeiras, em um sábado à noite.

Mauro é um jornalista raro. É difícil dizer se ele se comporta mais como comentarista ou como repórter. Quem ganha um microfone para comentar geralmente se acomoda na condição de sábio. Teoriza da confortável cabine de rádio como um pensador da bola. É natural. Mauro não. Não perdeu o cacoete do repórter. Aproveitou as esperas de aeroportos nas viagens palmeirenses para perguntar e perguntar. Na primeira fase da Segundona, quando ninguém dava um níquel pelo Palmeiras, era o único comentarista a freqüentar os treinos no CT. Até os jogadores estranhavam... Além do faro do repórter, a perseverança do pesquisador. Seu *laptop* registra das mais elucidativas estatísticas aos números mais bizarros. Pode ter certeza, a saga do Palmeiras não podia ter sido contada de uma maneira melhor.


**Fundador:** VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

**Presidente e Editor:** Roberto Civita
**Vice-Presidente e Diretor Editorial:** Thomaz Souto Corrêa
**Diretor Editorial Adjunto:** Laurentino Gomes

**Presidente Executivo:** Maurizio Mauro

**Vice-Presidente Comercial:** Deborah Wright
**Diretora de Publicidade Corporativa:** Thaís Chede Soares B. Barreto

**Diretor de Unidade de Negócio:** Paulo Nogueira

**Diretor de Redação:** Sérgio Xavier Filho

**Editor Especial:** Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Fábio Bosquê Ruy, Crystian Cruz (diretores de arte), Alexandre Battibugli (editor de fotografia) Maurício Ribeiro de Barros e Mauro Beting (editores de texto), Gian Oddi, Paulo Tescarolo e Ricardo Corrêa (repórteres), Leandro Alves (diagramador) e Eduardo Jordão (tratamento de imagens).

**www.placar.com.br**

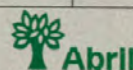
**APOIO EDITORIAL Diretora de Projetos:** Ruth de Aquino **Diretor de Arte:** Carlos Grasseti **Diretor de Redação do Portal Abril:** Wagner Barreira **Depto. de Documentação:** Susana Camargo **Abril Press:** Rusi Pereira **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Letícia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Emiliano Hansenn, Renata Miolli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **NÚCLEO ABRIL DE PUBLICIDADE Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing:** Ricardo Cianciaruso **Gerente de Produto:** Cristina Ventura **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristiana Cardoso e Gabriela Yamaguchi **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

**Em São Paulo: Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:**0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Cuiabá** - MT Fênix Propaganda Ltda. Rua Diamantino, 13 – quadra 73 Morada da Serra Cep.: 78055-530 Telefax:(65) 3027-2772**Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Manaus** - AM ) Paper Comunicações- Cel.: (0xx92) 9971-9123 Av. Joaquim Nabuco, 2074 – Loja 2 Centro , Manaus – AM – Cep 69020-070 Telefax: (92) 233-1892/231-1938**Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal – Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

**PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL Veja:** Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A **Jovem:** Capricho, Playboy **Abril Jr.:** Almanaque Abril, Disney, Heróis, Guia do Estudante, Recreio, Witch **Estilo:** Claudia, Elle, Estilo de Vida, Nova, Nova Beleza, Vip **Turismo e Tecnologia:** Guias 4 Rodas, Info, Mundo Estranho, National Geographic, Placar, Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo **Casa e Família:** Arquitetura & Construção, Boa Forma, Bons Fluidos, Casa Claudia, Claudia Cozinha, Saúde **Alto Consumo:** Ana Maria, Contigo, Manequim, Manequim Noiva, Minha Novela, Viva Mais! **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

**PLACAR** nº 1266-A (ISSN 0104-1762), ano 34, novembro de 2003, é uma publicação da Editora Abril Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

**Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC):**
**Grande São Paulo: 5087-2112, Demais localidades: 0800-704-2112, Fax: 11-5087-2112**
**Serviço de Vendas de Assinaturas (SVA):**
**Grande São Paulo: 3347-2121, Demais localidades: 0800-701-2828**
**IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.**
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

FIPP | ANER

**Presidente e Editor:** Roberto Civita
**Gabinete da Presidência:** José Augusto Pinto Moreira, Maurizio Mauro, Thomaz Souto Corrêa
**Presidente Executivo:** Maurizio Mauro
**Vice-Presidentes:** Cesar Monterosso, Deborah Wright, Emilio Carazzai, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini
**www.abril.com.br**

Imagens
BOTAFOGO
DIADORA

# JOELHO DE PORCO

Magrão ajeita esquisito a bola no gramado do Caio Martins. A estréia no quadrangular final foi em Niterói, terra do Botafogo, o outro grande que debutou na Série B. O Palmeiras saiu na frente com Vágner, mas logo o Bota fez 1 x 1 com Dill. E o jogo terminou assim. Bom para os dois, melhor para o Verdão, que estava longe de casa

FOTO EDUARDO MONTEIRO / FOTONAUTA

Imagens
IRELL

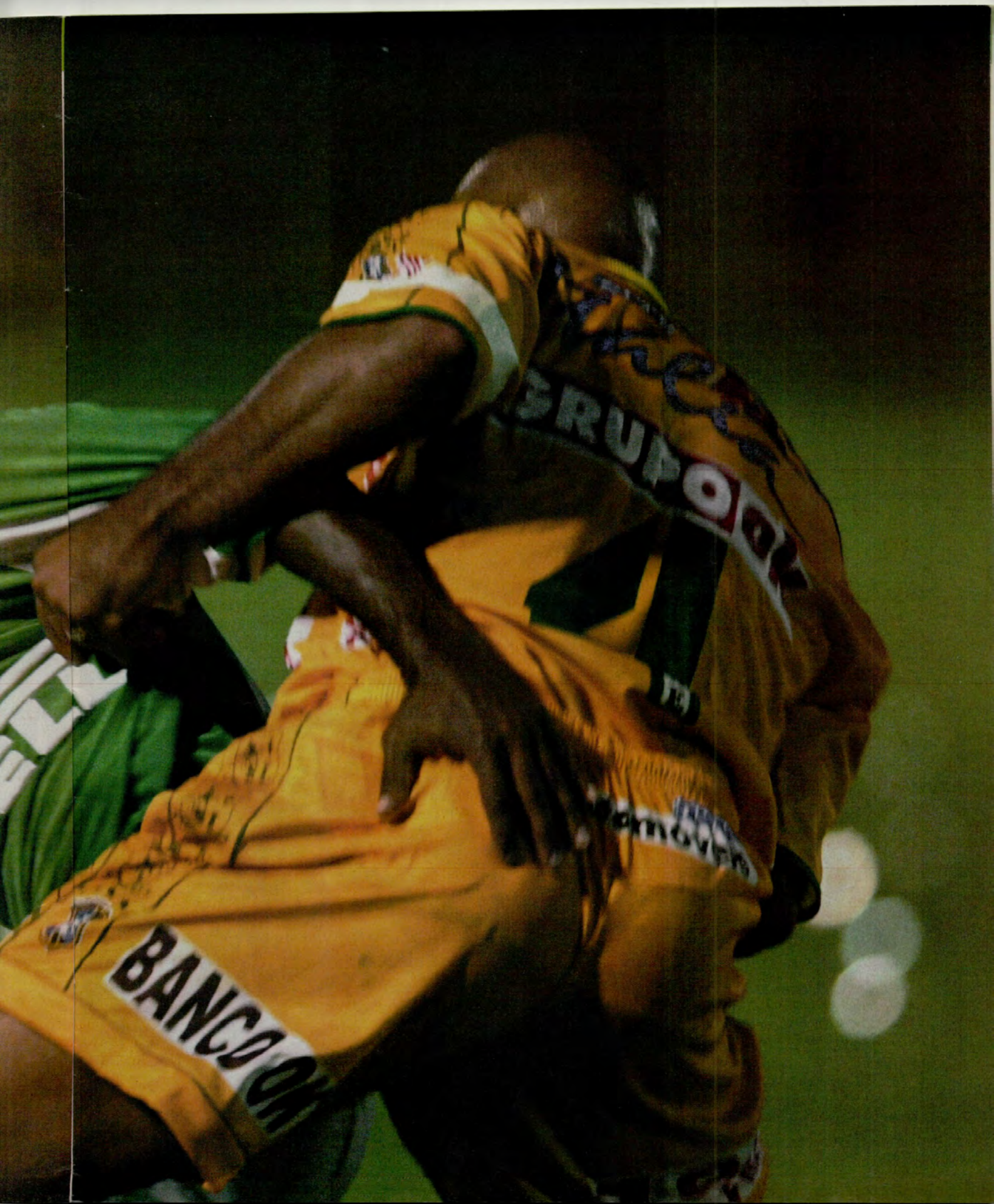
## THIAGO, SEM GENTILEZA

Na primeira fase, o Mogi Mirim apanhou de 5 x 0 do Verdão no Parque Antártica. O Sapão como que se despedaçou em campo. Essa perna perdida, por exemplo, tentou em vão tirar a bola de Thiago Gentil. Na Série B, terra de guerreiros, não há mesmo espaços para troca de gentilezas

FOTO RICARDO CORRÊA

## A BATATA ASSOU...

O Brasiliense do zagueirão Batata já tinha o indigesto desafio de encarar um embalado Palmeiras no primeiro quadrangular no Parque Antártica. O becão já vivia o pesadelo de precisar marcar o liso Vágner Love. Por tudo isso, o atacante palmeirense bem que podia ter aliviado na mãozinha...

FOTO **RENATO PIZZUTTO**

# CABEÇA DURA

Se dependesse da turma do amendoim, Daniel já estaria longe do Parque Antártica há muito tempo. Mas o zagueirão, de teimoso, acabou ficando, as vaias foram dando lugar aos aplausos e ele conquistou a posição de titular. Bola murcha, só depois de uma vigorosa cabeçada...

FOTO RENATO PIZZUTTO

IMAGENS, NOTÍCIAS E CURIOSIDADES DA EPOPÉIA DO VERDÃO

**EDITADO POR MAURO BETING**

# EL MATADOR NA ACADEMIA DE TIROS

MILTON TRAJANO

## BRINCADEIRA TEM LIMITE? QUANDO O AMBIENTE NO TIME ESTÁ BOM, NEM SEMPRE...

Não é um artilheiro nato, mas é bom de tiro o colombiano. Muñoz adora brincar com uma espingarda de *paintball*. O alvo pode ser o carro do assessor de imprensa, o céu cinzento de São Paulo, ou o roupeiro Chiquinho.

"*Tchiquinho*, você está preparado para morrer?", perguntou o matador colombiano. Não deu tempo para o homem que cuida há anos do uniforme do Palmeiras responder. Uma rajada de balas de tinta acertou a barriga dele e as paredes do vestiário da Academia de treinamento do clube.

O troco veio num calibre mais grosso. Numa de suas brincadeiras, Muñoz deu um tiro para cima, bem perto da orelha de Pedrinho, que reclamou do barulho.

Horas depois, um dos jogadores ligou para a casa de Muñoz. "O Pedrinho ainda não sabe, mas você estourou o tímpano dele e ele vai ter que ficar sem jogar por seis meses".

Desesperado, Muñoz foi até a casa do colega e, chorando, desculpou-se. "*Discullpa, Pedriiinho.* O *dotorr* falou que você vai ficar uns seis *méses* sem jogar, mas que vai ficar bom *dipois*".

Com uma atadura gigantesca na orelha direita, com um sangue falso manchando o curativo, Pedrinho fez que não "sabia" do diagnóstico e ficou enlouquecido. Menos, apenas, que Muñoz, quando Pedrinho arrancou o curativo às gargalhadas.

## AGÜENTA GOZAÇÃO

# O FREGUÊS, NA SEGUNDA, NEM SEMPRE TEM RAZÃO

Fila do McDonald's. Jogador do Palmeiras espera o sanduíche e ouve, lá da cozinha, um pouco provável "funcionário do mês" gritar "fala aí, segunda divisão". A resposta é mais *fast* que *food*: "cala a boca e faz logo o meu lanche aí, seu babaca".

As provocações e gozações ao elenco aconteceram no atacado e no varejo. Três jogadores do time vão a uma concessionária de carros importados e escutam o tradicional "Segundona" de mecânicos da montadora.

Numa outra loja de carros, o goleiro Sérgio é saudado com aquilo que ele imaginava ser um "v" da vitória, ou um símbolo de paz e amor. Só um tempo depois o goleiro, que se diz "um soneca daqueles", saca que os dois dedos abertos indicavam Segundona.

Marcos, de reflexos mais apurados, já tem a resposta na ponta da língua. E dos dedos: "para esses caras eu falo assim: 'é... este ano é assim, mas, no ano que vem, ó!", e aponta um dedo só. Imagine qual. Nenhum jogador foi ao Procon. Mas tinham o direito.

## VIDA CASEIRA

**Na fase mais brava do time (e ainda mais brava dos palmeirenses), a maioria do elenco preferia ficar em casa. Marcos ficou alguns dias sem sair depois dos 7 x 2 para o Vitória. Sérgio, o "Gandhi do clube", até saia. O problema era a mulher: "Nós tínhamos que ir ao supermercado de madrugada para evitar as gozações. Eu até que sou sossegado, mas a minha mulher não deixava barato".**

**Magrão teve problemas em filas de banco, em *fast-foods*, churrascarias e até em casamentos de família.**

**Até quem deixou o clube em 2002 evitava rodar pela cidade. Paulo Assunção, titular do time rebaixado, hoje no Nacional, de Portugal, evitou dar entrevistas, no meio do ano, para não ter que falar do rebaixamento.**

## GRAVIDEZ COLETIVA

# PARA CIMA, PALMEIRAS!

Só em agosto o Palmeiras conseguiu ultrapassar o Botafogo e assumir a liderança da Série B. A boa fase garantiu uma nova geração de "porquinhos". Edmílson, Lúcio, Thiago Gentil e Magrão ficaram "grávidos" na mesma semana.

ALEXAN DRE BATTIBUGLI

Marcinho arranca: as críticas, aos poucos, viraram aplausos

# DISPENSANDO APRESENTAÇÃO

## ELES DRIBLARAM O DESCRÉDITO

Marcinho chegou ao clube, vindo do Figueirense, em 19 de abril, uma semana antes da estréia na Série B. Na hora da apresentação, torcedores da Mancha Verde estavam acorrentados aos portões da Academia, pedindo reforços de peso. Marcinho não era um deles. E foi criticado sem dó, na base do "nunca te vi, nunca te amei", pela organizada.

O volante, que desarma muito bem, só foi saber depois que os espíritos estavam armados pela Mancha Verde contra a diretoria, e que ele era apenas um "bagre-expiatório" da torcida.

Pior sorte tiveram Lúcio e Élson, apresentados no *day after* do 7 x 2 para o Vitória. Quando eles chegaram à Academia, um torcedor os saudou: "Sejam bem-vindos ao inferno. Agora vocês vão ver o que é bom".

Élson ainda passou por um purgatório mais bravo. Em 15 de fevereiro, jogando pelo Ituano, no Parque Antártica, ele brigou com Pedrinho. Depois do jogo, disse que gostava de jogar contra o Palmeiras, que ele já havia rebaixado uma vez, em 2002, pelo Vitória.

Para quê... Quase que Élson vai embora antes de chegar. Quase se transforma na versão em português do colombiano Carlos Castro.

## FRASES

QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ

**"*MISERICÓRRDIA, MARRCOS*".**
*ADÃOZINHO, LOGO DEPOIS DA FURADA HISTÓRICA DO GOLEIRO PENTACAMPEÃO, NO SÉTIMO GOL DO VITÓRIA, PELA COPA DO BRASIL*

**"O JAIR TEM VÁRIOS ESQUEMAS TÁTICOS, MAS É TÃO DESORGANIZADO QUE NÃO CONSEGUIU COLOCAR NENHUM EM PRÁTICA".**
*NENÉM, 29 DE ABRIL, APÓS SER DISPENSADO PELO TREINADOR*

**"NÃO SEI SE É ALGO MAIS SÉRIO, TALVEZ UM CANSAÇO MUSCULAR".**
*DE THIAGO GENTIL, 29 DE ABRIL*

**"O THIAGO ESTÁ COM DOR NO SACO".**
*DE JAIR PICERNI, 29 DE ABRIL*

**"ESSE ÍNDIO É UM F.D.P. ESCONDEU QUE TOMAVA ANTIDEPRESSIVOS E QUASE JOGOU POR TERRA O TRABALHO DE UM GRUPO INTEIRO".**
*FERNANDO GONÇALVES, DIRETOR DE FUTEBOL, 29 DE ABRIL*

**"ELE DESMAIOU E COMEÇOU A ESPUMAR PELA BOCA. DEPOIS, PASSOU A GRITAR QUE ESTAVA COM O CAPETA NO CORPO".**
*FERNANDO GONÇALVES, AINDA SOBRE ÍNDIO*

## SEGUNDONA AMARGA

MILTON TRAJANO

# OS CAMINHOS DA B

### MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM, O PALMEIRAS SE PERDEU PELO BRASIL AFORA...

Assim que começou a Série B, e assim que o Palmeiras não se reforçou, uma das piadas correntes era que Mustafá Contursi havia contratado o motorista do Sampaio Corrêa, que já sabia dos atalhos da competição.

A vida imitou a piada e o Palmeiras chegou atrasado ao Caio Martins, para o jogo com o Botafogo, no quadrangular final. O motorista da delegação se perdeu e, em vez de seguir rumo à Niterói, quase voltou pela ponte para o Rio.

Menos sorte teve o motorista da delegação em Recife, na saída do conturbado jogo com o Sport, na Ilha do Retiro. O ônibus foi apedrejado por torcedores pernambucanos e teve alguns vidros quebrados.

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

## POLITICAMENTE INCORRETO

A torcida que fez um bandeirão gigantesco com o desenho de Marcos foi pedir autorização para o goleiro para saber se ele poderia ser desenhado com um cigarrinho na orelha. Ele achou graça e deixou barato.

## PALESTRA ACIMA DE ZERO

Fred Smania, auxiliar-técnico de Jair Picerni, é fã de cinema. Escreve para uma revista especializada de Americana, a terra natal. Para o elenco do Palmeiras, ele é o "Incrível Hulk". Para quem gosta de cinema europeu, ele é a versão brasileira de Jean-Paul Belmondo, "mas nos anos 60", gosta de dizer.

Marlon Brando, de "O Poderoso Chefão" (nenhuma alusão a ninguém do clube) e Katharine Hepburn são os atores preferidos. O filme de cabeceira é "Shane – Os brutos também amam", 1953, um dos mais densos e consistentes faroestes de todos os tempos.

Ficou apaixonado por " O Filho da Noiva", espetacular tragicomédia argentina, de 2001.

Para Smania, o filme que poderia narrar a história do Palmeiras na Série B é "Jamaica Abaixo de Zero", "Cool Runnings", comédia de 1993 que conta a história real do primeiro time de *bobsled* jamaicano a participar dos Jogos Olímpicos de Inverno de Calgary, Canadá, em 1988.

**Fred Smania: ele está mais para Belmondo ou Marlon Brando?**

# O ESTILO PICERNI

## FAZER MÉDIA COM OS JOGADORES OU COM A IMPRENSA? NEM PENSAR

Ele faz aquecimento antes da partida. Sozinho, alonga, faz flexões, prepara-se como se fosse jogar. Supersticioso, só entra em campo depois que todos já tiverem subido ao gramado. Nos dois tempos de jogo.

Quando a imprensa começou a cobrar a camisa que usava sempre (amarela, da Lacoste), usou uma verde, outra azul. Mas a do "jacarezinho", a titular. Na sugestiva Boca do Jacaré, o zagueiro Gláuber esbarrou nele e derrubou cafezinho. Teve que usar a azul. Mas, como o Palmeiras ganhou, de virada, e ficou com a vaga para o quadrangular final, tudo bem.

Jair é muito tímido. Caladão mesmo. Mas ganhou todo mundo assim. É do tipo que espera o jogador vir falar. Mas, também, não dá recados pela imprensa. Fala direto, no vestiário, ou no papo de treino, e à frente de todo o elenco. Foi assim que botou na linha a turma da noite. Quase mandou um deles embora, não fosse a ação de Sérgio, Marcos e Magrão. Mas também sabe ganhar o grupo dando algumas folgas inesperadas para a moçada.

### JAIR VAI OU FICA?

Jair Picerni teve várias propostas antes de chegar ao Palmeiras. Até da Seleção do Peru. No meio do caminho, Mustafá Contursi foi pressionado a demiti-lo depois da goleada do Vitória. Na terceira rodada da Série B, depois da derrota para o Náutico, o Palmeiras na 20ª colocação, Jair pensou em sair. O elenco não deixou.

No dia do jogo com o Santa Cruz, pela sétima rodada, o Grêmio chegou a sondá-lo para o lugar de Tite. A conversa não foi para frente. Algumas semanas depois, Emerson Leão disse que foi procurado por gente ligada ao Palmeiras para assumir o clube que começava a mostrar serviço na Série B. Ficou na especulação.

No returno do quadrangular final, Picerni acertou contrato de 1,5 milhão de dólares por ano com o Kashima Anthlers, do Japão. Agora, ele vai.

MILTON TRAJANO

Jair Picerni: o supersticioso, franco e bruto, que agrada, deve ir para o Japão no próximo ano

### PICERNÊS

. "QUEREM SABER A FILOSOFIA PICERNI? É CAMPO."

. ***"QUANTO MAIS GOLS MARCAR, MELHOR."***

. "A CHANCE DE GANHAR É BOA".

. ***"QUEM FOR MELHOR JOGA".***

. "QUEM NÃO SE ENQUADRAR AO PROJETO, ÁREA".

. ***"PODEM FALAR O QUE QUISER DO PICERNI, MAS EU ESTOU IGUAL ÀQUELA MÚSICA: TÔ NEM AÍ..."***

. "PEGA, PEGA!"

. ***"CAMPO!"***

. "DINÂMICA"

. ***"TRÊS PONTOS".***

. "ESTOU DE BEM COM A VIDA".

. ***"O MEU TRABALHO SE RESUME A CAMPO"***

. "TIVEMOS CHANCE DE FAZER DOIS-ZERO, TRÊS-ZERO, QUATRO-ZERO"

## ISTO É OU FOI...

### O COMEÇO...

"Eu vou entrar no lugar do... 9". Foi assim, tirando todas as letras e botando um número, que Leandro disse na televisão o que faria contra o Operário de Várzea Grande, na estréia da Copa do Brasil.

O "9" sacado (e não sabido pelo substituto) era Anselmo. O reserva não sabia o nome do titular. O palmeirense não sabia o nome de mais ninguém naquele início de temporada.

### EDMUNDO...

Edmundo quase voltou ao Palmeiras, em maio. Chegou a acertar o salário, mas a diretoria voltou atrás. Irritado, Edmundo acabou no Vasco. A São Paulo, só voltou na festa da Mancha Verde pelos 10 anos do final da fila: "Eu vim do Rio porque fui convidado pela torcida do Palmeiras. Se fosse pelo Palmeiras *(por quem o comanda, hoje)*, eu não viria".

### A PRATA-DA-CASA...

**Jogadores lançados e revelados pelo Palmeiras nos últimos 10 anos:**

Com as ressalvas de que Marcos (Lençoense), Roque Júnior (São José) e Vágner Love (Campo Grande, Bangu, Vasco e São Paulo) jogaram nas divisões de base dessas equipes antes de chegarem ao Parque Antártica. Edmílson é outro que atuou nos juniores de três clubes baianos (Galícia, Bahia e Vitória).

**Goleiros:** Marcos e Marcelo (96), Gilvan (99), Igor e Fernando (03)

**Laterais-direitos:** Wágner e Fábio (94), Augusto (99), Pedro (02) e Barão (03)

**Laterais-esquerdos:** Dênis e Rubens Júnior (95), Jorginho Paulista (97), Jorginho (99), Vágner e Ânderson (00), Adalto (02)

**Zagueiros:** Moraes (94), Rodrigo Costa e Roque Jr. (95), Thiago Matias (00), Gláuber (03)

**Volantes:** Amaral e Juari (93), Daniel (95), Emanuel (96), Ferrugem e Taddei (98), Paulo Assunção (99), Francis (01), Alceu (02)

**Meias:** Neto e Tupãzinho (95), Eriberto (97), Roberto (98), Léo, Émerson e Beto (00), Juninho Alves e Diego Souza (02), Chu (03)

**Atacantes:** Beto e Torres (94), Chocolate e Rogério (95), Thiago Gentil (97), Marcelo (99), Reinaldo, Edmílson e Thon (01), Vágner Love (02)

## SUA SANTIDADE, MARCOS

## NA ACADEMIA...

### MARCÃO CHAMA O CHAPA MAGRÃO DE LANDAU: "JÁ ESTEVE NA MODA, JÁ FOI BONITO E AGORA BEBE DEMAIS."

## EM MARÍLIA...

**O goleiro é o caçula de seis irmãos. Todos com a mesma cara, a mesma careca, mas uns quilinhos a mais que ele. Em Marília, pertinho da sua Oriente, Marcos e Luís, o mais parecido dos cinco, foram comprar uma máquina de lavar para a mãe. Mal chegaram à loja, aquele alvoroço atrás de autógrafos. Marcos descansou as mãos preciosas. Luís foi confundido com o mano famoso e deu conta de todos os fãs.**

## NO SINAL FECHADO...

São Paulo, 24 de abril de 2003. Marcos Roberto Silveira Reis dirige pelas ruas paulistanas e pára num cruzamento. Um rapaz pede dinheiro na esquina. Ele veste uma camisa pirata e suja do Palmeiras. O goleiro do clube não perde tempo. Tira a carteira do bolso e dá uma nota de 50 reais para o pedinte. O raciocínio de São Marcos é coerente e humanista: "O cara tem que estar numa pior para estar usando essa camisa depois dos 7 x 2 de ontem contra o Vitória".

# O VERDÃO EM NÚMEROS

## ELES EXPLICAM BOA PARTE DO SUCESSO DO TIME NA SEGUNDONA*

**11** gols de cabeça marcou / **10** sofreu

**13** gols de fora da área / **10** sofreu

**4** gols de falta / **4** sofreu

**6** de pênalti marcou / **5** sofreu

**1** pênalti perdeu / **nenhum** pênalti perdido pelos rivais

**5 viradas de placar conquistou** – Anapolina, Paulista, Marília, Vila Nova e Brasiliense

**3 viradas sofreu** (as 3 derrotas – Náutico, Remo e Sport)

**10 jogadores do Palmeiras expulsos** – 9 dos adversários

Ganhou **11 pontos** no campeonato com gols marcados **nos últimos 10 minutos**

Perdeu **7 pontos** no campeonato com gols marcados pelos rivais **nos últimos 10 minutos**

Marcou **5 gols depois dos 45 minutos** do segundo tempo

**Só não marcou num jogo** (0 x 0 Botafogo, primeira fase, no Parque Antártica)

**Só conseguiu repetir a escalação duas vezes**

**Jamais atuou com o time titular**

* Até o jogo contra o Sport, dia 22 de novembro

### ELES CAÍRAM

**Índio,** zagueiro (que foi para o Juventude), foi rebaixado pelo Bragantino, no Brasileiro-98, e pelo América Mineiro, em 2001; **Gustavo** (foi para o São Caetano) caiu para a Segundona Paulista com o Botafogo; **Everaldo** (dispensado antes do início da Série B) caiu com o União de Araras, Brasileiro-97. **Dênis,** que não quer ser comparado a Denys-86, desceu para a Série B com o América de Minas, em 1998. **Marquinhos** foi rebaixado com o Goiás, também em 1998. O volante **Corrêa** desceu em 2002 com o XV de Piracicaba – da Série B para a C! **Thiago Gentil** só não caiu com o Santa Cruz, no Brasileirão de 2002, por não haver rebaixamento... **Jair Picerni** também sabe bem o que é cair. Só no Brasileirão, ele já participou de quatro campanhas rebaixadas de fato, nem sempre de direito. Em 1989, Jair dirigia o Coritiba, que caiu por um W.O. Em 1992, pelo Paysandu, e em 1996, pelo Bragantino, ele caiu no campo, mas foi salvo no Tapetão. Em 1999, Picerni comandou o Gama nos primeiros 10 jogos. O time caiu pela média de pontos. Mas não foi rebaixado por conta da Copa JH. A boa nova é que, se Jair caiu quatro vezes, só foi rebaixado, mesmo, uma vez. A virada de mesa o salvou três vezes.

### ELES SUBIRAM

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Daniel entra rasgando: subir de divisão é com ele mesmo

**Adãozinho** é um caso à parte: subiu 12 vezes de divisão pelos vários clubes onde atuou. **Lúcio e Élson** foram campeões paulistas em 2002 pelo Ituano, mas não puderam disputar o Rio-São Paulo no ano seguinte porque não houve campeonato. **Daniel** subiu da Série A-2 para a A-1 e da Série B para a final da JH, em 2000, com o Azulão. **Fábio Gomes** subiu da A-2 para a A-1 e da Série C para a B com o Etti Jundiaí. **Marquinhos** caiu com o Goiás, mas voltou com ele, em 1999. **Magrão** subiu com o São Caetano para a A-1 paulista, mas já havia saído quando o Azulão jogou a Copa JH, em 2000.

Sérgio voa: alívio com o retorno e mágoa com o corintiano Rogério

RENATO PIZZUTTO

# O REBAIXAMENTO SEGUNDO SÉRGIO

## O GOLEIRO RESERVA CONHECE O PALMEIRAS MAIS DO QUE NINGUÉM

**14** anos de Palmeiras, 201 jogos. Sérgio foi o goleiro que terminou com a fila. Foi campeão paulista, brasileiro, sul-americano. Foi rebaixado, em Salvador, contra o Vitória. "A sensação é de que tinha morrido um parente. Quando a bola entrou no quarto gol, e aí não dava mais, eu comecei a pensar na torcida do Palmeiras, de todo mundo que tentou ajudar. Foi horrível. O que o Arce e o Zinho choraram não está escrito. Quase todo mundo chorou no vestiário do Barradão.

Aí nós fomos para o hotel e ficamos vendo o programa do Milton Neves. O Rogério, nosso parceiro, parceiro do Arce, falou da gente: 'Ah... É uma pena que a gente não vai ganhar deles na segunda divisão. A gente não acreditou. Aí veio o Vampeta e até defendeu o Palmeiras, entendeu a nossa dor. E o Rogério, que jogou aqui, foi campeão no Palmeiras, ficou falando aquelas coisas.

Puxa, dói, né? Todos aqueles jogos finais de 2002 eu ia dormir às cinco da manhã. Ficava pensando como melhorar, como tirar a gente daquela situação. Eu pensava no torcedor, o que a gente tinha que fazer. Mas era difícil. Porque quando você tem 11 jogadores remando para o mesmo lado, aí fica mais fácil. Ano passado, não. Eram seis remando para frente, e uns cinco para trás."

Adãozinho: o palmeirense mais sensível às críticas no calvário da Segundona

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# DURO NA QUEDA

Logo depois da derrota para o Vitória, numa esquina de São Paulo, um torcedor reconheceu Adãozinho no volante e passou a xingá-lo, cobrando resultados e futebol. "Demorei tanto tempo para chegar em um clube grande e acontece isso. Não preciso disso, vou embora daqui. Prefiro cuidar da minha família."

Adãozinho pensou em largar tudo. Não era a primeira vez. No São Caetano, chegou a deixar a concentração a pé, no meio do mato, e só voltou depois de muito papo dos colegas.

No Palmeiras, a mesma história. Ficou e, se não voltou a ser titular, sempre foi um dos preferidos dos jogadores. Depois da vitória sobre o Brasiliense, gol dele, e de cabeça (!), o elenco o carregou em triunfo, antes do aquecimento para o treino na Academia.

# TORCIDA GLOBALIZADA

**O Palmeiras brigou para não jogar aos domingos pela manhã – horário de Brasília. Mas para os ex-palmeirenses que jogam no Japão, o fuso horário marcou todos os jogos do clube para as manhãs dominicais. Arce e Claudecir foram alguns dos que acordaram mais cedo para ver o time jogar pela Série B, que teve os jogos transmitidos pela Record Internacional. "Na primeira vitória sobre o Marília, aquela de virada, quando o Vágner Love fez uma jogada linda e chutou meio sem ângulo, eu acordei toda a minha família com os gritos. Parecia que eu tinha marcado o gol", diz o volante Claudecir. Além da satisfação por ter acompanhado o ex-time voltar à primeira divisão, o volante acabou, sem saber, se preparando para o ano que vem. Em 2004, ele será dirigido por ninguém menos que Jair Picerni. No Kashima Antlers.**

# APITO AMIGO OU APITO INIMIGO?

**LANCE POLÊMICO A LANCE POLÊMICO, CONFIRA SE O VERDÃO USUFRUIU DA CONDIÇÃO DE TIME GRANDE. FOI OU NÃO FOI BENEFICIADO PELA ARBITRAGEM NOS LANCES DECISIVOS?**

### VERDÃO PREJUDICADO

**1 x 1 América-RN** - Vágner Love é empurrado dentro da área, aos 36 minutos do primeiro tempo. Antonio Buaiz Filho (ES) manda o jogo seguir.

**2 x 2 Santa Cruz** - Thiago Gentil tem as pernas agarradas, dentro da área, pelo zagueiro João Lima. Manuel Moita (CE) fica na dele e não marca nada.

**2 x 2 Gama** - Vágner Love é agarrado dentro da área pelo zagueiro do Gama, e Domingos de Jesus Viana Filho (BA) não marca o pênalti.

**3 x 2 Brasiliense** - Leonardo Gaciba (RS) marca um pênalti "mandrake" de Daniel em Jajá, e não marca outro muito mais "pênalti" do goleiro Donizete sobre Vágner Love.

**2 x 1 Sport** - Washington Alves de Souza (AM) marca um pênalti cavado de Ricardinho, que se atirou em Corrêa, mas acerta ao anular, num lance muito difícil, um gol do Sport.

### VERDÃO AJUDADO

**1x1 CRB** - Sandro Baiano, centroavante do CRB, é derrubado dentro da área por Leonardo. Luís Antônio Silva Santos (RJ) não marca o pênalti claro.

**2 x 1 Joinville** - Rogério Pereira Costa (MG) não marca três pênaltis discutíveis para o JEC. Indiscutível, porém, foi a posição legal do atacante Didi, que teve um gol legítimo anulado, quando o jogo estava empatado.

**2 x 1 Vila Nova** - Thiago Gentil estava na banheira quando cabeceou para fazer o gol da vitória. O árbitro Rogério Pereira Costa (MG) valida o lance.

**4 x 3 Portuguesa** - Tadeu Bosco da Cruz (SP) mandou voltar dois pênaltis defendidos por Gléguer; no primeiro, batido por Adãozinho, o goleiro da Lusa se adiantou bastante, e o assistente Manuel Andrade Filho agiu certo; no segundo, cobrado por André, o outro assistente, Marcelino Tomaz de Brito Neto, também mandou voltar, mas, na segunda cobrança, a invasão dupla de área foi permitida pelo árbitro; o lance do segundo pênalti também foi discutível: Sérgio Manoel botou o braço na bola ou a bola explodiu no corpo dele? Para fechar com apito de chumbo, o gol da vitória palmeirense aconteceu 40 segundos depois dos acréscimos generosos pedidos pelo árbitro.

# SUPERSTIÇÕES, MANDINGAS E CIA.

MILTON TRAJANO

*Minha mãe possuia um chaveiro do Grêmio. O Verdão enfrentou os gaúchos pela semifinal da Copa do Brasil de 1998. Na época, vivíamos sendo eliminado por eles. Do nada, meu pai pediu pra eu arrancar aquele símbolo do Grêmio. Fiz isso e ainda queimei e enterrei no quintal do vizinho. Eliminamos o Grêmio.*

*Depois veio a Libertadores de 1999. Jogo difícil contra o Vasco. Após um empate por 1 x 1 no Parque, vi necessidade em fazer algo no jogo de volta. Peguei dois adesivos do time carioca que tinha no vidro do meu quarto e recortei em sete pedaços. Enterrei num terreno perto de uma igreja. Eliminamos o Vasco.*

*A mandinga não tinha hora nem jogo pra acontecer. Tinha que vir naturalmente. E na Libertadores de 2000 ocorreu contra o Corinthians. Quebrei inteirinho meu jogo de botão do Corinthians. Joguei dentro de um saco e misturei com sal grosso. Joguei tudo na privada. Deu certo. Eliminamos os corintianos nos pênaltis.*

*A penúltima foi contra o Fluminense, pelo Brasileirão de 2002. Jogo no Maracanã, time precisando vencer. Tinha uma camisa antiga do Fluminense em casa. Dei sete nós na camiseta e joguei-a pela linha do trem. Vencemos o Flu por 3 x 0, mas jogos mais tarde não evitamos a queda para a segunda divisão.*

*Na Série B, tudo parecia perdido. Mas a minha simpatia não podia parar. E ela veio exatamente contra o Botafogo, no Caio Martins. Estive lá no Rio, e levei junto comigo sete botões do time carioca quebrados com martelo de bater carne. Os botões foram jogados na ponte Rio-Niterói dentro de um saco preto. Não deu certo ao ponto de vencermos. Mas também não deu errado.* **FABIO FINELLI, JORNALISTA**

# O PALMEIRAS CORREU PARA TIRAR OS PÉS DO CHÃO

## COMO TORNAR O TIME AINDA MAIS VELOZ? OS PREPARADORES FÍSICOS RESOLVERAM ENSINAR OS JOGADORES A "LEVITAR"

A principal virtude do elenco do Palmeiras foi não ter tirado os pés do chão. O tempo todo o time não entrou na onda do "já-subiu". A principal virtude do trabalho dos preparadores físicos Walmir Cruz e Irineu Loturco Filho foi tirar os pés dos jogadores do Palmeiras do chão.

Como? Para ficar mais veloz, o atleta precisa pisar cada vez menos no chão. Para tirar os pés da grama, um trabalho de 14 semanas, começado no final de setembro, foi feito para deixar o elenco mais forte e melhor coordenado. E veloz. Como se o Palmeiras pegasse um sujeito forte, como Ronaldão, misturasse com um craque coordenado, como Ronaldinho Gaúcho, e desse num Ronaldo Fenômeno, forte, coordenado, veloz.

Nas primeiras sete semanas, o trabalho foi feito na grama. Nas últimas sete, no piso duro do ginásio. Correr na areia? Era andar para trás. Correr na dureza aumenta a velocidade, porque não se perde energia em forma de calor. "É como jogar uma bolinha de tênis no gramado. Ela não pinga. Já no piso duro, ela quica legal", diz Loturco, que trabalhou a força e a velocidade do elenco.

No piso duro, o jogador é ensinado a tocar o menor tempo possível no solo. Saindo mais rápido do chão, e com mais força, o time sai para o jogo com mais velocidade. O contra-ataque letal dos últimos jogos não é chute. É ciência. Em 12 das 14 semanas de trabalho, nos treinos de piques de 10 metros, o time, em média, passou a chegar meio metro além do que conseguia.

Em cada pique, o Palmeiras de novembro passou a ganhar meio metro de vantagem sobre o próprio Palmeiras de setembro. Baiano foi um dos exemplos de superação. Vindo da Europa, e de férias, e sem um treinamento semelhante, ele conseguiu terminar o ano na ponta dos cascos — e do pé. Jogadores velozes de útero, como Lúcio e Muñoz, ganharam ainda mais torque, ainda mais potência. "O Palmeiras pode não ter sido o time melhor condicionado fisicamente do campeonato. Mas, certamente, foi o time que manteve mais tempo o ritmo durante as partidas", afirma Walmir Cruz.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

**Adãozinho arranca: trabalho inusitado da preparação física incrementou a característica mais marcante de um time jovem – a velocidade**

Não só em campo o time ficou mais rápido. Até quem estava fora dele, se recuperando, voltou mais depressa, por conta de um aparelho de eletroestimulação. Por 2 mil dólares de investimento, Magrão e Pedrinho voltaram mais cedo ao batente. Pedrinho foi um exemplo para todos. Nunca se queixou dos trabalhos físicos. Vitaminou todo o elenco, que entendeu a necessidade do trabalho.

Até a diretoria, em 2002 de bolso fechado para a preparação física e fisioterapia, abriu os cofres e investiu 250 mil reais em aparelhos. Deu carta branca aos preparadores físicos, que contaram com o apoio de Jair Picerni e do auxiliar Fred Smania. Rapidamente, os resultados apareceram. E o time saiu mais rápido do chão.

MILTON TRAJANO

## AS RAZÕES DA COBIÇA ALVIVERDE

**Havia um motivo para o Palmeiras querer tanto, além do acesso, o título da Série B. Era uma questão de preencher a galeria de troféus. Em todos os outros campeonatos que o clube já havia disputado, tinha vencido pelo menos uma vez. O clube, ainda Palestra Itália, foi o primeiro campeão do Rio-São Paulo, em 1933, e o que mais títulos conquistou – sem dividir o troféu: cinco vezes. Dos torneios nacionais que tiveram pelo menos três edições, o Palmeiras é o único que foi campeão de todos: ganhou duas vezes a Taça Brasil (1960 e 1967); foi o primeiro campeão da Taça de Prata, o Robertão, em 1967, e o clube que mais o conquistou – ganhou de novo em 1969; o Palmeiras ganhou também uma Copa do Brasil (1998) e a primeira Copa dos Campeões (2000). Foi o primeiro bi-campeão do Brasileirão (1972-73). Foi bi mais uma vez, em 1993-94. Considerando o Robertão como o primeiro campeonato verdadeiramente brasileiro, o Palmeiras é o clube que mais vezes levantou o troféu nacional: seis vezes.**

# Por que subiu?

ROGÉRIO PALLATTA

**APOSTA CERTA** O time de juniores já mostrava competência e união na Copa São Paulo, quando foi vice: o Verdão confiou em seus garotos e não se arrependeu

## AINDA BEM QUE O PRESIDENTE MUSTAFÁ CONTURSI NÃO CONSEGUIU VIRAR A MESA. O PALMEIRAS DESCEU, COMO MANDOU O REGULAMENTO. E SUBIU NO CAMPO, COMO QUERIA A SUA TORCIDA

POR MAURO BETING

O Palmeiras foi rebaixado, mas não se rebaixou. Caiu feio, mas subiu bonito, pelos próprios pés, sem se apoiar em mesa alguma. Mérito do elenco esforçado, da comissão técnica competente, da torcida que canta e vibra. E a diretoria? Pagou em dia (dever que virou virtude na virtual realidade brasileira), não atrapalhou o time (a não ser na hora de discutir premiação), mas quase melou a Série B.

O presidente Mustafá Contursi tentou, em janeiro, dar "uma viradinha" na mesa, nas palavras dele. Buscou filigranas na lei e grana na TV. Gramou para achar irregularidades que legalizassem a ilegítima intenção de continuar jogando na primeira divisão do Brasileiro.

Planejamento? Dos 22 (!) jogadores que chegaram (ou voltaram) ao Palmeiras, no início do ano, só Magrão terminou a temporada como titular. O time que Picerni mal conseguiu montar para o Paulistão foi desmontado depois de ser despedaçado pelo Vitória, na Copa do Brasil, por 7 x 2, três dias antes da estréia na série B.

Quatro meses levou o Palmeiras para fazer um time deletado nos piores 90 minutos de sua história. Picerni teve que recomeçar tudo, sem tempo para tanto. Sem dinheiro para gastar, sem muito diálogo num clube que só tem um que cobra (quando cobra...) e manda (como manda!), apostou no bom time sub-20 do Palmeiras, vice-campeão da Copa São Paulo de Juniores.

Alceu, volante, virou zagueiro, e dos bons; Diego Souza, que foi lateral com Luxemburgo, jogou

na dele, armando, e, depois, com a contusão de Alceu, virou o belo volante que vai ser; Edmílson, parceiro de Vágner na base, levou 16 rodadas para virar titular, e se virar em todas as funções da frente; Vágner, que quase foi para a rua por ter honrado o apelido Love na concentração dos juniores, foi comandar o ataque de um time até então atacado pela própria torcida.

Eram dias de muita bronca e poupo papo no Palmeiras: Índio, Neném, Zinho, Pedrinho, Thiago Gentil, Muñoz, Élson, até Adãozinho, amigo velho, todos batiam boca com Jair Picerni, ou não viam a boca do treinador se mexer. Os amigos do treinador entraram em campo. Explicaram a ele que o Palmeiras não era o São Caetano, onde as coisas se acertavam na conversa, no churrasco, na falta de pressão. O Palmeiras exigia garrote na garganta e garra em campo. Picerni, do jeito dele, entrou de sola. Exigiu menos baladas e mais bola da molecada, e parceria dos mais velhos: Marcos, Sérgio, Magrão, Daniel e Adãozinho viraram sub-gerentes do treinador. Fizeram o meio-campo do elenco, e uma forte defesa em torno de Picerni. "Se você não for procurá-lo para conversar, ele não vem falar. Ele é humilde, não é aquele cara prepotente que já chega falando", falou por ele o Marcos, que fala. E disse mais: "Eu nunca trabalhei com pessoas tão legais como o Jair e o Fred (Smania, auxiliar-técnico). Nunca um treinador deu tanta liberdade para a gente. É por eles que a gente vai subir."

O time começou a virar o jogo. A ficha caiu no meio do campeonato. E o Palmeiras subiu. Os garotos foram ganhando espaço, atenção e jogos. Os marmanjos entenderam as diferenças e sacaram que aquela molecada, criada no clube, não fazia as molecagens da turma que deu e remou para trás, em 2002. Eles brincavam fora, e jogavam sério dentro. Ouviam o que os mais velhos falavam e pediam. A marcação encaixou, o contra-ataque desequilibrou, o preparo físico da fez o elenco decolar. O grupo, enfim, se uniu.

A tabela sempre ajudou. Enquanto alguns times ficavam até 11 dias sem atuar, o Palmeiras jogava todos os sábados. Desde a sétima rodada, porém, todos os rivais ficavam ligados na TV, vendo os jogos da equipe. Todos querendo mostrar serviço. "O chato é que, muitas vezes, os caras não jogam nada nas outras partidas e vêm babando pra cima da gente", diz o lateral Lúcio. A televisão deu mais charme à disputa, mas ajudou a desequilibrar a competição: o Palmeiras entrou em campo para um jogo decisivo, contra o Marília, sabendo o que precisava fazer para voltar.

Ao final da primeira fase, o clube acabou seis pontos à frente do Botafogo. Já na segunda rodada do quadrangular decisivo, não seria mais alcançado. O Palmeiras tinha o melhor ataque, o melhor saldo, o maior número de vitórias, o melhor aproveitamento como visitante, o melhor público, o melhor jogador do campeonato (Vágner Love), o melhor goleiro no Brasil (Marcos), o melhor time. Somando os muitos méritos e os não poucos deméritos alheios, o Palmeiras foi o melhor. Porque nunca se achou o melhor.

**"NUNCA TRABALHEI COM PESSOAS TÃO LEGAIS COMO O JAIR *(PICERNI)* E O FRED *(SMANIA, AUXILIAR-TÉCNICO)*. É POR ELES QUE A GENTE VAI SUBIR"**

DO GOLEIRO MARCOS, SOBRE OS CHEFES

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

**TROPA DE CHOQUE** **Adãozinho, Daniel, Magrão, Marcos e Sérgio: blindagem em torno de Picerni garantiu tranqüilidade e autoridade perante o elenco**

Desde o primeiro chute na Segundona, o Palmeiras só poderia ser campeão. A lógica dizia que Palmeiras e Botafogo subiriam. Mas a lógica também dizia que dois enormes não cairiam para a segunda divisão.

A lógica dispensa os porquês da vitória de um gigante como o Palmeiras. Mas é preciso justificar como é que um time enorme cai. Felipão, que ficou torcendo lá de Portugal, sempre disse que "o time que não sabe porque perde, não sabe porque ganha". Aquele time que rebaixou o Palmeiras sabia porque perdera em 2002. O time que fez o Palmeiras voltar a ser Palmeiras sabe porque ganhou. O campeão do século 20 pelo ranking da Placar, o único clube a ganhar todos os títulos disputados no país, dos poucos grandes do país a voltar pela porta da frente à elite. Esse Palmeiras soube mais que os demais. Soube sempre levar de vencida. De fato, é o campeão.

**"O CHATO É QUE, MUITAS VEZES, OS CARAS NÃO JOGAM NADA NAS OUTRAS PARTIDAS E VÊM BABANDO PRA CIMA DA GENTE"**

DO LATERAL LÚCIO, SOBRE A DISPOSIÇÃO DOS ADVERSÁRIOS

# SUPER-A

A LISTA É ENORME, INESQUECÍVEL. MAS TRÊS NOMES SIMBOLIZAM A VIRADA PALMEIRENSE. NA VERDADE, (UATRO

Hulk, o incrível monstro verde, deu as caras no Parque Antártica e virou símbolo da alegria palmeirense. Ele conheceu o time e descobriu que não é mais um herói solitário

ALEXANDRE BATTIBUGLI

**MARCOS**
O goleiro dá mais valor ao título da Série B que ao pentacampeonato. Fazer o que no Arsenal?

FOTOS RENATO PIZZUTTO

Marcos diz que o título da Série B importa mais que o penta. Quem o conhece, sabe que ele pensa assim. E não joga para a torcida, não. Ele é a torcida. Coisa de louco? Coisa de Marcos, anjo-guardião do Palmeiras. O maluco que defendeu o pênalti de Marcelinho, em 2000, com o pulso quebrado. O lunático que não pesou as libras do Arsenal ("o que eu iria fazer lá? Não tem sítio, nem cachaça, nem cigarrinho de palha..."). O fanático que desfilou o pentacampeonato mundial em Brasília com a camisa do Palmeiras.

É o mesmo Marcos que defende o clube como poucos defenderam em 89 anos. "Na Segundona, sem refletor, no escuro, campo ruim... Mas é bom. Se eu não estiver sendo cobrado, eu só faço bobagem. Palmeiras contra Tiriça, pode esperar que eu vou entregar a rapadura."

# -AMIGOS

DADE, QUATRO: MARCOS, O SANTO MILAGREIRO; MAGRÃO, O PULMÃO DE AÇO; VÁGNER LOVE, O MATADOR; ...E HULK

**VÁGNER**
O artilheiro do amor foi o melhor jogador deste campeonato: o Verdão prova que tem futuro

**MAGRÃO**
Após o trágico 7 x 2 para o Vitória, uma noite em claro. E a promessa de não deixar o clube

Não era o Tiriça, muito longe disso. Era o Vitória. Já estava 6 x 2, pela Copa do Brasil, e no Parque Antártica! Marcos foi dar um bico na bola, na defesa, no time, na raiva, na dor. E furou tudo. Pateticamente, deu o gol a Nádson. "Misericórdia, Marcos!", foi o máximo que Adãozinho, dos mais queridos do elenco, líder dos atletas evangélicos, conseguiu falar para o mito que, como o Palmeiras, passava batido pela bola. Batido, não. Abatido. Marcos não sabe o que foi aquela noite, nem a madrugada. Deitou na cama, mas não dormiu.

Marcos ainda vestiu o pijama. Magrão, que não caiu com o time em 2002, ficou prostrado com os 7 x 2. De calção, foi encontrado pelo assessor de imprensa na sala de casa, sentado na mesma cadeira durante a madrugada. Magrão havia perdido o jogo e o equilíbrio. E passou outras noites sem dormir, matutando as propostas do Japão, do Grêmio e da Udinese, que até mostrou onde e como ele jogaria na Itália. Mas Magrão só gostaria de ir para lá deixando o time que aprendeu a gostar na primeira divisão. "Eu não posso sair do Palmeiras assim. Eu preciso levar o time de volta."

Vágner Love fez a dele. Até o jogo contra o Sport, em Garanhuns, marcou 17 gols e deu o passe para nove. Só um de cabeça, nenhum de fora da área. Mas, dentro dela, ele é o bicho. Foi o melhor jogador do torneio. E quase foi mandado embora dos juniores, por um caso de amor fora de hora. Ficou na geladeira, mas o pé foi mais quente. Até o final do campeonato, gols de todos os jeitos, jeitão de craque do time. Folgado? Só fora de campo, nas roupas. Fala, Marcos: "A molecada é sossegada. Arregaçam total fora, mas, dentro de campo, eles respeitam os mais velhos". E o torcedor grita pelos velhos e novos heróis do panteão da Academia. >

**ELE SURGIU NO MOMENTO MAIS IMPORTANTE DA HISTÓRIA DO PALMEIRAS. DECISIVO NA LIBERTADORES-99, MARCOS SOBREVIVEU – NUNCA CALADO – À SAÍDA DA PARMALAT, À POLÍTICA DO BOM E BARATO, AO VEXAME DO REBAIXAMENTO E ÀS EXIGÊNCIAS FEITAS A UM PENTACAMPEÃO DO MUNDO. SEUS FÃS SÃO, TAMBÉM, DEVOTOS – EMBORA O MILAGREIRO RENEGUE A SANTIDADE**

POR
**DANIEL TOZZI**

"Ele vai ter que engolir", diz um palmeirense sobre Zagallo ter digerido o retorno de Marcos à Seleção Brasileira após um imbróglio entre os dois num amistoso contra o México. Mas a frase que caberia na boca de qualquer fanático é proferida, na realidade, pelo maior mito da história do Palmeiras. Ademir da Guia abre mão de sua angustiante discrição para cutucar o técnico que o deixou no banco na Copa de 1974 e advogar pelo goleiro que, segundo ele, já subiu todos os degraus necessários para figurar ao seu lado e de outros poucos como um dos maiores ídolos do clube em todos os tempos.

Mas, além dessa condição, as conquistas dentro de campo deram a Marcos boa dose da autonomia necessária para falar o que bem entender; onde, quando e a quem desejar, o que contraria o habitual estilo do Divino. "Dentro do plantel *(do Palmeiras)*, a última voz é a dele", diz o zagueiro Argel, ex-Palmeiras e hoje no Benfica.

"Eu sou honesto. Falo aquilo que acho que é e pronto, acabou. Não me preocupo com o exemplo que estou dando. Se quiser beber uma cerveja, vou beber", afirma o goleiro, que não poupa nem mesmo seu apelido celestial. "É legal para o ego, mas dá uma responsabilidade muito grande, e não gosto disso. Tem gol que todo mundo toma, mas eu tenho que pegar, porque sou pentacampeão, porque sou São Marcos... sou goleiro, não sou santo porra nenhuma."

**A fama de milagreiro, Marcos admite, faz bem para o ego. Mas tem horas que ele se irrita: "Não sou santo porra nenhuma!"**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# Santo forte

Quando a tão falada autenticidade encontra o coração que, garante Marcos, sempre foi verde, o resultado quase sempre abala as estruturas do clube. "Nunca critiquei o time publicamente", afirma Marcos. "O que sempre faço é explicar uma vitória, um empate ou uma derrota", diz. "Às vezes, ele exagera, mas eu gosto desse tipo de jogador. Quem quer vencer, supera essas coisas. Os problemas surgem com quem não quer nada com nada", afirma o técnico Luiz Felipe Scolari.

"O Marcos respira o Palmeiras e, por isso, com ele não existem melindres. Ele é assim com qualquer um, até com o presidente da República", diz o meia Alex, hoje no Cruzeiro. Apesar do crédito, Marcos julga que ainda não perpetuou seu nome. "Não estou na história do Palmeiras porque minha carreira aqui ainda não terminou. E a história muda. Hoje, sou ídolo, talvez o ano que vem a torcida não goste tanto de mim."

No Brasileirão-2002, de triste memória para o palmeirense, a indignação de Marcos crescia em progressão geométrica em relação ao tamanho do vexame que se desenhava. "Os caras *(jogadores)* dentro do avião agindo como se tivessem ganhado, dando risada. E eu f... E, se desse uma dura em alguém, era aquela história de 'Marcos critica elenco'. Aí, todos foram embora, e o reclamão, que sabia que isso ia acontecer, ficou", afirma.

O êxodo pós-queda aconteceu, mas Marcos dispara mesmo contra apenas um jogador. "O Nenê *(atacante, hoje no Mallorca, que chamou o Palmeiras de 'time perdedor')* se deu bem, né? Foi para o Santos... e ganhou o quê no Santos?", diz Marcos, irritado. "Nem Palmeiras nem Santos são times perdedores, o perdedor é ele, que não tem título. Aquele time, e não o Palmeiras em si, é que foi o perdedor no ano passado. E isso porque passou jogador do nível dele por aqui", diz o goleiro. "Talvez se fosse esse time, formado no clube, que tivesse jogado no ano passado, não teríamos caído. Porque o Edmílson foi feito aqui, o Alceu foi feito aqui, o Vágner, os caras gostam do Palmeiras porque cresceram aqui."

**"TALVEZ SE FOSSE ESSE TIME QUE TIVESSE JOGADO NO ANO PASSADO, NÃO TERÍAMOS CAÍDO. O EDMÍLSON, O ALCEU, O VÁGNER FORAM FEITOS AQUI. OS CARAS GOSTAM DO PALMEIRAS PORQUE CRESCERAM AQUI"**

MARCOS, SEM ESCONDER A MÁGOA DOS JOGADORES QUE DEIXARAM O PALMEIRAS APÓS O REBAIXAMENTO

Agora, sobre ratificar sua permanência no Parque Antártica, Marcos, com contrato até junho de 2004, passa a bola para Mustafá Contursi e para as torcidas organizadas. "Quando acabar o ano, vou ter uma reunião com os caras da Mancha, da TUP *(Torcida Uniformizada do Palmeiras)*, para ver se eles acham se eu tenho condições de ficar mais um tempo aqui."

A hipótese de o pentacampeão se queimar é improvável. "Nossa posição não precisa nem falar, o Sérgio *(goleiro reserva)* e ele encerram a carreira no Palmeiras. Será legal se tivermos que sentar e dizer isso para ele", afirma Paulo Serdan, líder da Mancha Alviverde. E Mustafá diz que já começou a conversar com Marcos "para renovar por quanto tempo for possível". Claudio Guadagno, procurador de Marcos, diz que o cliente não pensa em sair do clube. "O que eu sei é o amor dele pelo Palmeiras. Ele quer ser reconhecido, eternizado. E acho que merece, até mesmo por não abandonar o clube no pior momento." ○

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Vágner segura a bandeira que defende tão bem: "Amadureci desde o início do ano. Entendi o que significa ser profissional"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# Loverdão

**ANTES MESMO DE SER PROFISSIONAL, ELE PÔS SUA CARREIRA EM RISCO AO TENTAR "SE DAR BEM" AO ESTILO DO ÍDOLO ROMÁRIO. SALVOU-SE, MAS NÃO SEM ANTES GANHAR O APELIDO QUE IRÁ CARREGAR PELO RESTO DA VIDA. VÁGNER CUMPRIU A MISSÃO DE MARCAR OS GOLS QUE DEVOLVERAM AO PALMEIRAS A AURA PERDIDA COM O REBAIXAMENTO**

POR **DANIEL TOZZI**

"O que tem o Vágner?", disse um desconfiado Fernando Gonçalves, diretor de futebol do Palmeiras, ao saber do interesse da Placar em entrevistá-lo. O zelo do dirigente, no entanto, se justificava. Com apenas 19 anos, esse jovem que cresceu em Bangu, no Rio de Janeiro, e chegou ao Parque Antárctica em março de 2001, conseguiu catalisar como poucos a esperança que marcou os dias mais angustiantes da história do clube. Sim, porque, se hoje o camisa 9 é uma realidade, jogador de seleção, é bem verdade que algumas mancadas por pouco não abreviaram a carreira de Vágner Silva Nascimento. Afinal, mais que gols ou boas atuações, foi o flagrante na Copa São Paulo de Juniores em janeiro deste ano — quando fora descoberto com uma mulher na concentração à véspera de um jogo decisivo —, que levou às manchetes esportivas não o garoto promissor que se tornara no ano passado, com 32 gols, o maior artilheiro da história do Campeonato Paulista da categoria, mas sim mais um candidato à craque-problema que, em poucos meses, saiu do anonimato para atender pelo nome de Vágner Love, o Artilheiro do Amor.

"Não me incomodo com esse rótulo", diz o jogador, que nega ser um namorador de mão cheia. "No Rio, tive apenas uma namorada, quando tinha 15 anos". Na realidade, Vágner pouco — ou melhor, nada — faz para que imprensa e torcida parem de se referir a ele dessa maneira, mesmo após o clube ter-se mostrado contra a idéia. "O episódio em São José dos Campos *(sede do grupo do Palmeiras na Copa SP)* me ajudou *(a aparecer)*, mas quero ser reconhecido pelo que faço no campo, e não por um erro que cometi fora dele", diz, ciente de que o deslize do passado virou peça de marketing pessoal. Ele admite que ser "love" tem suas vantagens. "Já que estão me chamando assim, vamos deixar do jeito que está", afirma.

> **"NÃO ME INCOMODO COM ESSE RÓTULO. JÁ QUE ESTÃO ME CHAMANDO ASSIM, VAMOS DEIXAR DO JEITO QUE ESTÁ"**
>
> VÁGNER, SOBRE O APELIDO "LOVE" QUE ELE GANHOU APÓS SER DESCOBERTO COM UMA MULHER NA CONCENTRAÇÃO

"Ele tem condições de ser um dos principais atacantes do país, mas precisa colocar a cabeça no lugar", afirma o técnico Jair Picerni. Vágner, no entanto, nega qualquer tipo de abuso. Reconhece que nos momentos de folga sai para se divertir ao som de *funk* e pagode, mas sempre com moderação. "Amadureci bastante desde o início do ano, entendi o que significa ser profissional."

Entre erros e acertos, Vágner Love começa a capitalizar. Negociou com o Palmeiras um novo contrato (com aumento, lógico) até 2008. Além disso, a Adidas acertou patrocínio de um ano com o atacante. Love recebe mil reais em material esportivo da empresa, além de bônus.

Sobre a chance de figurar ao lado dos (bem) mais badalados Kaká, Diego e Robinho nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), ele mostra otimismo. "São jogadores inteligentíssimos e acho que eu, como centroavante, me encaixaria bem ao jogo deles." E fora de campo, com as tietes, quem levaria a melhor? "Ah, nessa eu ia ficar em último, só no rebote", afirma o Artilheiro do Amor, que diz ter por meta, hoje, conquistar o coração dos milhões de palmeirenses. Como se faltasse seduzir alguém...

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# Segunda pele

**TODO TORCEDOR QUER TER UM REPRESENTANTE DIRETO EM CAMPO; AQUELE QUE JOGA TORCENDO, SOFRENDO, XINGANDO, VIBRANDO, COMO ELE FAZ NAS ARQUIBANCADAS. NO PALMEIRAS, ESSE HOMEM É MAGRÃO. ELE DÁ SENTIDO À EXPRESSÃO "VESTIR A CAMISA"**

POR MAURO BETING E ANDRÉA LEAL

Magrão tem uma foto de moleque vestido com a camisa do São Paulo, presente imposto pelo tio fanático. Ele teve como ídolos Neto (dos tempos do Guarani, em 1988), Raí (do São Paulo de 1992-93) e Edmundo (do Palmeiras de 1993-95). Político? Apaixonado por futebol, acabou enlouquecendo pelo Palmeiras. Por esse time, passou duas noites sem dormir após uma oferta tentadora da Udinese, no meio da Série B. Ele não queria deixar o Palmeiras na mão. Ele ainda deseja jogar na Europa, mas quer deixar as portas abertas para voltar ao clube pelo qual torceu nas finais de 1993, quando o amigo Sérgio defendeu a meta na decisão inesquecível contra o Corinthians — jogo que tirou o time da fila. Para o mesmo time que ele viu ser bicampeão paulista, em 1994, em Santo André, pertinho de sua casa.

Magrão é pé para toda obra. Tem e não teme cara feia. Só tem pavor de avião. Em Sobral e Marília, não passou bem lá no alto, mas jogou muito, embaixo. Joga cada vez melhor porque aprendeu a ver os próprios defeitos. É uma das tantas coisas que aprendeu com Marcos. "Ele sempre diz que o pior jogador é aquele que não sabe dos defeitos que tem e só fala dos defeitos dos outros". Mais ou menos como metade do time que foi rebaixado em 2002.

Magrão havia voltado ao São Caetano no início do Brasileirão do ano passado, chutado do Palestra Itália por Vanderlei Luxemburgo, com quem quase saiu no tapa no vestiário. A ironia é que, antes de acertar o retorno ao Azulão, ele quase foi parar no Cruzeiro. Que logo depois viria a ser dirigido pelo mesmo Luxemburgo. No São Caetano, Magrão temia se dar mal com Mário Sérgio, que metia a língua nele quando comentarista. Deu o contrário: Mário virou pai, um irmão. Com ele, chegou às quartas-de-final do Campeonato Brasileiro.

Mas quase que Magrão acaba com um jogador do time campeão brasileiro. No fatídico 17 de novembro de 2002, o Palmeiras perdeu para o Vitória e foi rebaixado. A partida do Barradão terminou antes do final da vitória do São Caetano sobre o Santos, no Anacleto Campanella. Quando o serviço de som anunciou o rebaixamento do Palmeiras, um jogador santista passou por Magrão e não perdoou: "Vai, volta pra lá. Você vai jogar a segunda divisão no ano que vem". Por muito pouco Magrão não respondeu o que estas linhas não poderiam publicar.

Magrão voltou, jogou, ganhou. Mas não jura vingança. "É coisa de jogo", diz, cada vez mais equilibrado. "No começo da carreira eu batia, de uns dois anos para cá eu só estou apanhando", diz. O colega Pedrinho foi um dos que o aconselharam a mudar de estilo. "A gente se orgulha de ver que ele evoluiu muito", afirma.

Quem se lembra bem da fase violenta do palmeirense é Dill, do Botafogo. Ele levou cinco meses para se recuperar da fratura na perna, causada por uma entrada de Magrão num jogo entre Palmeiras x São Paulo. "Acho que veio me dar um carrinho", diz. Dill conta que o adversário ficou preocupado e ligou no dia seguinte para ver como ele estava. "O Magrão é um cara que quer sempre ganhar, joga duro. Às vezes exagera, mas não tem maldade." Seu técnico atual, Jair Picerni, faz coro. "O espírito do Magrão é muito bom, não tem dia ruim. Ele joga com o coração." Com o coração verde.

> "NO COMEÇO DA CARREIRA EU BATIA. DE UNS ANOS PRA CÁ, SÓ ESTOU APANHANDO"
>
> MAGRÃO, QUE GARANTE TER DEIXADO DE LADO O JOGO VIOLENTO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Magrão sorri com a camisa alviverde. "Sempre fui palmeirense"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# LANTERNAS VERDES

## NA GALERIA DOS MAIS ODIADOS, O ABOMINÁVEL HOMEM-GRAVATA E O TERRÍVEL NENÊ-TRAÍRA

Vilões são todos os que perdem, heróis são todos os campeões, no maniqueísmo do futebol. De Marcos a Mustafá, todo mundo que subiu merece estátua. De Arce a Alexandre, todos que caíram, se estátuas, que sejam alvos de pombos!

Há vilões que jogam para a torcida, há inimigos íntimos do elenco. Nenê, um dos melhores atacantes do Palmeiras de 2002, é o inimigo privado número um dos que já estavam no ano passado e inspiraram o apelido de Lanterna Verde para o time. Marcos não pode vê-lo pela frente, e já soltou cobras e lagartos na Placar de novembro. A torcida lamentou a ida de Nenê para o Santos e glorificou os céus pela saída do zagueiro Alexandre. "Ele foi infeliz no final, mas era muito importante para nós", afirma Sérgio, em defesa do indefensável (para a torcida) colega de time.

Alexandre já havia sido expulso num jogo decisivo contra o Boca Juniors, na Libertadores de 2001. Nos jogos finais do Brasileirão de 2002, entregou o ouro contra o Flamengo e a platina contra o Vitória, em duas falhas bisonhas. Negociado com o Goiás, manteve a regularidade e foi mandado embora quando o time era o lanterna da Série A, este ano.

**"EU TENHO 0% DE CULPA PELA QUEDA DO PALMEIRAS PARA A SEGUNDA DIVISÃO"**

Dodô foi uma das poucas unanimidades entre elenco e torcida. Fez 19 jogos e apenas cinco gols com a camisa do Palmeiras. Uma vez afastado por Picerni, procurou clube para jogar e foi ser ídolo na Coréia do Sul. Outros da péssima campanha se saíram bem com a saída: Rubens Cardoso foi para a reserva de Léo, no Santos, mas chegou à final da Libertadores; Leonardo Moura teve bons momentos no São Paulo; Itamar mal passou pela Ponte Preta, jogou no São Paulo e conta dólares na Coréia do Sul; Flávio virou capitão do Internacional; Juninho até gols faz no Japão; Paulo

Luxemburgo gesticula. Sempre atuante, ele mudou o estilo quando saiu do Palmeiras: preferiu lavar as mãos desta vez

FOTOS: ALEXANDRE BATTIBUGLI

Assunção marcou o mais bonito gol da temporada em Portugal; Zinho foi bater recordes no Cruzeiro; apenas César, reserva no Corinthians, e Lopes, mandado embora do Fluminense — além de Alexandre — se deram mal. Ou continuaram mal.

Arce, unanimidade palmeirense, poderia até atuar no Corinthians que seria admirado. Jogando pelo Gamba Osaka, usualmente via o Palmeiras pela TV, e muitas vezes telefonou para Walmir Cruz, preparador físico, ainda no vestiário, para cumprimentar o time pelas vitórias.

Outra unanimidade é Vanderlei Luxemburgo. Nem tanto para o elenco, certamente para o palmeirense. Aquele que é, para muitos, o melhor treinador do Brasil, lavou as mãos quanto ao rebaixamento em 2002. "Eu tenho 0% de responsabilidade pela queda". Ele até pode ter razão, afinal, quando saiu, faltavam longas 24 rodadas para acabar o campeonato, e ele mesmo dizia que o Palmeiras tinha time tanto para ser campeão quanto para ser rebaixado. Mas o mesmo treinador que disse que se sentia "campeão" pelo Corinthians de 2002, por ele ter armado aquela base em 2001 (e, de fato, teve participação naquele sucesso), não pode se eximir do fracasso.

Luxemburgo tinha todos os motivos para trocar o Palmeiras pelo Cruzeiro e fazer a campanha brilhante que fez. O palmeirense tem toda a emoção para criticá-lo. As muitas razões de Luxemburgo não o deixam acima dela.

> **"ELE FOI INFELIZ NO FINAL, MAS ERA MUITO IMPORTANTE PARA NÓS"**
> (DE SÉRGIO, SOBRE ALEXANDRE)

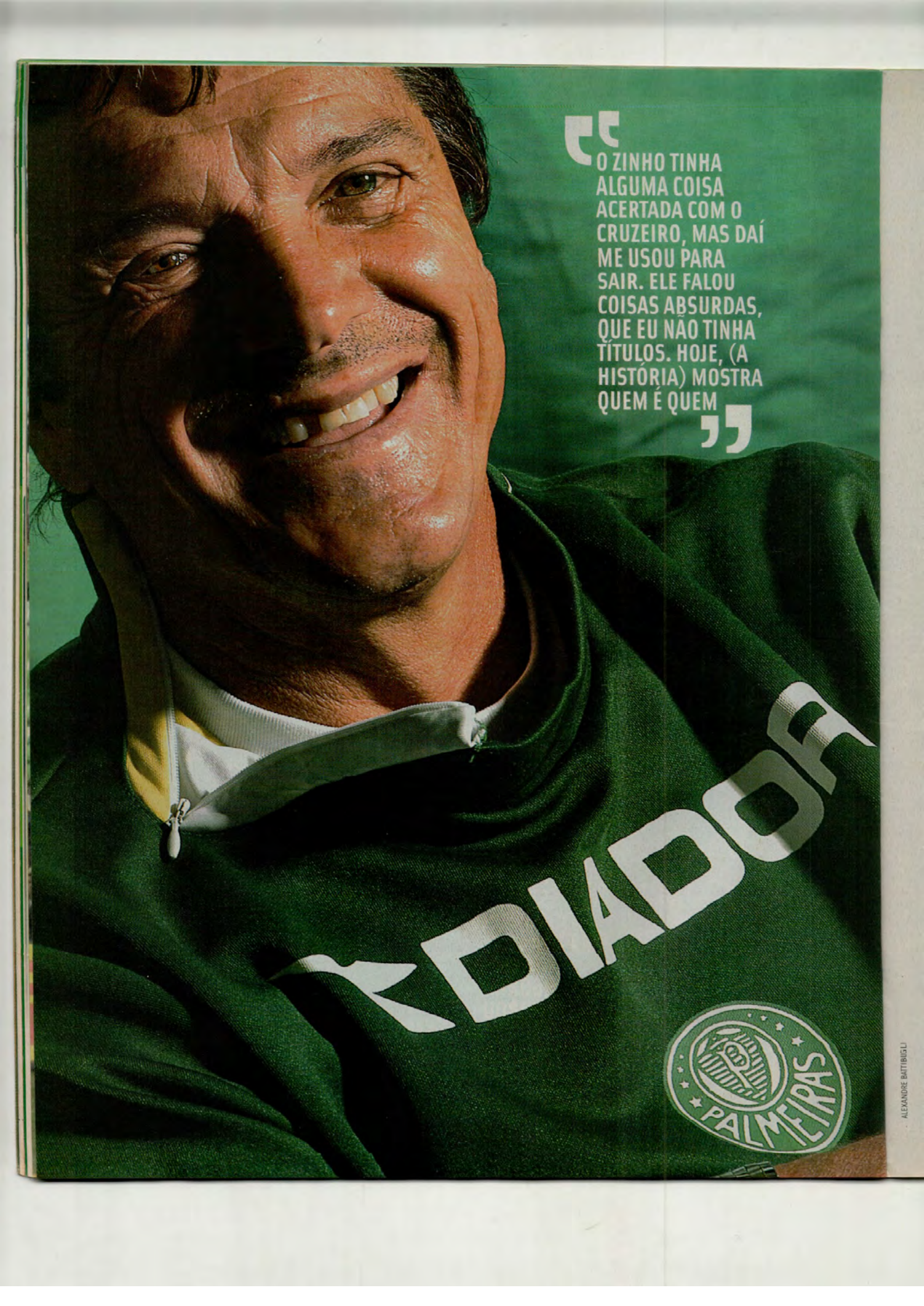
Nenê *(acima)* jogou mais ou menos e irritou os colegas; Dodô *(abaixo)* jogou pouco e falou menos ainda; Alexandre *(ao lado)* falou demais e jogou nada

RICARDO CORRÊA

No princípio, era Marcos e mais dez. Agora até Luciano do Valle já reconhece Lúcio e sua turma

# Nunca fomos tão felizes

## O DIA EM QUE A TORCIDA DESCOBRIU QUE O CAMISA 9 E "AQUELE LATERALZINHO BOM" ERAM VÁGNER LOVE E LÚCIO

POR **RICARO CORRÊA**

Quando começou a Segundona, escrevi na Placar minhas impressões sobre um estranho sentimento que levava novos e velhos palmeirenses ao estádio. Sem saber, os palestrinos iniciavam, numa aposta cega, a corrente que nos levaria à Série A. Narrei a estranha sensação de ver caras e novos nomes. O torcedor que peregrinava ao Parque Antártica era uma fotografia antiga que lembrava de Ademir, mas não sabia o nome do número 5 (Marcinho), ou daquele "lateralzinho bom, hein?" (Lúcio).

Era uma confusão danada. Devotos verdes só sabiam rezar por São Marcos, esse sempre presente em nossos corações. A Série B era uma ferida, mas estavam todos ali para curá-la. Os jogos vieram e tomei assento na maioria deles. Ficava ao lado da torcida Sinal da Cruz, cuja figura mais engraçada é uma velhinha que xinga todo mundo e distribui balões infláveis que os meus filhos adoram. Sim, eu tenho dois moleques palmeirenses. Imaginei ser difícil manter os meninos palmeirenses com o time na Segundona. Para se ter uma idéia, o maior ídolo do Henrique, de 6 anos, era o Muñoz. Ele, corretamente, perguntava nos primeiros jogos: "Pai, por que o Muñoz não joga?" Era difícil responder. Não tinha argumentos para justificar a escalação do Edmílson.

> "A SÉRIE B ERA UMA FERIDA, MAS ESTAVAM TODOS ALI PARA CURÁ-LA. NOSSA VERGONHA VIROU AFIRMAÇÃO VERDE"

O tempo, as vitórias e o Palestra Itália sempre lotado transformaram nossa vergonha em afirmação verde. Edmílson, Lúcio, Marcinho, Diego Souza e o implacável Vágner Love ganharam coro da torcida e o coração dos meninos. Luciano do Valle, o locutor que transformava nossos jogos em dramas emocionantes, deixou de chamá-los pelos números da camisa, descobriu que tínhamos mais craques além de Vágner Love. "Lúcio, Lúcio, como joga este lateral, sério candidato ao celular da Oi". O Love ganhou tantos que daria para abrir uma lojinha de telefones.

Sábado, no segundo jogo contra o Marília pelo quadrangular decisivo, quando os auto-falantes anunciaram a escalação do Palmeiras, não ouvi mais o zum-zum-zum nem vi cara de interrogação. Marcos, Baiano, Leonardo, Glauber, Lúcio, Marcinho, Élson, Magrão, Diego Souza, Edmílson e Vágner Love saem tão fácil quanto o Hino do Palmeiras, cantado com força e amor. Sábado, quando o juiz pôs fim ao jogo, acabou a nossa aventura pela Série B. Nunca sofremos tanto, nunca fomos tão felizes

ALEXANDRE BATTIBUGLI

POR DANI BLASCHKAUER

# "EU VIREI O JOGO"

**JAIR PICERNI** CHEGOU COM FAMA DE PÉ-FRIO E TÉCNICO DE TIME PEQUENO. LEVOU DE SETE DO VITÓRIA, FOI CORNETADO PELOS JOGADORES, MAS AGÜENTOU E CALOU OS CRÍTICOS. AGORA, VAI PARA O JAPÃO

**Quando chegou ao Palmeiras, você estava marcado como eterno técnico do São Caetano. Acha que já deu para se desvincular do time do ABC?**
Hoje, meu coração é Verdão. Aliás, isto vem da minha formação. De 8 a 12 anos, ia assistir aos jogos no Pacaembu com o meu pai a pé. A gente saía da Barra Funda e eu ganhava um lanche para compensar todo aquele passeio. E eu dizia para o meu pai: 'o senhor ainda vai ver eu dar um chute neste campo com a camisa do Palmeiras'. Hoje, estar com o Palmeiras é um complemento dos meus sonhos. E sei ainda que coisas boas virão por aí. Não sei o que é, mas tenho que deixar acontecer.

**Por que seu início no Palmeiras foi tão difícil?**
Apanhamos um pouquinho no começo, porque não conhecíamos ainda o que era o Palmeiras na segunda divisão, o ambiente. Iniciamos o ano com uma pequena reformulação. Mas depois fomos conhecendo a pressão, a torcida e passamos a assimilar bem. Com a definição do grupo, as coisas começaram a se ajeitar a tal ponto que, por pouco, não vamos para a decisão do Paulista. Chegamos ao mata-mata com o Corinthians, mas perdemos porque ficamos sem jogadores importantes na segunda partida.

**Como você encarou as saídas tumultuadas de jogadores como Zinho e Neném, que falaram cobras e lagartos de você?**
O Zinho tinha alguma coisa acertada com o Cruzeiro, mas daí me usou para sair. Ele falou coisas absurdas, que eu não tinha títulos. Respeito o passado dele, mas o que importa é o hoje. Já o Neném, o que ele fala não acrescenta nada. O problema do país hoje não é a fome, mas a inveja. E eu não tenho inveja de nada. Mas isto não é uma resposta a eles ou para o Fernando *(Fernando Gonçalves, diretor do clube no primeiro semestre)*. Hoje, *(a história)* mostra quem é quem. Passei a ter o grupo na mão, um grupo de macho. Tenho liderança sobre eles só com o olhar

**Quem acabou te segurando no clube após a goleada sofrida para o Vitória (7 x 2 em pleno Parque Antártica)?**
Fui contratado para fazer o Palmeiras voltar à primeira divisão e tive de administrar a pressão, afinal o clube tem uma história baseada em conquista de títulos. E a pressão assustou um pouquinho, mas o jogo com o Vitória foi atípico, tanto que logo depois poderíamos ter vencido por 5 x 1, na volta. E ainda todos viram que o time estava para contratar reforços importantes, como o Edmundo, o Evair, o Jardel, o França...

**Você vivia pedindo reforços mais experientes. Quando se convenceu de que a garotada daria conta do recado sozinha?**
No momento que falavam das contratações, íamos conversando com a diretoria e vendo que os valores das negociações estavam muito distantes. A partir daí, fomos analisando melhor as categorias de base, vendo os juniores na Copa São Paulo e, com o tempo, todos começaram a sentir firmeza.

**Os últimos técnicos que passaram pelo Palmeiras, incluindo Felipão e Luxemburgo, tiveram atritos com Mustafá Contursi. Qual foi o seu segredo para se entender bem com ele?**
O presidente sempre foi profissional comigo. Ele mesmo foi quem conversou comigo na hora da minha contratação. E, quando saí do São Caetano, deixei propostas do Cruzeiro, Internacional, seleção do Peru, da Arábia Saudita, porque sabia que vinha uma proposta boa. O presidente foi até a concentração algumas vezes, inclusive em Extrema-MG *(local onde o Palmeiras ficou concentrado antes de confrontos decisivos na Segundona)*, falar das idéias, dos objetivos.

**E os planos para o time na Primeira Divisão em 2004?**
Há um plano, mas ele estava quietinho até agora. Mas antes de falar sobre quem o Palmeiras vai contratar, o clube precisa ver quem vai sair. A maior preocupação é segurar o maior número possível de jogadores. Sei que, se o Palmeiras estivesse disputando a Série A este ano, estaria brigando por um lugar na Libertadores. Só precisaríamos de uns três reforços. *(Jair participou do planejamento do time para 2004, mas acabou, durante as conversas, aceitando uma proposta de 1,5 milhão de dólares para trabalhar no futebol japonês, no Kashima Anthlers, na próxima temporada)*

**Depois desta temporada pelo Palmeiras, você se imagina trabalhando novamente em clubes de projeção menor, como o São Caetano?**
Espero agora ter um equilíbrio nas equipes de ponta. Quero me manter um pouquinho nestas equipes. Não sei dizer até quando, mas não penso em ser gerente ou algo do gênero. Quando deixar de ser técnico, o que penso é em ir ao estádio e ficar xingando os outros treinadores.

**O que te deu mais emoção: subir com o Palmeiras para a primeira divisão ou ter ido à final da Libertadores com o São Caetano?**
Vou guardar os dois com muito carinho, foram duas grandes fases. Mas com certeza este *(no Palmeiras)* é o melhor momento profissional da minha carreira.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"AS RECLAMAÇÕES DOS TORCEDORES FORAM NORMAIS. O QUE ME ABALA SÃO AS ATITUDES NOCIVAS DE ALGUNS ORDINÁRIOS QUE ME AMEAÇARAM, ME OFENDERAM E ME AGREDIRAM"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

POR EUGENIO GOUSSINSKY

# SAINDO DE CENA?

## MUSTAFÁ CONTURSI JÁ PROMETEU ISSO DIVERSAS VEZES, MAS AGORA, COM O ACESSO DO PALMEIRAS, JURA MESMO QUE VAI APOSENTAR A CARTOLA – DESDE QUE A OPOSIÇÃO NÃO ASSUMA...

**Por que o sr. evitou dar declarações antes do acesso estar garantido? Medo de urucubaca?**
Nas últimas rodadas, estava muito ansioso. Não queria falar nada antes de concretizarmos a classificação, ganhando os pontinhos necessários. Foi duro, angustiante, preferi evitar a euforia antecipada.

**A oposição vai ter que engolir Mustafá Contursi agora, depois do retorno do Palmeiras à Série A?**
Os oportunistas vão se arrepender do que fizeram. Mas sempre estive acostumado com este tipo de crítica. Até na fase áurea dos anos 90 eu era criticado de forma discriminatória.

**Essa promessa de deixar o comando do Palmeiras com a volta do time à primeira divisão está valendo ou é conversa?**
Está valendo. Desde já iniciaremos um processo para construir uma candidatura que me substitua. Mas, como toda transição em um clube de futebol, leva um pouco de tempo. Só aviso o seguinte: não pensem que haverá espaço para a meia dúzia de opositores atuais. Aí, não haveria o meu apoio.

**O sr. pensa no fato de estar se aposentando num momento vitorioso e, por isso, saindo por cima?**
Esta é uma vitória do clube. Não administro no sentido pessoal e por isso vejo os resultados como uma vitória global. A administração é conjunta.

**Seu plano é continuar atuando na política do clube?**
Claro que sim. E justamente por isso vou fiscalizar para que não haja espaço para essas pessoas na futura administração. Que não reste nenhuma dúvida quanto a isso.

**O técnico Jair Picerni deve seguir no comando do Palmeiras? Ele tem realmente capacidade para ser treinador de um grande clube da Série A?**
O Picerni é um técnico para qualquer divisão e situação. Quanto à permanência dele, ainda não sei, é muito prematuro discutir esses assuntos agora. Só iremos discutir isso depois que a poeira assentar.

**Dá para disputar a primeira divisão com esse time atual? O Palmeiras não precisará se reforçar bastante, já que cairão quatro clubes no ano que vem?**
Se este time estivesse disputando a Série A, estaria brigando pelo título. Não preciso dizer mais nada.

**Disputar a Segundona deu lucro ou prejuízo ao clube? Já deu para fazer a conta?**
Só vamos fazer esse cálculo em dezembro. A presença da nossa torcida foi empolgante, mas no futebol de hoje a maior fatia da arrecadação não vem das bilheterias.

**Na fase decisiva, o Palmeiras conseguiu que o Vágner, o Diego Souza e o Marcos fossem liberados da Seleção Sub-20 e também da Seleção Principal. Em que medida isso se deve ao seu bom relacionamento com a CBF?**
Não houve interferência nossa. Parece-me que a entidade encontrou outras opções. Não cabe ao presidente do clube ficar fazendo esse tipo de pedido.

**Qual a maior lição que o sr. tira como dirigente desse desce-e-sobe do Palmeiras?**
O segredo é ter muita paciência. Não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe. Cometi uma série de erros ao ouvir conselhos sobre a política do bom e barato. Muitas vezes era ruim e caro, outras era ruim e barato. Fizemos uma ampla discussão sobre isso. Parece-me que o caminho agora é esse. Retomamos nossa trajetória iniciada em 2000.

**O sr. foi muito criticado pelas torcidas organizadas do time na época do rebaixamento. Acredita que houve exagero ou motivação política?**
Não tenho essa resposta. O que posso dizer é que não me abalo com as críticas, elas são conseqüência natural para quem está no futebol. As reclamações dos torcedores foram normais, eles queriam ver o time em uma situação melhor, o que é mais do que natural. O que me abala são as atitudes nocivas de alguns ordinários que me ameaçaram, me ofenderam e me agrediram.

**O sr. se sente menos isolado com a volta à primeira divisão? Já deu para perceber um comportamento diferente de seus críticos?**
Futebol é assim. Nas vitórias, todos querem dividir os méritos, o que é natural. Mas no momento difícil fiz questão de assumir tudo sozinho. Acho que, como presidente, tinha de fazer isso. É uma função inerente ao cargo.

**Para quem o sr. dedica esta conquista?**
À coletividade palmeirense. Nela se incluem jogadores, torcedores, diretores e conselheiros que trabalharam e atuaram sempre pela grandeza do Palmeiras.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# Jogo a jogo

DA E

# SOUBE BEM O QUE V

TRAUMATIZADO, COM COMPLEXO DE INFERIORIDADE, O PALMEIRAS DEMOROU A ENGRENAR NA SEGUNDONA. MAS

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

Marcos (*à esq.*) precisou rezar muito no início; acima, o time que a torcida jamais vai esquecer; ao lado, a cena que tornou-se comum no Palestra: festa

Salvador, 17 de novembro de 2002, 17h50. Wilson de Souza Mendonça (PE) apita o final do Palmeiras na Séria A. Derrota para o Vitória. Um contrasenso para o clube que mais títulos venceu no século 20.

Garanhuns, 22 de novembro de 2003. Quase meia-noite. Héber Roberto Lopes (PR) encerra o Sport x Palmeiras e o martírio do alviverde na Série B. Passados 370 dias da queda, o calvário termina no agreste pernambucano. Taguatinga, Belém, Caxias, Anápolis, Sobral, Garanhuns... Quem diria que um operário de Garanhuns seria presidente do Brasil? Quem diria que o time que conquistou quatro títulos brasileiros, mais dois Roberto Gomes Pedrosa (o pai do Campeonato Brasileiro), teria que voltar ao campeonato que ganhou como poucos num estádio de terceira divisão?

Os palmeirenses passaram 2003 com a faca nos pés. Eles não poderiam fazer nada além de vencer. Subir. O torcedor, então, não podia nem sair à rua direito. "Fala aí, Segundona" era o mais meigo vocativo. Invocado, o torcedor respondia o que não podia, ou nem respondia. Ficava na sua. Ou ia fazer compras de madrugada no supermercado, como o goleiro reserva Sérgio. "Eu até suportava. Mas a minha mulher ficava uma arara com as cobranças e gozações."

Para piorar, foi a mais longa Série B da história. Para atazanar, foi ainda mais sofrida a trajetória. Jogos só aos finais de semana, a boleirada angustiada. Querem logo voltar a campo, para voltar o mais cedo possível aos campos da primeira divisão. A longa e angustiante jornada quase acaba antes de começar. De novo o Vitória, de novo uma derrota, a maior

DA ESTRÉIA MEIA-BOCA EM BRASÍLIA À REDENÇÃO DEFINITIVA NO QUADRANGULAR FINAL

EDITADO POR MAURO BETING

# E VEIO PELA FRENTE

MAS QUANDO DESCOBRIU O CAMINHO DAS PEDRAS, NÃO TEVE PARA MAIS NINGUÉM...

Diego Souza *(à esq.)* foi uma das grandes surpresas, positivas, da temporada; Leonardo *(acima)* passou de odiado a ídolo; ao lado, o time todo unido na comemoração de um gol: tudo diferente de 2002

RENATO PIZZUTTO

goleada da história do Parque Antártica, pela Copa do Brasil: 7 x 2. Ali, não havia palmeirense que visse a luz no fim do túnel. Nem o túnel se via, só a lanterna.

O Palmeiras precisou mudar a própria mudança para voltar a ser o mesmo. O elenco mal feito no Paulistão foi desfeito. A aposta no time Sub-20 era lógica: um ótimo time de base, acostumado ao choque, à briga, à correria, aos pastos, aos bravos boleiros da base. Não há nada mais parecido com um jogo de segunda divisão que uma partida dos juniores. Para quem ainda dribla buracos e beques do mesmo jeito, para quem não sabe ainda o que é ser da elite, jogar na Sub-20 ou em condições sub-profissionais dá na mesma.

A aposta deu certo pela falta de grana e pela sobra de qualidade dos moleques. Mas quase dá em nada. Não fosse um longo trabalho de convencimento, o Palmeiras teria deixado Vágner Love pela rua, em janeiro.

"Mande embora!" foi a ordem do presidente a Márcio Araújo, então coordenador da base do clube, quando soube da indisciplina do craque da Série B.

Assim foi o Palmeiras por toda a segunda divisão: um longo caso de amor que começou com briga e separação. Acabou deixando saudade, deixando órfãos os "co-irmãos" da Série B, deixando dinheiro em caixa, e, mais que tudo, um exemplo para os grandes que caírem daqui pra frente. É possível se levantar pelos próprios pés, sem puxar ninguém junto para o buraco.

Siga o Palmeiras pelas próximas páginas e encontre histórias simples, de um time simples, de um futebol simples, mas cativante e vencedor.

>> BRASILIENSE 1 X 1 PALMEIRAS

# O HOMEM QUE CALCULAVA

**ROBERTO CARLOS, O LATERAL, SÓ** foi conhecer pessoalmente Mustafá Contursi, presidente do clube, quando ele já havia conquistado dois títulos pelo Palmeiras. Os mais velhos do grupo atual não viram o presidente mais do que cinco vezes. E olhe lá...

É um problema grave para um dirigente que manda em tudo não aparecer para nada. Mustafá não delega poder, não divide poder, não entrega o poder, poda quem quer poder. Mas o ausente mais presente da história do Palmeiras também sabe aparecer. Ou, no caso, deixar de ficar desaparecido.

Depois dos 7 x 2 para o Vitória, Mustafá não largou o elenco e a comissão técnica. Viajou com a delegação para Brasília, para a estréia na Série B, e para Salvador, no jogo de volta (e sem volta) contra o Vitória, pela Copa do Brasil.

Na concentração, no vestiário, Mustafá apoiou o time. Disse que tinha total confiança no elenco, que aquela fase passaria, que o Palmeiras é grande, que voltaria. O time voltou à elite, Mustafá não voltou mais. Se é ausente (nem aos jogos em casa costuma ir), ele foi presente quando mais foi preciso. Quando o time ganhou – e não se precisa do líder nas horas e festas de tapinhas nas costas –, Mustafá também não apareceu.

Desta vez, mandou bem o presidente. Junto com a comissão técnica, mandou ainda melhor, na estréia. No primeiro tempo, ainda abalado pela tunda do Vitória, o Palmeiras não se achou. Iranildo fez o primeiro gol, de falta, e o Brasiliense mandou no jogo.

No vestiário, na conversa com o auxiliar Fred Smania e o preparador físico Walmir Cruz, Jair Picerni resolveu tirar Zinho e apostar no garoto Vágner, aquele que virou Love no Sub-20, aquele que iria virar a história do jogo. E a do Palmeiras. Com mais velocidade e juventude na frente, o time chegou ao empate num bate-rebate nas pernas de Vágner, aos 42 minutos. Foi o primeiro dos 11 pontos conquistados com gols marcados nos últimos dez minutos. Mérito, também, da preparação física que se superou com o rolar da bola.

Vágner só entrou no segundo tempo. Para nunca mais sair do coração da torcida

No jantar, Mustafá à mesa, na hora da conta, o presidente abriu o jogo. Delegou o poder à comissão técnica. Se Jair quisesse, ele poderia apostar nos garotos do Sub-20. Era o melhor a ser feito. Seria bom. Seria barato. Seria lindo, ao final dos tempos.

**26/4 BOCA DO JACARÉ (TAGUATINGA)**

**BRASILIENSE 1 X 1 PALMEIRAS**
**J:** Cléver Assunção Gonçalves (MG); **G:** Iranildo 5 do 1º; Vágner 42 do 2º; **CA:** Deda, Muñoz e Dênis
**BRASILIENSE:** Donizete, Lucianinho, Batata, Gilson e Djalminha; Deda, Iranildo (Marquinhos), Carioca e Paulo Isidoro; Túlio (Igor) e Maurício (Wellington Dias).
**T:** Reinaldo Gueldini
**PALMEIRAS:** Marcos, Adãozinho, Dênis, Leonardo e Marquinhos; Alceu, Marcinho, Magrão e Zinho (Vágner); Thiago Gentil e Muñoz (Anselmo). **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 1 X 1 AMÉRICA-RN

# A NOITE DOS AMADORES

**NÃO SE SABE QUANTA GENTE FOI** ao Parque Antártica naquela noite fria de sábado. Mas daria para saber o nome de cada um. Eram poucos, e menos ainda sabiam o nome de cada jogador escalado. Só estavam no estádio os torcedores organizados, alguns profissionais de arquibancadas, mas todos amadores do Palmeiras.

Só quem ama cegamente pode, ao final de uma partida medíocre, berrar o nome de cada jogador que mal se conhece (três deles estreavam), aplaudindo-o como se fosse um craque consagrado do Palmeiras. A Mancha Verde e a TUP fizeram o que o palmeirense comum não tinha força ou coragem para fazer. Elas fizeram mais: a segunda instituiu um diploma de "coveiro" para os 177 conselheiros que mantiveram Mustafá Contursi no comando do clube; a primeira aplaudiu o time, e só vaiou o presidente vitalício, e alguns dos vivíssimos conselheiros que o perpetuaram.

O jogo? Teve um pênalti não marcado em Vágner Love, uma penca de gols perdidos pelo Palmeiras, e o único gol de cabeça do baixinho artilheiro carioca. Não é ele, claro. Mas ele é o cara do Palmeiras.

O que a imprensa que foi ao jogo viu da partida? Pouco. Bola rolando, chegou a notícia da demissão de Oswaldo de Oliveira no São Paulo. Quase todos os jornalistas ficaram no celular, checando a história, especulando o sucessor. O jogo? Que jogo? Era apenas um pretexto, como o utilizado por um jornalista de folga, que se "escalou" na cobertura daquela singela noite de sábado só para fugir da visita na casa da sogra.

E nem palmeirense ele era...

**3/5 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 1 X 1 AMÉRICA-RN**
**J:** Antônio Buaiz Filho (ES); **R:** 82 895; **P:** 8 118; **G:** Éverton 37 e Vágner Love 38 do 2°; **CA:** Marcinho e Júlio César; **E:** Anselmo e Léo Carioca 34 do 2°
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Alceu, Leonardo e Marquinhos (Diego Souza); Marcinho, Fábio Gomes (Elson) e Magrão; Anselmo, Vágner e Thiago Gentil (Edmílson).
**T:** Jair Picerni
**AMÉRICA-RN:** Rodrigo, Edinho, Léo Carioca, Cleberson (Lano) e Júlio César; Márcio Silva, Silva Baiano, Geraldo (Joaci) e Éverton; Helinho (Espíndola) e Sandro Gaúcho.
**T:** Ademir Fonseca

>> NÁUTICO 2 X 1 PALMEIRAS

# SÉRIE C

**VIGÉSIMO COLOCADO. DA SÉRIE B.** "O Palmeiras fez um time barato e ganhou a Copa dos Campeões *(em 2000)*. Achou que estava no caminho certo. Mas um time grande não é só isso. Precisa de contratações de peso, já que não dá para revelar tantos jogadores de uma hora a outra, a imprensa e a torcida não dão tempo. O Palmeiras é grande. Tem que pensar assim". Era o que pensava Evair, atacante do Figueirense, craque-bandeira do Palmeiras, em entre-

vista ao jornal *Lance!*. A derrota de virada para o Náutico foi um placar normal. A colocação na tabela, para um favorito de véspera, era para se desesperar. Tudo dava errado no clube. Desconfiança de Jair Picerni com alguns medalhões, jovens sem espaço no grupo, feridas abertas pelas pauladas recentes, falta de diálogo interno, sobra de reclamações externas.

Só Mustafá Contursi falava pelo Palmeiras. Como ele não tem muito papo, a diretoria não mandava, o treinador se perdia completamente com o elenco e todos falavam o que não deveriam.

Quase todo mundo imaginava que, pior, não havia como ficar. Até porque nem risco de rebaixamento havia, na época, porque nem a Série C existia, e nem se sabia se ela existiria. Mais ou menos como o palmeirense imaginava o próprio time por aqueles dias de bolas bicudas.

O que mais doía era o dó dos rivais. A compaixão. As gozações de segunda-feira (e divisão, também) viraram um silêncio misericordioso dos adversários. Muita gente ótima do Palmeiras se dizia de "licença" do time. Não torcia, não sofria, não vibrava. Não se mexia mais, não se mobilizava. Em coma, dormia em estado letárgico.

A oposição tentava alguma coisa; qualquer coisa. O torcedor chegou ao cúmulo de pichar, num muro do Parque São Jorge: "Fora Mustafá". O corintiano respondeu no mesmo tom à atitude de extrema ousadia, ou infinita ironia: em não poucos jogos do Corinthians, a faixa "Fica Mustafá" foi aplaudida. Tanto quanto o presidente do Palmeiras no banquete de aniversário corintiano, em setembro.

**10/5** **AFLITOS (RECIFE)**

**NÁUTICO 2 X 1 PALMEIRAS**

**J:** Lourival Dias Lima Filho (BA); **R:** 112 938; **P:** 13 830; **G:** Thiago Gentil 12 do 1°; Kuki 22 e Jorge Henrique 32 do 2°; **CA:** Adílson, Pedro Paulo, Sérgio Soares, Kuki, Thiago Gentil, Marcinho e Alessandro; **E:** Marcos Lucas e Fábio Gomes 43 do 2°

**NÁUTICO:** Gilberto, Wilson Surubim (Jean Carlo), Pedro Paulo, Érlon e Marcos Lucas; Sérgio Soares, Adílson, Marco Aurélio e Yan (Esquerdinha); Kuki (Henrique) e Jorge Henrique. **T:** Heriberto da Cunha

**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Leonardo, Alceu e Marquinhos; Marcinho, Fábio Gomes, Magrão (Correa) e Edmílson (Elson); Vágner e Thiago Gentil. **T:** Jair Picerni

>> **PALMEIRAS 4 X 0 SÃO RAIMUNDO**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Leonardo e Daniel, uma dupla caipira na zaga palmeirense. Contra o São Raimundo, eles não desafinaram, teve até gol a favor

# O PRIMEIRO JOGADOR DOS 12

**OS ROLLING STONES LANÇAM UM CD** de pagode – e ruim. Fazem shows caríssimos de 13 minutos, e desafinados. Lançam um DVD de má qualidade e que ainda danifica os aparelhos. No ano seguinte, lançam um *unplugged* com os piores momentos do CD de pagode, e ainda pedem para a Mariah Carey e o Lacraia regravarem todos os sucessos deles.

Resultado: shows hiperlotados, vendas de CDs duplicados, fãs com as camisas da banda pelas ruas, Luciana Gimenez cotada para a Academia Brasileira de Letras.

Absurdo? No pop, no cinema, na mídia, na vida, claro que é. No futebol, pergunte ao palmeirense que levou quase 20 mil pessoas por jogo na Série B. Não existe nada comparável à solidariedade do torcedor de futebol. O que o palmeirense fez pelo time, talvez nem as inesquecíveis Academias dos anos 60/70, ou a Via Láctea montada pela Parmalat, merecessem tanta festa, tanto amor, tanto apoio.

"A paixão é apaixonante", arrepiou-se Orestes Friugiuele, filho de um ex-presidente do clube. O time se encantou pela torcida, e começou a jogar por ela. O primeiro grande resultado veio com o primeiro grande público no Parque Antártica. O Palmeiras passou como quis pelo São Raimundo, com três gols de Diego Souza, num esquema tático 3-5-2-14 445.

Os 14 445 palmeirenses fizeram de tudo. Antes do jogo, um protesto pacífico pela situação do clube e do time – e que situação tem o clube no poder, que sufoca e impede qualquer oposição. O palmeirense vestiu a camisa e jogou melhor que o time. Sacou que ou jogava por ele, ou seria jogado às trevas. Aquele torcedor passional e crítico ao extremo teve que mudar o tom, mais pálido, como o verde da nova camisa. No Palmeiras, a princípio, todo craque é um perna-de-pau. Todo Ademir da Guia é um Darinta, até gols e troféus em contrário.

Sempre foi assim. Sempre será. Menos em 2003. A partir da vitória contra o São Raimundo, o palmeirense mudou para fazer aquele Palmeiras mudar. Melhor: voltar a ser o que é, no lugar que é dele.

**17/5** **PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 4 X 0 SÃO RAIMUNDO**

**J:** Wagner Rosa (RJ); **P:** 14 445; **G:** Diego Souza 46 do 1°; Daniel 22 e Diego Souza 37 e 40 do 2°; **CA:** Alessandro, Diego Souza, Daniel, Ronaldo Marconato, Rogério, Doriva e Isaac; **E:** Tita 47 do 1°

**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Daniel, Leonardo e Marquinhos; Alceu, Marcinho, Diego Souza e Anselmo (Elson); Vágner (Adãozinho) e Thiago Gentil (Muñoz). **T:** Jair Picerni

**SÃO RAIMUNDO:** Flávio, Guará, Ronaldo Marconato, Rogério e Tita; Isaac, Trindade (Delmo), Neto (Ricardo) e Valdemir; Doriva e Garanha (Reginaldo). **T:** Aderbal Lana

>> CAXIAS 1 X 4 PALMEIRAS

# PELA INTERNET

**FOI O ÚLTIMO JOGO DA SÉRIE B** sem transmissão pela televisão. Foi a fusão tecnológica do radinho de pilha com o computador de casa. Até a quinta rodada, o palmeirense estava como o velho palestrino, ouvindo os jogos do time pelo rádio, imaginando os lances, sofrendo como mocinho de rádio-novela. O torcedor Sub-70 voltava no tempo, lembrando narrações grandiosas e grandiloqüentes de Pedro Luís e Édson Leite, ou ainda se encantando com Fiori Gigliotti, um clássico.

O time não estava lá essas coisas. Era melhor não o ver, imaginando Alex, Rivaldo, Evair, Ademir da Guia, Julinho e tantos craques de tantas épocas de memórias em branco e pret.., verde. Mas para muita gente não dava para não ouvir. Ou não ler pela internet.

Mesmo a grande rede tem os seus problemas. Muitos *sites* que fazem a transmissão on-line não estavam em Caxias. Escreviam o que ouviam do jogo, pelas poucas rádios que acompanhavam as partidas.

Paulo Roberto Denardi, de Londrina, fez o papel de porta-berro da torcida. Ouvindo o jogo pela CBN, entrou num chat da torcida do Palmeiras e foi repórter por um jogo, descrevendo os lances. A cada gol chegava mais gente, de todo o Brasil. Palmeirense que nunca tinha se visto se tornava amigo de infância e de fé num grito teclado de gol. A bola na rede ganhou novo significado. O time, com Vágner marcando dois gols e dando o passe para os outros dois, começava a se conectar com a realidade de ser Palmeiras.

**24/5 CENTENÁRIO (CAXIAS DO SUL)**

**CAXIAS 1 X 4 PALMEIRAS**

**J:** Cláudio Mercante Júnior (PE); **G:** Vágner 42s e 25 e Anselmo 46 do 1º; Anselmo 18 e Helinho 26 do 2º; **CA:** Helinho, Alessandro e Elson
**CAXIAS:** Sadi (Ezequiel), Cláudio (Kena), Jairo Santos, Paulo César e Possato; Henrique, Lico, Gil Baiano e Janílson (Helinho); Rogério e Luciano Rosa. **T:** Ricardo Drubscky
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro (Corrêa), Daniel, Leonardo e Marquinhos; Alceu, Marcinho, Elson (Adãozinho) e Diego Souza; Vágner e Anselmo (Edmílson). **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 1 X 1 CRB

# ESQUEMA DEFINIDO

Marcinho em ação: aos poucos, a torcida palmeirense ia descobrindo que encontrara um volante para chamar de seu

**O PALMEIRAS JOGOU MAL,** a torcida não perdoou o empate em casa com o CRB, só o árbitro Luís Antonio da Silva Santos (RJ) perdoou um pênalti de Leonardo em Sandro Baiano. O empate com o time alagoano derrubou uma caixa d'água fria na cabeça do Palmeiras.

Mas Jair Picerni não precisou do banho para manter a cabeça no lugar, e o esquema tático em campo. Mesmo sem avisar (que ele não é disso), Jair definiu o Palmeiras num 3-3-2-2, variável para um 3-4-1-2. Para os íntimos, um 3-5-2 meio disfarçado.

Ele foi esperto. Estaria frito se anunciasse que o Palmeiras iria jogar com três zagueiros na Série B contra o CRB. No Brasil, então, vai explicar que o 3-5-2 nem sempre é defensivo, que o Brasil foi penta ganhando todos os jogos desse jeito, que os laterais viram alas e apóiam o ataque ao mesmo tempo, que a equipe quase sempre fica mais equilibrada. Ninguém quer ouvir. Ninguém quer saber.

Jair não fala, mas gosta de atuar com três na zaga – não necessariamente três zagueiros. No São Caetano, quando Serginho era "lateral", de fato, ele atuava como terceiro zagueiro, pela esquerda, com Daniel (o do Palmeiras) pela direita e Dininho na sobra.

No Palmeiras, Picerni fala que o time tem três jogadores na zaga – e não três zagueiros. "Eu gosto que um deles saiba sair para o jogo, tenha um bom passe. Por isso eu prefiro usar um volante". E assim foi por todo o campeonato. O Palmeiras só começou o jogo com uma linha tradicional de quatro na zaga no empate com o América de Natal. Três zagueiros (tá bom, três na zaga...) o time teve por todo o campeonato. E nenhuma partida jogou com três zagueiros-zagueiros desde o início. Em algumas, apenas um dos três de trás era zagueiro; os outros dois, volantes recuados, como Alceu (por 18 jogos), Marcinho (9 partidas), Adãozinho (5), Corrêa (4), Fábio Gomes (2), e até os laterais Marquinhos (contra o América-MG) e Lúcio (Remo) tiveram que quebrar o galho na posição, no segundo tempo.

Não por acaso Daniel foi contratado. Não por acaso se deu tão bem na função de zagueiro pela direita.

**31/5 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 1 X 1 CRB**

**J:** Luís Antônio Silva Santos (RJ); **R:** 250 310; **P:** 24 253; **G:** Anselmo 15 e Marquinhos (CRB) 35 do 2º; **CA:** Daniel, Marquinhos (CRB), Sandro Goiano, Anderson, Marcelinho e Selmo Lima
**PALMEIRAS:** Marcos, Corrêa, Daniel, Leonardo e Marquinhos (Lúcio); Marcinho, Alceu, Elson (Pedrinho) e Diego Souza; Vágner (Edmílson) e Anselmo. **T:** Jair Picerni
**CRB:** Santos, Saulo, Márcio Pereira, Selmo Lima e Kel; Anderson, Lico, Alemão Júnior (Lino) e Wagner Wesley (Róbson); Sandro Goiano e Marquinhos (Marcelinho). **T:** Estevam Soares

>> SANTA CRUZ 2 X 2 PALMEIRAS

# AO VIVO O TIME COMEÇA A RESPIRAR

**O PALMEIRENSE PELA PRIMEIRA** vez viu a equipe ao vivo, pela televisão aberta. Os adversários, também, aproveitaram e mandaram beijos e abraços especiais pela TV, e capricharam na atuação. Alguns até exageraram nas filigranas.

O Palmeiras resolveu aparecer bem na foto. Fez a melhor exibição (até então) na temporada, criando e perdendo um saco de gols, especialmente no segundo tempo, com a entrada de Thiago Gentil. Ele era o melhor atacante revelado pelo clube nos últimos dez anos até a aparição de Vágner Love, que passou a ser a maior revelação de ataque do Palmeiras desde... desde... Mazola, nos anos 50? Por que não? Craque, o clube sempre comprou, dificilmente fez.

Com os dois na frente, o jogo virou, e o placar, também. Houve um pênalti não marcado em Thiago Gentil. Tudo ia bem. A vitória colocaria o time no G-8, o grupo dos classificados. Era um resultado merecido. Comemorado até a defesa bobear, e Roberto Santos empatar, aos 43 minutos. Um golzinho só derrubou o time dez posições na tabela. Foram os dois primeiros pontos dos sete que o Palmeiras perderia com gols sofridos nos últimos dez minutos de jogo, em quatro partidas.

Faltou quilometragem para segurar a bola e fazer mais daqueles muitos gols criados. Mas o palmeirense poderia guardar nos olhos a velocidade que não havia na equipe, e a habilidade de alguns, que começavam a ganhar espaço.

**7/6** **ARRUDA (RECIFE)**

**SANTA CRUZ 2 X 2 PALMEIRAS**
**J:** Manoel Aguiar Moita (CE); **G:** Neto 45 do 1°; Alceu 22, Vágner 30 e Roberto Santos 42 do 2º; **CA:** Otacílio, João Lima, Daniel e Vágner
**SANTA CRUZ:** João Carlos, João Lima, Valença e Bebeto; Adriano, Neto (Roni), Batata (Otacílio), Carlos Alberto (Erivérton) e Cléber; Dimas e Roberto Santos. **T:** Péricles Chamusca
**PALMEIRAS:** Sérgio, Alessandro, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Alceu (Adãozinho), Elson e Diego Souza; Vágner (Thiago Gentil) e Anselmo. **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 5 X 0 MOGI MIRIM

# NÃO TINHA SAPO ENTERRADO

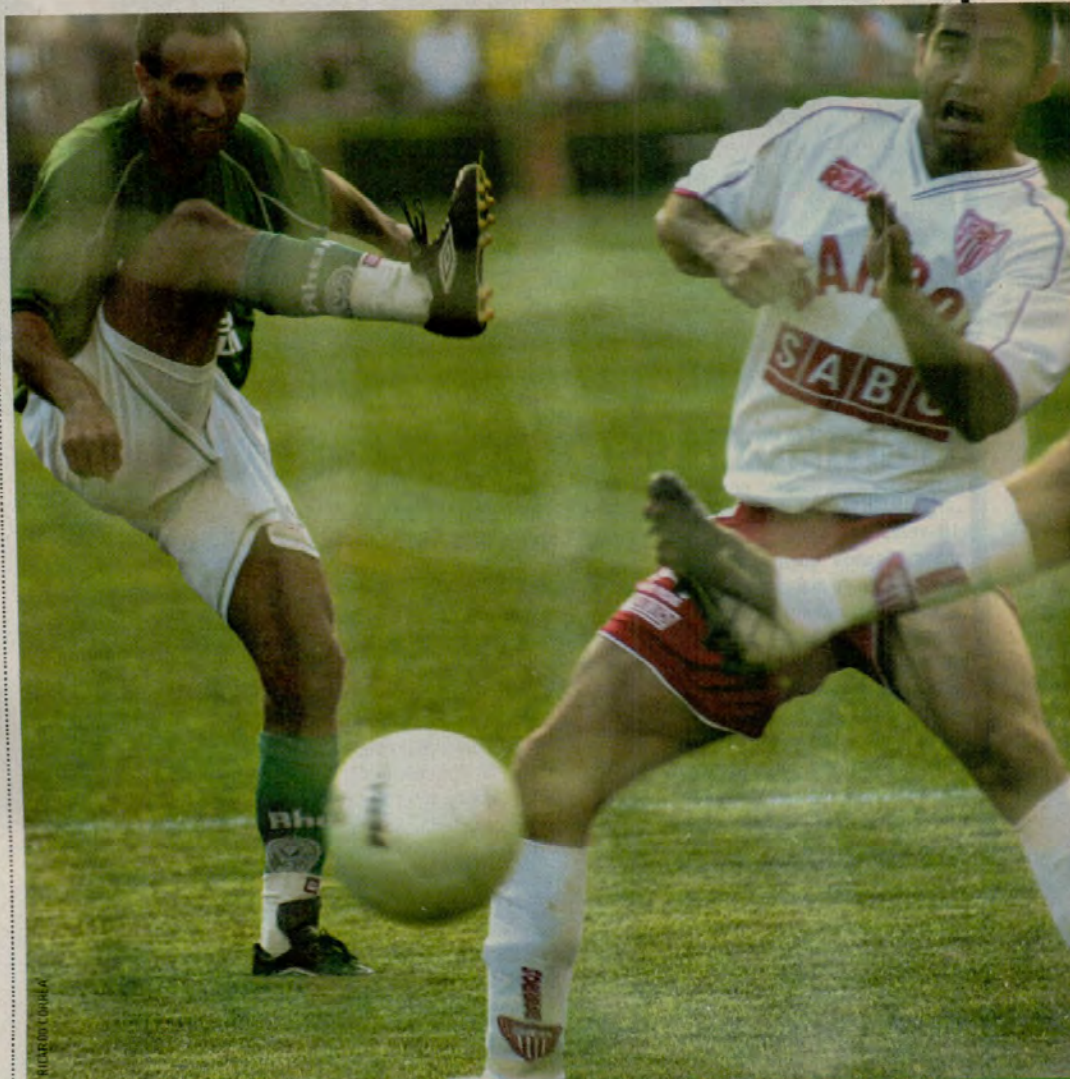
**MAGRÃO FEZ O PRIMEIRO GOL DELE** no campeonato. Deu o passe para mais um. Ele voltava de contusão e entrou bem no jogo, ainda que uma partida fácil pela diferença dos times, e pela expulsão do lateral-direito do Mogi Mirim no primeiro tempo.

Saindo de campo, Magrão sentiu algo que parecia impossível depois do jogo com o Vitória. "Vai dar". Ele ficou com a convicção de que, naquela tarde, com aquele baixinho marrento do Vágner Love marcando três gols, e o resto do time marcando bem e não deixando o adversário jogar, o Palmeias voltaria. Subiria. E ele, junto com os companheiros, faria parte daquela história.

"Antes, não. A gente estava com o pé atrás. Quando parecia que a gente iria engrenar, dava alguma coisa errada e nada. Naquele dia, não. Deu tudo certinho, o ambiente estava melhor". Mas o time, mesmo com a vitória fácil e o jogo bonito de Vágner, ainda devia bola.

**14/6** **PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 5 X 0 MOGI MIRIM**
**J:** Paulo José Danelon (SP); **R:** 148 655; **P:** 15 493; **G:** Vágner 28 e (pênalti) 41 do 1°; Magrão 9, Muñoz 43 e Vágner 48 do 2º; **CA:** Leonardo, Vágner, Alessandro, Cléber e Moisés; **E:** Bruno Leite 40 do 1º
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Alceu, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Fábio Gomes (Magrão), Adãozinho e Diego Souza (Pedrinho); Vágner e Thiago Gentil (Muñoz). **T:** Jair Picerni
**MOGI MIRIM:** Marcelo Galvão, Bruno Leite, Chicão, Joel e Alessandro (Neto); Goiano, Moisés, Batista e Joílson; Paulo Nunes (Emerson) e Cléber (Leandro Rodrigues). **T:** Luís Carlos Winck

RICARDO CORRÊA

Adãozinho apavora a zaga do Mogi: um sabadão sossegado, sem surpresas, sem chance para reviravoltas no Parque Antártica

ALEXANDRE BATTIBUGLI

>> PALMEIRAS 0 X 0 BOTAFOGO

Vágner Love e Sandro procuram o que menos se viu naquele sábado com cheiro de jogão de primeira divisão: a bola

# LEGÍTIMO CLÁSSICO DE SEGUNDONA

**LEVIR CULPI DIRIGIU O PALMEIRAS** 18 vezes em 2002. Perdeu sete jogos. Ganhou apenas 38% dos pontos. Saiu de mal com a história, com o clube, e com parte do time. Marcos não engoliu a responsabilidade que o treinador transferiu a ele, e a falta de cobrança dos maus resultados da equipe. Outros jogadores também não se bicaram com Levir. Alguns, nem sequer viram o treinador, que logo os descartou: esperanças do Sub-20, Vágner Love, Alceu e Diego Souza foram rebaixados (ou emprestados) para outros times sem que Levir sequer os observasse.

Em Joinville, em 2002, Diego Souza jogou uma partida só, pediu para deixar o clube, voltou a São Paulo, pensou em parar com o futebol.

Amigos como Vágner Love o ajudaram, deram força. E ele voltou ao Sub-20 do Palmeiras, para ser vice-campeão da Copa São Paulo de Juniores, em janeiro de 2003. De lá para voltar ao time de cima foram três meses. Primeiro como armador, depois como volante, sempre com categoria rara para a pouca idade, e um futebol ainda melhor e surpreendente para quem saiu aos chutes do clube.

Diego até parece um sujeito quieto, discreto. É nada. Dos mais brincalhões do elenco, não deixa nada no lugar e ninguém sério. Sofreu com o time e com o desprezo em 2002, mas voltou melhor, e foi um dos bambas do time contra o Botafogo. Se bem que, com um jogo tão amarrado, faltoso e chato como o da única partida em que o Palmeiras não fez gols na Série B, quem faria feio? Um clássico de primeira, com um futebol de segunda. Os times se preocuparam em bater nos rivais, e acabaram apanhando da bola. Só Thiago Gentil recebeu 97 faltas, cavou outras 149, e o árbitro Giuliano Bozzano (SC) marcou mais 479.

Muito pouco futebol para os únicos times do Brasil que conseguiam enfrentar o Santos de Pelé, nos anos 60. Mas o suficiente, pela primeira vez, para a torcida cantar um clássico, o primeiro lugar do *hit-parade* do time em crise: "ô, ô, ô, queremos jogador". E não sem razão naqueles dias de jogos bicudos.

**21/6 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**
**PALMEIRAS 0 X 0 BOTAFOGO**
**J:** Giuliano Bozzano (SC); **R:** 299 130; **P:** 27 721;
**CA:** Thiago Gentil, Marcinho, Magrão, Vágner, Sandro, Dill e Túlio; **E:** Daniel 30 do 1º; Alessandro 32 do 2º
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Alceu, Daniel e Lúcio; Marcinho, Adãozinho (Muñoz), Magrão (Élson) e Diego Souza (Pedrinho); Vágner e Thiago Gentil. **T:** Jair Picerni
**BOTAFOGO:** Max, Márcio Gomes, Edgar, Sandro e Daniel; Fernando, Túlio, Valdo, Camacho (Renatinho); Dill (Almir) e Edivaldo.
**T:** Levir Culpi

>> AMÉRICA-MG 0 X 3 PALMEIRAS

# A NOITE DE SÃO SÉRGIO

**SE TODO GRANDE TIME COMEÇA** por um grande goleiro, o Palmeiras tem dois grandes times. E pelo que promete o terceiro goleiro, Diego Cavalieri, terá três.

O azar de Sérgio é que goleiro é assim. Se existem dois bons laterais, dá-se um jeito de escalá-los juntos, no meio, na ponta. Volantes, atacantes, o bom treinador arruma um lugar. Goleiro, de que jeito? Sérgio é um que, pelo que joga, pelo que é, jogaria como titular em muitos clubes brasileiros.

Mas está feliz no clube que gosta, que paga em dia, que é a casa dele. O clube não pode se queixar. Não há outro reserva mais titular que Sérgio. Uma reserva de caráter, experiência

e qualidade. O reserva que qualquer titular gostaria de ter.

Sérgio saiu do acanhado Independência carregado de prêmios e justificando o salário do time. O América perdeu um caminhão de gols. Quer dizer, Sérgio não deixou as chances mineiras serem convertidas.

À frente, o Palmeiras teve quatro oportunidades, se tanto, e fez três gols: Alceu, de falta; Daniel, de muito longe, e Anselmo. O jogo seria difícil, não fosse a sorte. Não fosse a felicidade de ter um reserva como Sérgio.

**28/6 INDEPENDÊNCIA (BELO HORIZONTE)**

**AMÉRICA-MG 0 X 3 PALMEIRAS**

**J:** Jamir Carlos Garcez (DF); **G:** Alceu 46 do 1º; Daniel 32 e Anselmo 40 do 2º; **CA:** Rodrigo
**AMÉRICA-MG:** Fabiano, Osmar (Édson), Jean Elias (Alessandro), Adriano e Tércio (Marciano); Ânderson, Ricardo, Fael e Toinzé; Rodrigo e Fred. **T:** José Ângelo
**PALMEIRAS:** Sérgio, Corrêa, Daniel, Alceu e Lúcio (Francis); Fábio Gomes (Marquinhos), Adãozinho, Magrão e Diego Souza (Pedrinho); Muñoz e Thiago Gentil (Anselmo). **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 2 X 1 JOINVILLE

# O PORCO MORRE PELA BOCA?

**TRÊS PÊNALTIS DISCUTÍVEIS O** Joinville chorou ao final do jogo. Um gol mal anulado pode ser reclamado pelo time de Santa Catarina. O Palmeiras não foi nada bem. Mas ganhou o jogo. E, mais que tudo, um elenco menos rachado – que grupo de futebol só se une para dar volta olímpica.

Eram dias de dodóis. A sinusite do Adãozinho, broncas e bronquites do Marcos, holerite do elenco, contursite do conselho deliberativo... O Palmeiras se quebrava mais que ministro em pelada do Lula, outro que vivia reclamando da bursite.

Aos poucos, a lavanderia Palmeiras fechou as portas. Os ventiladores da Academia foram desligados. Em boca fechada não entra e nem sai mosca e outras emes. O time sacou que precisava responder pela bola, não mais pela boca. Cada vez mais ficava claro que o time, ainda que sem os reforços necessários, tinha tudo para voltar. Não havia ninguém sobrando na Série B. E, pelo visto, pelo que não se mais ouvia, nenhuma palavra a mais era dita na Academia de futebol do Palmeiras. A academia de tiro estava fechada.

**5/7 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 1 JOINVILLE**

**J:** Rogério Pereira Costa (MG); **R:** 212 825; **P:** 21 192; **G:** Lúcio 2 e Vágner 44 do 1º; Didi 37 do 2º; **CA:** Adãozinho, Marcinho, Jean Carlos, Da Silva, Tárcio, Alessandro e Jorge Mutt
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro, Daniel, Alceu e Lúcio; Marcinho, Adãozinho, Magrão e Diego Souza (Pedrinho); Muñoz (Thiago Gentil) e Vágner (Anselmo). **T:** Jair Picerni
**JOINVILLE:** Marcello Flores, Da Silva, Roberto (Alessandro) e Tárcio; Zé Carlos (Celso), Jean Carlos, Coracini, Jorge Mutt e Henrique; Didi e Paulinho. **T:** Arnaldo Lira

Lúcio marca (seu primeiro) um golaço contra o Joinville: era a hora de jogar mais e falar menos

>> ANAPOLINA 1 X 2 PALMEIRAS

# TRÍPLICE COROA

**"EU ACHEI QUE DARIA PARA SUBIR** quando ganhamos três seguidas". Marcos, depois do acesso. Ou Marcos, no vestiário acanhado do estádio Jonas Duarte, em Anápolis, depois da vitória contra a Anapolina, a Xata com xis, a primeira das cinco viradas de placar do Palmeiras na Série B.

"Time em formação é uma desgraça. É difícil acertar, leva tempo, a pressão é muito grande". Marcos lamenta a falta de planejamento em 2002. E... a falta de planejamento em 2003, também. Na última partida da semifinal do Paulistão, contra o Corinthians, Jair Picerni só tinha seis jogadores no banco. E isso para um clube que teve dois times chegando durante a pré-temporada.

Mas, contra a Anapolina, duas vitórias seguidas de saldo na Série B, era o jogo para o time deslanchar. Apesar do gramado ruim, e da má atuação do primeiro tempo, deu para o Palmeiras se aproveitar do fiasco físico do adversário. E da mudança tática que consertou o time: Adãozinho deixou a zaga e foi para o meio, ao lado de Marcinho, liberando Magrão para armar com Pedrinho; Alessandro e Lúcio voltaram para a linha de zaga.

Num 4-2-2-2 típico, Picerni fechou o meio e achou uma bela virada, na volta de Pedrinho ao time, e ao gol. Na última partida de Alessandro, que deixou o clube e foi jogar na Ucrânia. O lateral que veio ao Palmeiras trocado por uma dívida deixou outra no Parque Antártica. O time pagava os seus débitos.

**12/7 JONAS DUARTE (ANÁPOLIS)**

**ANAPOLINA 1 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Marcos Antônio Barros Café (DF); **G:** Patrick 19 do 1º; Vágner 7 e Pedrinho 28 do 2º; **CA:** Clayton, Valquimar, Babau, Baiano, Natan, Cacá, Jorginho, Lúcio, Adãozinho, Thiago Gentil e Magrão
**ANAPOLINA:** Ernandes, Édson Mendes, Clayton, Valquimar e Patrick; Baiano, Babau, Cacá e Natan (André); Jorginho (Rui Barbosa) e Leonardo Goiano. **T:** Wanderley Paiva
**PALMEIRAS:** Marcos, Alessandro (Corrêa), Leonardo, Alceu e Lúcio; Marcinho, Adãozinho, Magrão e Diego Souza (Pedrinho); Thiago Gentil (Anselmo) e Vágner. **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 1 X 0 LONDRINA

# O QUE ERA PARA SER FÁCIL...

**O PALMEIRAS NÃO VENCIA QUATRO** jogos seguidos desde março de 2002, pelo torneio Rio-São Paulo. A partida contra o Londrina era a chance de a equipe igualar a marca, em casa (cheia), com o apoio da torcida que jogava melhor que o time. E foi ela que equilibrou numericamente um jogo que Marcinho quase perdeu, aos 18 minutos, quando xingou o árbitro Wagner dos Santos Rosa (RJ) e foi expulso.

Marcinho era fundamental. Marcava e desarmava por todos, e, às vezes, até exagerava, batendo mais do que poderia. Sem o seu leão-de-chácara, o Palmeiras teve que aturar a pressão do Londrina. E teve que se escorar no talento de Vágner Love, que marcou o único gol da partida, de pênalti, arrumou as malas e foi para Santo Domingo, jogar o Pan. Para o lugar dele, a diretoria sonhou com França, cogitou Guilherme, tentou Washington e acordou com André, afastado do Internacional. Por sinal, ele recebeu o apelido de André Balada...

Jair Picerni não queria o centroavante e arrumou o primeiro arranca-rabo com Fernando Gonçalves, diretor que saiu dias depois. André era o mesmo artilheiro que havia feito o gol que fechou o caixão do Palmeiras na primeira divisão, pelo Vitória. Quanto ao fato de gostar do agito da noite, nenhum problema. Na Série B, sábado sim, sábado não, o Palmeiras estava em campo naquele horário. André, também. Nem sempre jogando, porém.

19/7 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)

**PALMEIRAS 1 X 0 LONDRINA**
**J:** Wagner dos Santos Rosa (RJ); **R:** 206 370; **P:** 20 720; **G:** Vágner 9 do 2°; **CA:** Vágner, Rocha, Germano, Lima, Fabinho, Marcelo e Dário; **E:** Marcinho 18 do 1°
**PALMEIRAS:** Marcos, Corrêa, Daniel, Alceu e Lúcio; Marcinho, Adãozinho (Leonardo), Magrão e Pedrinho (Fábio Gomes); Anselmo (Diego Souza) e Vágner. **T:** Jair Picerni
**LONDRINA:** Marcelo, Lima (Cassiano), Marcão, Dé e Fabinho (Ânderson Lobão); Rocha, Dário (Márcio Alan), Germano e Valdeir; Marcelo Silva e Fumaça. **T:** Roberto Fernandes

>> REMO 2 X 1 PALMEIRAS

# OS VOLANTES PERDEM O RUMO

**CINCO VOLANTES EM CAMPO, SÓ** um jogando como volante: foi o Palmeiras no Mangueirão. Alceu jogou na sobra, Adãozinho foi o zagueiro pela esquerda; Corrêa foi ser ala pela direita, Fábio Gomes fez a cabeça de área, e Magrão jogou como meia, ao lado de Pedrinho. Sem quatro titulares, com Vágner Love e Diego Souza na seleção Sub-20 nos Jogos Panamericanos, o Palmeiras até que se saiu bem, no primeiro tempo, com um golaço de Pedrinho, em grande jogada de Lúcio, cada vez melhor como ala.

Mas a medusa tática repleta de cabeças de área sofreu um baque cinco minutos depois do primeiro gol. Num lance discutível, Fernando Assunção (AL) marcou mão na bola de Alceu.

O empate do Remo fez o Palmeiras de tantos cabeças-de-área perder o equilíbrio. Nenhum deles apareceu para cortar o cruzamento de Gian, no reinício de jogo. A bola passou pelo alviverde inteiro, e por Marcos, que fez que foi, não foi, e teve que ser o velho Marcos de sempre aos microfones: "Goleiro da Seleção só está lá para explicar derrota. Quando o Brasil ganha você não sabe nem quem é o goleiro. Todo gol é a mesma história: 'o Marcos não pode tomar um gol assim, não é um gol digno de um goleiro pentacampeão', né?"

E não foi mesmo. A derrota, porém, em Belém, foi natural para um time desfalcado, e para um Remo embalado.

26/7 MANGUEIRÃO (BELÉM)

**REMO 2 X 1 PALMEIRAS**
**J:** Fernando Oliveira Assunção (AL); **R:** 160 040; **P:** 27 703; **G:** Pedrinho 28 e Valdomiro (pênalti) 33 do 1°; Gian 2 do 2°; **CA:** Márcio Belém, Moisés, Alceu, Magrão e Leonardo
**REMO:** Gilberto, Valdemir, Williams, Sérgio e Moisés; Márcio Belém, Chicão, Gian e Rogério Belém (Ciro); Cristiano (Leandro) e Valdomiro (Téo). **T:** Givanildo Oliveira
**PALMEIRAS:** Marcos, Corrêa, Leonardo, Alceu e Lúcio; Fábio Gomes (Francis), Adãozinho (Elson), Magrão e Pedrinho; Anselmo (Edmílson) e Thiago Gentil. **T:** Jair Picerni

>> PAULISTA 1 X 2 PALMEIRAS

# CHUMBOS DA CASA

**NO ABC, O SÃO CAETANO, DA SÉRIE** A, metera três gols no Palmeiras, da B, no meio da semana, pela Copa Sul-Americana. O placar baixou a bola da torcida e um pouco do astral do grupo. Era fundamental ganhar do Paulista, em Jundiaí, no sábado, para recuperar o gás. Para provar que, apesar dos placares, o time estava evoluindo.

Até a camisa era nova. O milionário acordo com a Diadora estreava o novo uniforme, com muitos detalhes brancos na camisa, e um tom de verde um pouco claro demais para os esmeraldinos mais exigentes. Para a oposição, ficou um verde-piscina, em homenagem ao presidente que adora o parque aquático que construiu. Para o palmeirense roxo, não importa tanto o tom do verde, que é impossível essa camisa ficar feia.

Em Jundiaí, pelas contingências, Jair Picerni escalou quatro volantes: na prática, só Marcinho e Fábio Gomes (revelado pelo Paulista) jogaram à frente da zaga; Adãozinho foi ala pela direita, Alceu, zagueiro pela esquerda; nem com tanta gente deu para segurar o rebote que Amaral, volante do Paulista, mandou na gaveta, aos 22 do segundo tempo.

A derrota parecia certa, o time não se acertava. Picerni arriscou e botou Anselmo e Thiago Gentil pelos cantos, como pontas, e André Balada como centroavante. Na pressão, e no recuo do Paulista dirigido por Zetti, Edmílson marcou o seu primeiro gol com a camisa (nova) do Palmeiras. No sufoco, outro júnior relevado na Academia, Thiago Gentil, virou o placar, num cruzamento-passe de Pedrinho, aos 45 minutos.

Os chumbos-da-casa do Palmeiras definiram o jogo. Eles, que sempre pagam os patos pela política austera (para ser generoso) das divisões de base do clube, ajudaram o Palmeiras a virar o jogo. E dar um bico nas línguas mais afiadas.

2/8 JAIME CINTRA (JUNDIAÍ)

**PAULISTA 1 X 2 PALMEIRAS**
**J:** Anselmo da Costa (SP); **G:** Amaral 22, Edmílson 38 e Thiago Gentil 44 do 2°; **CA:** Lúcio, Thiago Gentil e Pedrinho
**PAULISTA:** Buzzeto, Lucas, Asprilla, Danilo e Julinho; Alemão, Amaral, Cairo (Alexandre Dorta) e Canindé (Davi); Izaías e Rodrigo Batata (Marcinho). **T:** Zetti
**PALMEIRAS:** Marcos, Adãozinho (Élson), Leonardo, Daniel e Lúcio; Marcinho, Alceu, Fábio Gomes (Edmílson) e Pedrinho; Anselmo (André) e Thiago Gentil. **T:** Jair Picerni

Edmílson enche o pé e faz a festa quando tudo parecia perdido em Jundiaí

RENATO PIZZUTTO

>> PALMEIRAS 4 X 3 PORTUGUESA

# APITO AMIGO. OU O RIGOR DA LEI

**CERTAS COISAS SÓ ACONTECEM** com a Portuguesa. O goleiro Gléguer defender dois pênaltis, um em cada tempo, e os dois bandeirinhas mandarem voltar as cobranças. Ambos com razão. Aliás, também foi num Palmeiras x Portuguesa, em 1974, que Dulcídio Wanderley Boschilia mandou voltar duas cobranças de um mesmo pênalti, ambas defendidas por Leão, em cobranças de Enéas, da Portuguesa.

Não, nem tudo é contra a Portuguesa. Só os fatos, só a sorte, só o relógio do árbitro Tadeu Bosco da Cruz, que deu 40 segundos além do tempo para Daniel revirar a virada da Portuguesa no placar, aos 49 minutos – e 40 segundos – do segundo tempo.

O jogo, estréia de Baiano, foi alucinante. O Palmeiras fez o primeiro, no pênalti cobrado duas vezes por Adãozinho. Fez o segundo, logo depois, no buraco onde deveria estar o zagueiro Evaldo, machucado naquele momento. O becão havia sido atendido fora de campo e gritava para voltar. Nem o árbitro e muito menos o time perceberam a sua ausência. No rombo, Pedrinho, na melhor partida dele no ano, apareceu livre e ampliou o placar – coisas que só...

Quer mais? Em dois minutos, dois chutões de longe da Portuguesa, dois gols, o empate. Coisas que... até a Portuguesa duvida; como a virada, aos 31 do segundo tempo, num gol de Marcos Denner. Será? Seria: bate-rebate na área da Portuguesa, uma bomba naquele bolo, o veterano Sérgio Manoel, de costas, põe a mão na bola ou ela explode no braço dele? Questão de intepretação, qualquer uma válida, respeitável.

Menos para a Portuguesa, claro, e para boa parte da imprensa. Só não falaram de Esquema Parmalat, Operação Mãos Limpas e de mudar o nome oficial do estádio do Parque Antártica porque já tinham mudado o nome do clube uma vez. A Portuguesa chorou e esperneou, reclamando de um suposto esquema que a prejudica desde Charles Miller.

Para botar mais pimenta no caldo verde que entornava, Gléguer defendeu o segundo pênalti, mas se adiantou – menos que da primeira vez, mas o suficiente para o árbitro, que tudo marcava, mandar voltar; só que o mesmo árbitro tão zeloso na aplicação da regra não viu a invasão dupla na segunda cobrança, de André Balada, que obrigaria uma nova repetição de pênalti. Palmeiras e Portuguesa invadiram a área como se fosse o Dia D. E o árbitro deixou.

Como deixaria passar os 40 segundos fatais para a Portuguesa, no final do jogo. A torcida das numeradas gritou "juiz, juiz!", a Portuguesa gritou outra vez para ninguém ouvir. Na sua melhor partida até então, pela primeira vez o Palmeiras assumiu a liderança isolada da Série B. E um diretor do Palmeiras, ainda nas tribunas, assumiu o sentimento verde: "aos inimigos, o rigor da lei".

O interminável (e gordinho) Müller persegue Magrão: a Lusa lutou, mas o juiz...

**9/8** **PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 4 X 3 PORTUGUESA**

**J:** Tadeu B. Cruz (SP); **R:** 169 080; **P:** 16 269; **G:** Adãozinho (p) 9, Pedrinho 24, M. Denner 30 e R. Lopes 32 do 1º; Marcos Denner 30, André (p) 34 e Daniel 48 do 2º; **CA:** Pedrinho, Leonardo, Magrão, William, M. Denner e Rissut

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Leonardo, Daniel e Lúcio; Adãozinho (Élson), Alceu, Magrão e Pedrinho (Muñoz); Thiago Gentil (André) e Edmílson. **T:** Jair Picerni

**PORTUGUESA:** Gléguer, Rissut; William, Evaldo e Cláudio; Capitão, R.Lopes, R. Costa e S. Manoel; Müller (A.Luiz) e M. Denner. **T:** Luiz C. Martins

>> CEARÁ 1 X 1 PALMEIRAS

# A VAIA DO AVIÃO

**FOI O PRIMEIRO AVIÃO VAIADO DA** história do futebol brasileiro. Foi no estádio do Juncão, em Sobral, a capital mundial do chapéu de palha. Fica a 235 km de Fortaleza, no pé da serra da Meruoca (onde a temperatura média chega aos 20 graus, contra os 40 da cidade mais quente do Ceará). O prefeito é irmão de Ciro Gomes. E fez de tudo para que o Ceará, punido pelo STJD com a perda de um mando de jogo, atuasse contra o Palmeiras no simpático estádio do Guarany Sport Club, campeão estadual de 1966 com Zezé, Cabeção, Pinto, Leão e Dajuana; Bernardo, Nagibe e Ribamar; Cafuringa, Procópio e Teco-Teco.

O Palmeiras não queria jogar lá. Nem com os organizadores da partida conversou. O time ficou em Fortaleza, fretou um avião, empatou um jogo bem morno para um dia tórrido, e voltou correndo, na noite linda, com o seu avião fretado. O único vaiado na história do futebol brasileiro.

A torcida palmeirense é uma das maiores do Ceará. Não se tem uma explicação precisa, mas tem tanto palmeirense quanto flamenguista e vascaíno. No Juncão, a mesma proporção. Como Chico Anysio, torcedor do Ceará e do Palmeiras, o coração estava dividido. E o jogo honrou a divisão, com um tempo para cada time, e nada muito além dos gols e dos milagres usuais de Marcos para lembrar.

Mas não dá para esquecer a vaia para o avião do Palmeiras. O aeroporto Coronel Virgílio Távora (o coronel é tão importante quanto o nome) fica do lado do estádio, que fica do lado da fábrica da Grendene, que fica do lado da casa onde nasceu Renato Aragão, que fica do lado de tudo. A torcida, mesmo a palmeirense, ficou do lado da cidade, que a diretoria do Palmeiras não fez questão alguma de conhecer.

E tome vaia para o avião, que, para aterrissar, teve que sobrevoar o estádio bem baixinho, quase pousando. Na noite sem nuvens de Sobral, deu para ver o avião chegando lá de longe, e a vaia chegando junto. Quando passou na curva final, sobre a arquibancada já bem cheia, a vaia foi mais ensurdecedora que aquela que o time ouviu quando entrou em campo.

A vaia do estádio não ecoou no aeroporto do coronel. O avião pousando, e parte da torcida invadindo a pista, correndo atrás. Magrão, que nunca gostou dessa invenção do Santos Dumont, já não estava agüentando o vôo. E agüentou menos ainda a imagem do pouso com tanta torcida correndo atrás daquele negócio que ele não queria ver nem pintado de verde.

Magrão teve que usar o famoso saco plástico. Justo ele que teve que se virar e atuar como meia-atacante, por falta de opção. Mas foi o único que passou mal em Sobral.

**16/8** **JUNCO (SOBRAL)**

**CEARÁ 1 X 1 PALMEIRAS**

**J:** Washington Alves de Souza (CE); **R:** 91 820; **P:** 4 693; **G:** Baiano 5 e Sérgio Alves 6 do 2º; **CA:** Roberto, Roberto Ramos, Sidney, Daniel, Fábio Gomes e Magrão

**CEARÁ:** Marcelo Silva, Jéfferson Luís, Sidney, Beto e Mica; Roberto (Jefferson Maciel), Roberto Ramos e Nenê (Claudinho Paranaense); Macedo (Garrinchinha), Sérgio Alves e Marco Antônio. **T:** Celso Teixeira

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Gláuber e Lúcio; Alceu, Fábio Gomes (Francis), Magrão e Corrêa; Muñoz (Thiago Gentil) e Edmílson (Anselmo). **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 5 X 1 UNIÃO SÃO JOÃO

# LÍDER GOLEIA LANTERNA E AINDA NÃO CONVENCE

**O PALMEIRAS TEM TIME PARA SUBIR** para a Série A. Mantido o elenco em 2004, é equipe para cair novamente, em 2005. O Palmeiras não pode se iludir com a liderança. O primeiro colocado de qualquer campeonato não é necessariamente um bom time. Pode ser, apenas, o menos pior. Parece ser o caso.

Outra história é o apoio do torcedor. O palmeirense tem vestido a camisa por saber que o time precisa dele. O público que tem comparecido ao Parque Antártica e tem grudado os olhos na TV apóia e ama o Palmeiras, não o time que tem jogado.

Os parágrafos acima foram escritos na véspera da goleada do Palmeiras sobre o União São João. Era a opinião deste que vos escreve, e de muitos que torciam, analisavam ou mesmo de alguns que jogavam pelo time. Mesmo com um jogador a menos, o Palmeiras goleou o pobre União, que já teve Roberto Carlos.

Mesmo líder, mesmo melhor que os rivais, o Palmeiras ainda não era uma equipe confiável. Muito jovem, ainda abalada, ainda indefinida. Mas era melhor. Também por saber que ainda não era a melhor de todas.

"A gente vai chegar", disse o goleiro Sérgio, mais de dez anos como profissional do Palmeiras. Vai dar. Vamos subir. Ele sempre acreditou. Mas nem sempre todos acharam possível. Ainda faltava um pouco mais de união no elenco. E mais times como o União pela frente.

**23/8 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 5 X 1 UNIÃO SÃO JOÃO**

**J:** Hilton Francisco Melo (SP); **R:** 172 183; **P:** 17 198; **G:** Diego Souza 9 e Edmílson 29 do 1°; Vágner (pênalti) 2, Alceu 9, Fabinho 37 e Muñoz 44 do 2°; **CA:** Alceu, Magrão, Gílson e Rildo; **E:** Gláuber 11 do 2°

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Gláuber e Lúcio; Alceu, Corrêa, Magrão e Diego Souza; Vágner (Adãozinho) e Edmílson (Muñoz). **T:** Jair Picerni

**UNIÃO SÃO JOÃO:** Gílson, Fábio Azevedo (Valdo), Rildo, Félix e Marcelo Rocha; Tuca (Fabinho), Viton, Rodrigo e Juliano; Adílson e Galvão (Cléberson). **T:** Roberto Cavalo

>> PALMEIRAS 2 X 2 SPORT

# TORCIDA QUE VIBRA, MAS NÃO PÔDE CANTAR.

**O BANQUETE DE 89 ANOS DE** Palmeiras aconteceu cinco dias antes do empate com o Sport. Na festa, não tocaram o hino do clube. Para o presidente, causaria um certo constrangimento para os convidados que não fossem palmeirenses. Tem lógica: é como não cantar o "Parabéns a Você" para evitar que os convidados se sintam envelhecidos; ou não cortar o bolo – tem tanta gente passando fome, não é?

Vai ver que, por causa disso, os convidados mandando na celebração do Parque Antártica, é que o visitante, o Sport, acabou com a festa do Palmeiras nos últimos dez minutos. O Palmeiras ganhava bem um jogo difícil, e, logo depois do segundo gol, tomou os dois de empate. E só não levou um de pênalti, de virada, que o bandeirinha salvou o gaúcho Leonardo Gaciba, que havia marcado dentro da área uma falta fora.

A vitória que era do Palmeiras virou empate com sabor de virada do Sport. Quem saiu cantando do Parque Antártica foi a torcida pernambucana. Afinal, com um Palmeiras cada vez menos palmeirense na sua mentalidade, para que tocar o hino? Para que cantá-lo? Num clube que não lembrou dos dez anos de 12 de junho de 1993, que nem festa fez para a equipe que tirou o Palmeiras da fila, o que é o time de futebol a não ser um meio de esquentar a água da piscina coberta?

**30/8 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 2 SPORT**

**J:** Leonardo Gaciba (RS); **R:** 153 570; **P:** 16 010; **G:** Élson 42 do 1°; Muñoz 30, Gaúcho (pênalti) 32 e Vágner Mancini 42 do 2°; **CA:** Marcinho, Corrêa, Juninho Goiano, Carlinhos, Valdir Papel e Vágner Mancini

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Alceu, Marcinho, Élson (Corrêa) e Diego Souza; Vágner e Edmílson (Muñoz). **T:** Jair Picerni

**SPORT:** Maizena, Carlinhos (Barão), Gaúcho, Sílvio Criciúma e Juninho Goiano; Ataliba, Fernando César (Vágner Mancini), Nildo e Cléber; Weldon e Valdir Papel (Ricardinho). **T:** Hélio dos Anjos

>> MARÍLIA 1 X 2 PALMEIRAS

Muñoz entrou e surpreendeu o Marília: mais uma bela virada palmeirense

# JAIR VIRA O JOGO E VIRA FERA TAMBÉM

**JAIR PICERNI NÃO É DE FALAR.** Conversa pouco com o elenco, atrapalha-se nas entrevistas, é zoado até pela própria família nas derrapadas no português. Mas sabe falar duro. E de tanto bater pesado na hora certa, até palestra ele tem dado para algumas empresas.

Superação é um dos temas abordados. O jogo de Marília é um exemplo acabado. O MAC fez 1 x 0 – de cabeça, para variar – com Zé Luís, aos 36 minutos. Cinco minutos depois, Gláuber é expulso pela segunda vez, ao acertar Basílio.

Com dez, o Marília em cima, Élson perdido na armação e na marcação, era de se esperar no segundo tempo a entrada do volante Corrêa para fechar o meio-campo, e tentar alguma coisa no contra-ataque. Seria o plano A em qualquer manual de treinador de futebol.

Picerni foi para o plano B. Botou Muñoz no ataque, recuou Edmílson para fazer a função de Élson e achou a posição ideal para Diego Souza, como volante-esquerdo. A ousadia se pagou em dois minutos. Muñoz arriscou um chute da intermediária e fez um golaço. Em três temporadas no clube, foi o terceiro gol de fora da área do colombiano, que não é disso. Mas, a partir daí, o Palmeiras foi outro. Todo o time marcou por Gláuber, todo o time se esfolou como Edmílson, que cercou, marcou e atacou. Todo o time teve gás pelo trabalho da preparação física, de primeira, bolada e executada por Walmir Cruz e Irineu Loturco.

Foi o sexto jogo do Palmeiras com um jogador a menos em 2003: três vitórias, um empate, uma derrota... Que nada: melhor dizendo, quatro vitórias, pois ela veio no fim, aos 47 minutos, em grande jogada de Vágner Love, que do nada fez tudo, e chutou uma bola que pareceu levar 90 minutos para entrar.

Muita gente no estádio achou que ela iria para fora, depois de defendida por Mauro. Narradores de rádio espicharam a definição de lance, não acreditando no que viam. Parecia que o chute de Vágner Love tinha saído. Parecia que o Palmeiras não iria ganhar. Parecia, enfim, que o Palmeiras acertara o pé

**6/9 BENTO DE ABREU (MARÍLIA)**

**MARÍLIA 1 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Luís Marcelo Vicentim Cansian (SP); **R:** 114 003; **P:** 12 250; **G:** Zé Luís 35 do 1°; Muñoz 2 e Vágner 46 do 2°; **CA:** Andrei, Zé Luís, Bill, Marcinho, Daniel, Baiano e Muñoz; **E:** Gláuber 41 do 1°

**MARÍLIA:** Mauro, Claudemir, Romildo, Andrei e Bill; Zé Luís (Camanducaia), Everaldo, Bechara (Adílson) e Juca; Romualdo (Alexandre) e Basílio. **T:** Paulo Comelli

**PALMEIRAS:** Sérgio, Baiano, Daniel, Gláuber e Lúcio; Alceu, Marcinho, Élson (Muñoz) e Diego Souza; Vágner e Edmílson (Corrêa). **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 2 X 2 GAMA

RENATO PIZZUTTO

Diego Souza (10), Edmílson (11) e Vágner Love (9): êta gurizada boa de bola!

# PALMEIRAS EMPATA O JOGO E PERDE ALCEU

**O GAMA CAIU PARA A TERCEIRA,** mas continuou sem ser derrotado pelo Palmeiras em Campeonatos Brasileiros. Foram cinco jogos, duas derrotas, três empates. O último, um jogo em que as duas equipes mereciam perder. Concentraram todo o futebol em cinco minutos, quando saíram quatro gols. Depois, só enganaram – inclusive o árbitro Domingos Viana Filho (PA), que não viu Vágner Love ser agarrado dentro da área.

O jogo foi muito ruim, mas acabou ainda pior para o Palmeiras. Numa dividida, no segundo tempo, um jogador do Gama caiu sobre o joelho esquerdo de Alceu. Nem falta fez o volante que virou zagueiro, mas ele saiu para não voltar mais. E ainda recebeu um cartão amarelo, mostrado ao capitão Marcos.

Alceu teve que operar o joelho esquerdo dias depois. Perdeu o final da Série B e uma grande chance de jogar o Mundial Sub-20. Zagueiro adaptado desde a primeira partida do campeonato, cumpriu o que se esperava desde a Seleção Brasileira Sub-20. Um jogador forte, não muito veloz, mas de boa técnica, bom passe, e um chute ainda mais pesado.

Sem Alceu, Picerni perdeu a defesa que havia se acertado. Pelo menos com a bola no chão. No alto, como aconteceu nos dois gols do Gama, o time sentiu demais a ausência de Magrão, contundido logo no início da partida.

Sem o jogador alto no primeiro pau, toda a bola cruzada virou martírio. O Palmeiras havia ficado 11 jogos sem levar gol de cabeça. Agora, não passava 11 minutos sem levar susto.

**13/9 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 2 GAMA**

**J:** Domingos de Jesus Viana Filho (PA); **R:** 76 212; **P:** 7 869; **G:** Diego Souza 11, Émerson 13, Edmílson 15 e Adriano 17 do 1º; **CA:** Vágner, Marcos, Muñoz, Adriano, Jefferson e Leandro Leite

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio (Marquinhos); Alceu, Corrêa, Magrão (Élson) e Diego Souza; Vágner e Edmílson (Muñoz). **T:** Jair Picerni

**GAMA:** Luciano Silva, Jéferson, Nem, Émerson e Rochinha; Daniel, Cléber, Leandro Leite (Fábio Costa) e Ânderson; Adriano (Abimael) e Luciano Fonseca (Rodriguinho). **T:** Estevam Soares

>> AVAÍ 1 X 6 PALMEIRAS

# SARETTA FAZ 6-1 EM GUGA

**FLÁVIO SARETTA ESTAVA NO CANADÁ,** com Gustavo Kuerten, jogando a Copa Davis. Sábado à noite, concentração, e a busca para saber se havia alguma TV a cabo canadense que tivesse a Rede Record Internacional, para ver Palmeiras, de Saretinha, e Avaí, do manezinho Guga.

Não deu. Foi pela internet mesmo. Mas foi um placar de tênis. Seis-um, poderia tirar onda o Saretta. Ou poderia dizer do jeito que fala Picerni: o técnico do Palmeiras não diz "6 x 1", ele fala "6-1", contra o Avaí, ou "7-2", como "aquele jogo".

Picerni fala assim. Guga não teve mais o que falar de Saretta. Aliás, precisa pagar a aposta feita: quem perdesse, teria que dar uma prancha de surfe ao vencedor.

Naquele jogo, parecia que os moleques de verde estavam em casa na Ressacada. O contra-ataque funcionou como nunca. Foi a maior vitória do time em 2003.

Quem marcou primeiro foi um jogador marcado pelo palmeirense. No clube desde 2001, Leonardo nunca foi titular absoluto da arquibancada. Reserva no fiasco de 2002, expiou pecados de outros tantos bagres. Não só fez o primeiro gol em Florianópolis, de cabeça. Leonardo mal deixou o ataque do Avaí chegar na meta de Marcos durante todo o jogo.

Jogando na sobra, e dando um pé ao adaptado Corrêa – que quebrou o galho como zagueiro –, Leonardo fez a primeira de uma série de partidas irrepreensíveis. Aquele jogo em Santa Catarina encheu a barriga verde. E o peito, também.

**20/9 RESSACADA (FLORIANÓPOLIS)**

**AVAÍ 1 X 6 PALMEIRAS**

**J:** Fabrício Neves Corrêa (RS); **R:** 61 851,50; **P:** 11 457; **G:** Leonardo 2, Celso 27 e Edmílson (Pal) 35 do 1º; Edmílson (Pal) 17 e 26, Diego Souza 21 e 41 do 2º; **CA:** Max Sandro, Maricá, Baiano, Corrêa, Daniel, Élson e Lúcio

**AVAÍ:** Gilberto, Maricá, Marcão, Max Sandro e Maurício; Edmílson (Marcos Saraiva), Ânderson, Joélson (Adao) e Marcelinho (Reinaldo); Celso e Éder. **T:** Jair Pereira

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Corrêa, Élson (Adãozinho) e Diego Souza; Vágner (André) e Edmílson. **T:** Jair Picerni

>> PALMEIRAS 2 X 1 VILA NOVA

# MISTÃO GARANTE A LIDERANÇA

**O EMPATE CONTRA O VILA NOVA** garantiria a primeira colocação ao final da primeira fase, o que não garantiria nada além da tabela dirigida, até o final da Série B. Jair Picerni resolveu poupar oito titulares. Não era novidade para o treinador. Em todo o ano, ele escalou apenas três vezes a equipe titular. A última partida foi contra o Criciúma, pela Copa do Brasil.

Nem repetir o time ele conseguia: apenas três jogos, em 54, o Palmeiras que começou uma partida iniciou o jogo seguinte.

É um problema crônico no clube. Em 2002, nenhum dos cinco treinadores conseguiu escalar os 11 titulares de uma vez. Em 2003, time e treinador se superaram. Como fizeram contra o Vila Nova, num jogo, digo, num treino-jogo arrastado, que só poderia ter um vencedor pelo erro da arbitragem, que validou um gol em impedimento de Thiago Gentil, aos 46 minutos (o quinto gol do time depois da hora, na Série B).

O feio jogo teve, pelo menos, uma festa útil: no gramado, antes da partida, craques de sempre do clube, como Oberdan Cattani, Turcão, Aquiles, Ademir da Guia e César Lemos desfilaram com a bandeira do Palmeiras. Ao lado deles, Evair, estreando a sua aposentadoria, por conta de uma tendinite no joelho que o atormentava há seis anos.

"Eu pendurei as chuteiras, mas quero seguir no futebol, quem sabe como treinador das equipes de base do Palmeiras". Os portões do Parque Antártica já estão abertos.

**27/9 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 1 VILA NOVA**

**J:** Rogério Pereira Costa (MG); **R:** 43 665; **P:** 4 839; **G:** Weslei Brasília 10 e Edmílson 29 do 1º; Thiago Gentil 46 do 2º; **CA:** Marquinhos, Daniel Martins e Muñoz; **E:** Fábio Bahia 48 do 1º

**PALMEIRAS:** Sérgio, Daniel Martins, Leonardo, Glauber e Marquinhos; Adãozinho (Toni), Corrêa e Diego Souza; Edmílson, Muñoz e André (Thiago Gentil). **T:** Jair Picerni

**VILA NOVA:** Silva, Edinho, Higo, Ney e Marco Aurélio; Alexandre (Almir), Batata, Fábio Bahia e Jean Carlo; Adriano e Weslei Brasília (Mirandinha). **T:** Roberto Oliveira

4.OUT RECIFE

## SANTA CRUZ 1 X 3 PALMEIRAS

FUTURA PRESS

# PALMEIRAS PEGA. PEGA NO BREU COM PICERNI

Desde o primeiro chute na Série B, o Palmeiras só poderia ser campeão da Segundona. Não era torcida, era exigência. Até o vice, que dava na mesma, não seria igual para o torcedor. Nem para os jogadores.

O elenco sempre esteve mais confiante que o palmeirense e a imprensa. Mesmo quando o time patinava na 20ª colocação (na terceira rodada), mesmo só tendo chegado à liderança na 16ª rodada, o elenco acreditava nos próprios pés. Também pelo próprio time saber que esses pés dificilmente estariam acima do gramado, calçados em chuteiras de travas altas. O time do Palmeiras sabia o que fazia, e sabia até onde poderia fazer. Por isso jogou muito além dos outros da B, e, quem sabe, até de alguns grandes da A.

Essa convicção que só o elenco tinha se apresentou na estréia no quadrangular semifinal. O Santa Cruz, apavorado, ajudou, não acertando um passe e um lance, apesar do apoio apaixonado de sua torcida. Mas foi o Palmeiras que fez o que quis, como quis, quando quis, e de um jeito que Picerni ainda não havia tentado, com o meio-campo mais ofensivo armado por ele na série B.

Sem Pedrinho, sem Alceu, Picerni resolveu ousar, na semana de treinamento e concentração em Extrema, sul de Minas: recuou o armador Diego Souza para ser um volante pela esquerda, com liberdade para apoiar, no mesmo espaço onde jogava Marcinho; este foi ser zagueiro pela esquerda, na função do machucado Alceu; Magrão, o volante que saía, passou a ficar mais, protegendo a zaga, à direita; na armação, mas, vez ou outra, trocando de função com Diego Souza, o esforçado Élson. Era o mais ofensivo esquema de Picerni na Série B. Ainda um 3-4-1-2 em números, mas um time mais ousado em nomes. E na prática, também. A vitória tranqüila sobre o Santa Cruz foi a estréia com o pé direito do Palmeiras na semifinal. E com a mão firme de Picerni no elenco e no time.

Lá vai Love, correndo, cortando, humilhando: a vitória no Recife foi um sinal de que a boa fase inicial seguiria nos quadrangulares

>> FICHA DO JOGO

**4/10** **ARRUDA (RECIFE)**

**SANTA CRUZ 1 X 3 PALMEIRAS**
**J:** Carlos Eugênio Simon (RS);
**G:** Magrão 44 do 1º; Edmílson 3, Aílton 16 e Vágner (pênalti) 33 do 2º;
**CA:** Fabrício, Otacílio, Magrão e Marcinho
**SANTA CRUZ:** João Carlos, Adriano, Bebeto, Valença e Xavier; Élder, Williams, Fabrício (Otacílio) e Dimas; Aílton (Célio) e Roberto Santos.
**T:** Péricles Chamusca
**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho (Gláuber), Magrão (Correa), Élson (Adãozinho) e Diego Souza; Edmílson e Vágner. **T:** Jair Picerni

**7.OUT**
**SÃO PAULO**

## PALMEIRAS 3 X 2 BRASILIENSE

# GAME OVER?

RENATO PIZZUTTO

A chuva de prata da Mancha Verde deixou traços e papéis picados até duas semanas depois, no gramado do Palestra Itália. O espetáculo, inesquecível para olhos veteranos e virgens, como os do jovem Luca, 5 anos, que debutava num estádio de futebol naquela noite de terça-feira, vai ficar para sempre.

Em campo, ao final do primeiro tempo, o Palmeiras foi aplaudido pela torcida como não acontecia desde.... desde.... quando?, num intervalo de jogo? O time mereceu. Apesar do sufoco do bom time de Brasília, o Palmeiras encaixou quatro contra-ataques e fez três gols. No segundo, o mais bonito, de Edmílson, os jovens palmeirenses do campo sacaram dos calções uns focinhos de porco, enfiaram no rosto, e fizeram a imagem da semana, repetida à exaustão nas televisões e jornais.

Com o Corinthians em crise, o São Paulo e o Santos tentando desbancar o Cruzeiro da folgada liderança do Brasileirão, a mídia descobriu o palmeirense. E tome média! Era o time e a festa da torcida em todos os horários e canais. Hino para cima, focinho de porco no rosto. De um jogo a outro, o que era descaso, escárnio, tornou-se um caso publicitário, uma pauta obrigatória: o Palmeiras dá Ibope, o Palmeiras vende jornal, o Palmeiras é o time da hora.

No segundo tempo, quase que o Palmeiras tomou o empate. Levou dois gols em três minutos (o primeiro, num pênalti "mandrake" de Daniel; o segundo, num gol manjado de cabeça). E passou os últimos 20 minutos fazendo contas, figas e preces. O Brasiliense apertou, o palmeirense se apertou nas cadeiras do estádio e só o pequeno Luca, 5, pareceu não sofrer. Quando o Brasiliense fez o segundo gol, ele, no colo do avô, jogava um *game* no celular. Como a torcida não se manifestou, para Luca o placar estava 3 x 1. O pai dele chegou até a cogitar a hipótese de não contar o resultado final. Mas o garoto é esperto. Quando olhou para o placar eletrônico do estádio e viu a realidade, perguntou, já respondendo: "Ué? Tá 3 x 2?". A família não respondeu. E ele sacou que era melhor não cantar vitória e jogar o seu *game*. Até o final, o Luca ficou encolhido no colo ainda mais encolhido do avô. E aprendeu que não tem *game over* no futebol.

**O gol é de Lúcio, parecia que ia ser um passeio. Não foi, mas a torcida aprendeu rápido que na Segundona valem mais os três pontos**

### >> FICHA DO JOGO

**7/10 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 3 X 2 BRASILIENSE**

**J:** Leonardo Gaciba da Silva (RS); **R:** 251 203; **P:** 25 522; **G:** Leonardo 13, Edmílson 27 e Lúcio 32 do 1º; Iranildo (pênalti) 25 e Romerito 27 do 2º; **CA:** Élson, Baiano, Cleison, Iranildo, Batata, Deda e Carlinhos; **E:** Leonardo (BRA) 35 do 2º

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Magrão (Muñoz), Élson (Corrêa) e Diego Souza; Edmílson e Vágner.
**T:** Jair Picerni

**BRASILIENSE:** Donizete, Dida, Batata (Jajá), Leonardo e Evandro (Leandro); Deda, Carlinhos, Cleison e Iranildo; Romerito e Paulo Isidoro (Salvino). **T:** Vagner Benazzi

11.OUT
RECIFE

## SPORT 1 X 2 PALMEIRAS

# A ILHA DA PERDIÇÃO

Se não foi a melhor partida do Palmeiras em 2003, foi a melhor atuação da dupla Vágner Love e Edmílson. Com a chancela dos zagueiros Gaúcho e Sílvio Criciúma, desprotegidos pela marcação deficiente do meio-campo e dos laterais do Sport, quase todos os contra-ataques do primeiro tempo foram um terror para Maizena. O Palmeiras fez dois, poderia ter feito cinco. Vágner, Edmílson e o múltiplo Diego Souza jogaram por cinco.

No segundo tempo, porém, o que parecia fácil virou o que deveria ser desde o início: o Sport martelando, o Palmeiras se esquivando. O problema é que o contra-ataque não saiu tão bem, a marcação no meio-campo já não era a mesma. O toque de bola para cadenciar o jogo não é característica do time, e a torcida do Sport cutucou o Leão com paciência curta. O veloz Ricardinho, que acertara Marcos numa entrada desnecessária no primeiro tempo, se jogou nas pernas de Corrêa. O atrapalhado árbitro Washington Alves de Souza entendeu o contrário, e marcou o pênalti, que Cléber converteu, faltando 11 minutos para o final do jogo.

Aos 40, fuá na área do Palmeiras, Adriano Chuva comete uma falta rara, de costas, obstruindo a defesa de Marcos, que tentava se levantar. Na seqüência do lance, o Sport marca, com Valdir Papel. Mas o árbitro, distante, enrolado por natureza, sabe-se lá Deus como, tem a noção exata da jogada e marca a falta, anulando o lance de gol.

O jogo seguiu, quer dizer, quase que não. Outra bola dividida no chão, outra vez Ricardinho em desabalada carreira, desta vez Marcos encenou uma agressão do atacante do Sport. Pronto: os dois elencos em campo, empurra-daqui, me-deixa-de-lá, e um tal de Eduardo Carvalho, dirigente e jornalista do Sport, necessariamente nessa ordem, invade o campo, "calsando (sic) um tumulto", como "escreveu" o árbitro do jogo, em seu relatório.

O qüiproquó todo rendeu minutos na TV, pautas nos jornais, paus nas rádios. O Brasil todo se encheu de ver as mesmas cenas. Menos aquele Brasil que vai para a frente no STJD. O procurador do tribunal viu, mas não enxergou nada anormal. Nem julgou nem levou em conta o relatório do árbitro – que deveria levar em consideração umas aulinhas de português. Luís Zveiter, o presidente do egrégio, só foi saber da zona toda semanas depois, quando, num programa da Rede Record, viu as imagens "inéditas" que todo mundo já tinha visto. Menos, claro, os membros do Tribunal, que têm outras coisas importantes além de ler jornal, ouvir rádio e ver jogo de futebol na TV. Televisão, para a turma do Zveiter, não é para ser vista. É só para dar entrevista.

Mais duas semanas depois, o STJD tirou o mando do Sport, justamente no jogo decisivo contra o Palmeiras. "Só para não dizer que eu beneficiei o Botafogo", time do coração dos Zveiter, declarou o presidente do Tribunal.

Só para a gente ter a impressão de que o tribunal, para não fazer uma jogada ensaiada, fez outra jogada ensaiada.

O zagueirão Daniel *(à dir.)* abraça o homem certo. Diego Souza não marcou gols na vitória verde, mas jogou tanto que merecia a homenagem

**>> FICHA DO JOGO**

**11/10** — **ILHA DO RETIRO (RECIFE)**

**SPORT 1 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Washington José Alves de Souza (AM); **G:** Leonardo 27 e Vágner 42 do 1º; Cléber (pênalti) 33 do 2º;
**CA:** Ademar, Gaúcho, Ataliba, Edmílson, Corrêa e Marcinho;
**E:** Leonardo e Ricardinho 41 do 2º
**SPORT:** Maizena, Carlinhos, Gaúcho, Sílvio Criciúma e Ademar (Valdir Papel); Ataliba, Marcão, Nildo (Cleyson Rato) e Cléber; Weldon (Ricardinho) e Adriano Chuva. **T:** Hélio dos Anjos
**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Magrão, Élson (Corrêa) e Diego Souza; Edmílson (Gláuber) e Vágner.
**T:** Jair Picerni

18.OUT
SÃO PAULO

## PALMEIRAS 2 X 3 SPORT

# DERROTA PEDAGÓGICA

Não faz tempo, Jair Picerni disse que "toda derrota tem um lado negativo". Nem Jardel ousaria discordar. A primeira derrota no Palestra, no campeonato, teve o seu lado pedagógico, já insinuado nas três vitórias anteriores do primeiro turno das semifinais: o Palmeiras abre a vantagem, mas não sabe segurar a bola, não sabe gastar o tempo, só explora o contra-ataque, não troca a bola, não a toca, não se toca. Não gasta nada além da energia da juventude de sua equipe. Levou uns trancos nos outros jogos. Desta vez, levou o teco do Sport. Justamente o adversário que o time todo, durante a semana conturbada, jurou de morte, pelos dois jogos anteriores pela Série B. "Seria bom garantir logo a classificação, e, por tabela, eliminar um adversário forte como o Sport". Era o pensamento do pernambucano Lúcio, era o desejo do palmeirense de todo o Brasil.

O Palmeiras até que mandou bem, de cara, com um golaço de Vágner Love, naquele estilo marrento, na marra, na ginga. Mas, daí, baixou o pano, a guarda, e o nível. Marcou mal, o árbitro marcou muitas das faltas que o time cometeu e, numa delas, Gaúcho, um inquestionável especialista no assunto, varou Marcos, com a assistência pouco técnica de Marcinho. O volante improvisado de zagueiro tentou desviar a bola, e só desviou a atenção de Marcos.

Treze minutos depois, bobeada ensaiada de toda a zaga numa saída de bola. Weldon, de nariz quebrado, cabeceou a bola no ângulo de Marcos. Hélio dos Anjos, bom treinador, excelente carpideira dos bancos, exímio detetive de conspirações contra o futebol dos centros mais afastados, comemorou a virada histórica. O Sport seguiu mandando no jogo, mesmo quando Lúcio achou o ombro de Edmílson, que empatou o jogo numa cabeçada errada, aos 19 do segundo tempo. E foi mandar de vez no placar quando Marcinho, mais uma vez improvisado como zagueiro pela esquerda (onde jamais atuara na carreira) fez uma das tantas faltas que costuma fazer no meio-campo. Só que, àquela hora, naquele lugar, era pênalti. E de pênalti o Sport conquistou a grande virada.

Mas não só no pênalti que Cléber bateu. Teve também o pênalti em Vágner Love, três minutos depois. O pênalti que ele mesmo foi bater. Vágner, que não havia errado nenhum dos quatro que batera na Série B. Vágner, que jogou a bola lá no placar, como que mostrando que ele, como a bola, era todo do Sport.

Magrão, fatalista, revelou-se preocupado. O Palmeiras poderia ter eliminado o Sport e agora talvez o encontrasse no quadrangular final. Deve-se cravar a faca e torcê-la quando o inimigo é perigoso. Para a felicidade alviverde, o temor de Magrão realizou-se pela metade. O Sport passou e não causou sobressaltos mais para a frente.

Vágner Love quase acerta o placar do estádio na cobrança do pênalti. Ele, os outros jogadores e a torcida tentaram se consolar. Se havia uma hora para perder, o momento era aquele mesmo

>> **FICHA DO JOGO**

**18/10 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 3 SPORT**

**J:** Márcio Rezende de Freitas (SC); **R:** 285 303; **P:** 27 405; **G:** Vágner 9, Gaúcho 18 e Weldon 31 do 1°; Edmílson 19 e Cléber (pênalti) 38 do 2°; **CA:** Lúcio, Baiano, Magrão, Carlinhos, Barão, Nildo e Cléber
**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Gláuber e Lúcio; Marcinho (Thiago Gentil), Magrão, Diego Souza e Elson (Muñoz); Edmílson e Vágner.
**T:** Jair Picerni
**SPORT:** Maizena, Carlinhos (Barão), Gaúcho, Sílvio Criciúma e Marcão (Magal); Vágner Mancini, Ataliba, Cléber e Nildo; Valdir Papel e Weldon (Eduardo Teles). **T:** Hélio dos Anjos

21.OUT
TAGUATINGA

## BRASILIENSE 1 X 2 PALMEIRAS

FUTURA PRESS

# PÉ PARA TODA OBRA

**O empate bastava, mas tomar um gol aos dois minutos é sempre duro. O Palmeiras de Love não entrou em parafuso e até virou o resultado**

Lateral-direito, líbero, zagueiro-direito, zagueiro-esquerdo, primeiro volante, volante pela direita, terceiro volante, armador, terceiro volante: primeiro reserva, enfim. Todas essas funções desempenhadas por Adãozinho no Palmeiras-2003 garantiram a ele um lugar cativo na prancheta de Jair Picerni, mas pouca continuidade em campo e apenas um discreto incentivo do torcedor palmeirense.

Adãozinho teria sido apenas o operário-padrão do ano não fosse a vitória de virada sobre o Brasiliense, na Boca do Jacaré, em Taguatinga. O empate bastava para o Palmeiras garantir o bilhete antecipado para o quadrangular final. Mas havia um temor de que a derrota para o Sport, em casa, pudesse desandar o caldo verde.

Os primeiros cinco minutos confirmaram o pavor. Iranildo fez um gol de falta e, num contra-ataque, por pouco o Brasiliense não ampliou. O meio-campo, desfigurado pela suspensão da ala direita (Baiano e Magrão), era o caminho para os avanços do time do ex-senador Luís Estevão. Faltas e escanteios? Um tormento para um Palmeiras que vinha levando um gol de cabeça a cada um jogo e meio. Elas ficavam ainda mais perigosas para Marcos pela ausência de Magrão no primeiro pau.

O seu substituto, 11 centímetros mais baixo, foi quebrar o galho, mais uma vez, no escanteio, desta vez a favor, no ataque. Jogador mais resistente do elenco, Adãozinho poderia correr para a área e tentar um rebote, ou fazer uma falta, ou cercar um rival ou... fazer um gol de cabeça, por que não?

Porque sim. Élson levantou a bola no primeiro pau, aberto. Adãozinho subiu, testou no canto oposto do goleiro e do senso comum. Empatou um jogo duríssimo com um gol que caiu do céu. Ponto para Adãozinho, que quase havia saído no tapa com um repórter no início do campeonato, que quase havia deixado o clube (e a carreira) por conta das pressões inéditas de um grande clube.

Mas Adãozinho ficou no Palmeiras. E ficou em campo, em Taguatinga, mesmo com o ombro deslocado, num peixinho salvador, ainda no primeiro tempo. Seguiu em frente, e ajudou o Palmeiras a virar o jogo, num golaço de Diego Souza, com o pé direito, depois de uma linda jogada de todo o time.

"O Adãozinho é a cara do Palmeiras", disse Marcos, no vestiário. E é mesmo: um time modesto, simples, esforçado, mas que, vez ou outra, faz a sua graça. Usando a cabeça. E se quebrando pelo clube.

### >> FICHA DO JOGO

**21/10 BOCA DO JACARÉ (TAGUATINGA)**

**BRASILIENSE 1 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Márcio Rezende de Freitas (SC); **G:** Iranildo 2 e Adãozinho 16 do 1º; Diego Souza 19 do 2º; **CA:** Jairo, Iranildo, Lúcio e Diego Souza; **E:** Daniel Martins 36 e Deda 44 do 2º

**BRASILIENSE:** Donizete, Dida, Jairo, Batata e Leandro; Deda, Carlinhos (Igor), Cleison e Iranildo; Gílson Batata (Roma) e Romerito (Evandro). **T:** Vágner Benazzi

**PALMEIRAS:** Marcos, Daniel Martins, Daniel, Leonardo e Lúcio; Corrêa, Adãozinho, Élson (Gláuber) e Diego Souza; Edmílson (Fábio Gomes) e Vágner. **T:** Jair Picerni

**25.OUT**
**SÃO PAULO**

## PALMEIRAS 2 X 0 SANTA CRUZ

# UM JOGO PARA PEDRINHO

O jogo podia não valer nada para o Palmeiras. Mas, para o meia Pedrinho, valeu demais pela volta e pelo golaço

Pedrinho estreou no Palmeiras em 12 de agosto de 2001. Desde então, fez 51 jogos pela equipe. Ficou de fora de 71 deles por contusão. As péssimas línguas do clube — entre elas gente que tem a primeira e a última palavra, para não dizer a única – começaram a chamá-lo de "Podrinho". Para eles, não havia como um jogador que ficou mais de dois anos e meio da carreira parado por contusão disputar um torneio tão duro e pesado como a Série B.

Não só para a turma do amendoim árabe ele era um dos alvos prediletos. Os rivais, nos 11 jogos que ele disputou na Segundona, chegavam junto nos joelhos baleados, e na orelha curtida: "eu vou te quebrar", "eu vou te pegar de novo" eram as mais doces palavras ouvidas por Pedrinho.

O prontuário médico do habilidoso e raçudo meia no Palmeiras é do tamanho do carinho da torcida e do respeito dos colegas. A festa pelo gol marcado de falta contra o Santa Cruz, na enésima volta de Pedrinho aos gramados, foi o que ficou de um jogo em que o time, já classificado e sem seis titulares, apenas treinou para o quadrangular decisivo da Segundona.

**>> FICHA DO JOGO**

**25/10 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 0 SANTA CRUZ**

**J:** Alicio Pena Júnior (MG); **R:** 71 990; **P:** 7 401; **G:** Baiano 4 e Pedrinho 14 do 2º; **CA:** Leonardo, Magrão e João Lima; **E:** Sidraílson 45 do 2º

**PALMEIRAS:** Sérgio, Baiano, Leonardo, Daniel (Gláuber) e Marquinhos; Corrêa, Magrão e Fábio Gomes; Thiago Gentil, Edmílson (Pedrinho) e Vágner (André). **T:** Jair Picerni

**SANTA CRUZ:** João Carlos, João Lima, Valença e Sidraílson; Adriano, Neto, Willians, Erivérton (Otacílio) e Xavier; Roberto Santos e Marcinho (Válber). **T:** Péricles Chamusca

1º.NOV
NITERÓI

## BOTAFOGO 1 X 1 PALMEIRAS

# O INFERNO É NO PARAÍSO

EDUARDO MONTEIRO

As novas estruturas tubulares do Caio Martins tremiam a cada arremesso lateral. No vão entre os degraus, torcedores do Palmeiras perdiam carteiras e até mochilas. Na volta para casa, policiais militares quebraram vidros do ônibus da TUP.

Vale tudo para subir. Vale até subir para ver um clássico numa arquibancada sísmica, depois de passar pela lama que se acumulou com a chuva forte que abaixou a temperatura de mais de 35 graus da noite de Niterói. O palmeirense que não foi ao Rio, pelo Brasil se ligou na televisão. Foi a maior audiência da Rede Record em 2003. O maior número de televisores sintonizados no ano se ligou para ver um espetáculo de segundo nível.

É a força do futebol. Foi a fortaleza do Palmeiras em Caio Martins e em todo o campeonato. O jogo foi amarrado pelos esquemas amuados. No primeiro tempo, o Palmeiras teve a partida nas mãos, e dos pés de Diego Souza e Vágner Love nasceu o mais belo gol da equipe na temporada. Uma tabelinha em alta velocidade, completada com frieza de artilheiro por Vágner. A única coisa gelada da noite quente foi a tranqüilidade do carioca da gema. Ele, nos times de base do Vasco da Gama, do Campo Grande e do Bangu, sempre gostou de fazer seus golzinhos no Botafogo do coração do padrasto, o seu Neto.

Toda a família de Vágner esteve em Caio Martins, torcendo pelo Palmeiras (até o padrasto). Todos se arrepiaram com o gol de empate de Dill, na primeira escapada legal do Fogão. A partir dali, até o último minuto, o Botafogo sempre foi mais time, sempre teve mais a bola, sempre chegou mais perto. Mas não teve o pé que pensa de Valdo, na antevéspera machucado, com o antebraço fraturado, para bolar o jogo cadenciado do time de Levir Culpi — aquele; o treinador que rebaixara o Palmeiras em 2002; aquele que prometia, sem prometer, manter o serviço em 2003.

Faltou Valdo para o Botafogo. O que é raro para um jogador que não falta em torneio algum há quase 20 anos. Quando Valdo começou a jogar futebol, no Grêmio, o presidente era o Figueiredo, a moeda, o cruzeiro, e o Michael Jackson ainda era negro. Jair Picerni dirigia o Corinthians. Palmeiras e Botafogo amargavam um longo jejum de títulos.

Quase 20 anos depois, os dois clubes acabaram com essa história, e voltaram a ter times e títulos de antologia. Mas, naquele sábado de calor infernal, estavam purgando pecados de gestões passadas ou ultrapassadas. Botafogo e Palmeiras fizeram uma bela festa em volta do campo. Mas, voltando ao lugar de sempre, na primeira divisão, os dois enormes não fizeram mais do que a obrigação.

**Clubes de tradição, estádio lotado, ibope na TV. O Palmeiras de Leonardo e o Fogão de Dill fizeram um jogo de primeira no quadrangular**

>> **FICHA DO JOGO**

1º/11 — CAIO MARTINS (NITERÓI)

**BOTAFOGO 1 X 1 PALMEIRAS**
**J:** Heber Roberto Lopes (PR); **R:** 154 900; **P:** 9 700; **G:** Vágner 27 e Dill 35 do 1º; **CA:** Márcio Gomes, Daniel, Marcinho e Diego Souza

**BOTAFOGO:** Max, Márcio Gomes, Sandro, Edgar e Jorginho Paulista (Daniel); Fernando, Túlio, Camacho e Almir; Dill e Leandrão (Edivaldo). **T:** Levir Culpi

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano (Corrêa), Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Magrão, Diego Souza e Élson (Adãozinho); Edmílson (Muñoz) e Vágner. **T:** Jair Picerni

5.NOV
SÃO PAULO

## PALMEIRAS 1 X 0 SPORT

# O TIME QUE RASGA A ROUPA E O ROSTO

RENATO PIZZUTTO

Edmílson põe Sílvio Criciúma para dançar. A vitória sofrida contra o Sport valeu a liderança no quadrangular e altas doses de auto-confiança

Parque Antártica lotado, 5 de novembro. A história se repete como festa: setenta anos antes da vitória suada e sofrida do Palmeiras sobre o Sport por 1 x 0, gol de cabeça de Daniel. Naquele mesmo cinco de novembro, naquele mesmo estádio, Romeu Pellicciari marcou quatro gols no Corinthians. E era só a metade dos oito gols que o Palmeiras fez no maior rival, na maior vitória sobre ele, em 1933.

Para celebrar os 70 anos dos 8 x 0 sobre o Corinthians, o Palmeiras fez das tripas chuteiras para segurar a pressão pernambucana. Melhor no primeiro tempo, mais uma vez arriou a guarda depois do gol, originado de uma falta cavada por Élson. Tudo que o Sport não quis jogo antes, buscou depois. Abriu espaços para o letal contra-ataque verde, que até bola na trave mandou, com Vágner Love. Mas o empate só não aconteceu por obra e graça de Marcos. O goleirão pegou por baixo, foi seguro por cima, um show.

Ou das memórias de 1933, quando o 8 x 0 deixou o Palestra Itália (o time) com uma mão no título paulista, e a outra na taça do primeiro Rio-São Paulo disputado. Não foi naquele dia que o Palmeiras de Romeu e Imparato ganhou tudo. Mas foi ali que a festa começou. Como aconteceria 70 anos depois, já na entrada da equipe em campo, puxada pelo novo (velho) mascote: o Incrível Hulk, aquele que fica verde e rasga a roupa, o parceiro do Mancha Verde, amigo do periquito histórico, chapa do porco assumido pelo palmeirense em 1986.

Numa só noite, o Palmeiras encontrou a primeira vitória no quadrangular decisivo, a primeira vitória em São Paulo contra o adversário da Série B mais odiado pelo elenco e pela torcida, um novo mascote, e, por que não, uma tabelinha com o passado de primeira divisão. E de primeiro lugar no ranking de campeões do século 20 da "Placar".

A noite foi um espetáculo de casa cheia. A Mancha Verde inovou, iluminando a própria torcida com holofotes colocados à frente dela, no gramado. O jogo teve ação digna de um blockbuster do Hulk: até o sangue de Magrão jorrou pelo gramado, com o supercílio rasgado por uma joelhada de Élson, no segundo tempo. Era o Palmeiras dando sangue pela vitória, cortando a própria carne do próprio companheiro.

"Ainda bem que eu não jogo mais com o piercing no supercílio. Imagine se eu estou com ele o que iria acontecer", aliviou-se Magrão. Ainda bem, para o Palmeiras, que ele joga mais do que ele próprio imagina.

### >> FICHA DO JOGO

**5/11 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 1 X 0 SPORT**

**J:** Wagner Tardelli Azevedo (RJ); **R:** 257 769; **P:** 24 868; **G:** Daniel 3 do 2º; **CA:** Baiano, Leonardo, Daniel, Elson, Adãozinho, Magal e Carlinhos

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Magrão (Corrêa), Adãozinho e Élson (Fábio Gomes); Edmílson (Muñoz) e Vágner. **T:** Jair Picerni

**SPORT:** Maizena, Carlinhos (Barão), Gaúcho, Sílvio Criciúma e Magal; Fernando César (Ricardinho), Ataliba, Vágner Mancini e Cléber; Nildo e Wéldon (Valdir Papel). **T:** Hélio dos Anjos

8.NOV
MARÍLIA

## MARÍLIA 0 X 2 PALMEIRAS

# SANTO DA CASA FAZ MILAGRE

O filho de dona Antônia e seu Ladislao nunca atuara no estádio onde passou a infância vendo o MAC jogar. Para a estréia, os primeiros ingressos de Marília x Palmeiras foram entregues aos pais de Marcos para ver o filho da terra, crescido em Oriente (a 15 km de Marília), jogar em nome dos seus seis mil habitantes. Seis mil devotos do Santo da Academia?

Que nada. Os que não são Palmeiras (que não são poucos em Oriente) e os que não São Marcos (que são cada vez menos desde a Copa no Oriente, em 2002) azucrinam os pais e os irmãos do goleiro em dias de derrotas dos rivais e vitórias do Palmeiras. Sempre sobra um xingamento, um objeto não identificado voando por cima do muro. Naquela noite de eclipse lunar, um objeto não identificado foi em direção a Marcos, aos 24 minutos do segundo tempo. Três minutos antes, Lúcio, o melhor da linha verde no calor de Marília, havia feito um gol de Série A, voando pela área do MAC. Aos 24, quem levitou foi Éder, que acertou um voleio de kung-fu na fuça de Marcos.

Na terceira fila da arquibancada do Bento de Abreu, dois dos irmãos mais velhos de Marcos não quiseram nem ver o lance. E, mesmo vendo, não entenderam. "Onde bateu aquela bola?", perguntaram ao final do jogo e do sufoco. "Ela bateu na barriga do largo do seu irmão", respondi, depois de rever tantas vezes o replay numa câmera que era para ser lenta, mas foi rápida demais pela força do chute; só não foi mais rápida que Marcos, que defendeu aquela bomba, e outros tantos chutes, e mais alguns até o final do jogo, quando ele já se arrastava pela área com dores no joelho.

Marcos cumpriu a palavra. Na véspera, havia dito que quebraria a perna para ser campeão da Série B pelo Palmeiras. Em outras vésperas de jogos importantes do campeonato, ele dizia que vencer a Segundona seria mais importante que o Mundial de 2002. Exagero? Absurdo é o que Marcos fez em Marília. Nem novidade é: um ano antes, em Yokohama, contra a Alemanha, ele já fizera algo parecido. Não por acaso, quem o preparava era Carlos Pracidelli.

O mesmo que faz de Sérgio o mais titular entre os goleiros reservas do Brasil. Ser o segundo de Marcos é quase como ser o primeiro de quase todos os times do Brasil.

No dia seguinte, almoço de domingo em Oriente, uma raridade na vida do anjo-guardião do Palmeiras. A dona Antônia fez o cardápio. Mas sem frango para o goleiro, sem porco para os palmeirenses. Na mesa, a razão do sucesso do caçula da família: "O Marcos virou um bom goleiro porque nós dois jogávamos na defesa, e todas as bolas ele tinha que se virar, que a gente deixava passar tudo", explica o irmão mais velho, o Lauzinho, apontando o outro irmão, que é a cara e a careca de Marcos. E, como os outros, não tem papas na língua. Só um santo ao lado.

DIÁRIO DE MARÍLIA

Este sujeito que está socando a bola foi o nome do jogo. Não fosse por suas defesas, o Marília poderia ter vencido. Mas São Marcos é palmeirense

### >> FICHA DO JOGO

**8/11** **BENTO DE ABREU (MARÍLIA)**

**MARÍLIA 0 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Paulo César de Oliveira (SP); **P:** 12 232; **G:** Lúcio 22 e Muñoz 36 do 2º; **CA:** Éder, Andrei, Everaldo e Marcinho
**MARÍLIA:** Mauro, Rogério Souza, Romildo, Andrei e Galego; Everaldo, Zé Luiz (Bechara), Éder e Romualdo (Juca); Basílio e Delani (Camanducaia). **T:** Luiz Carlos Ferreira
**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Daniel (Gláuber), Leonardo e Lúcio; Marcinho, Corrêa (Fábio Gomes), Magrão e Diego Souza; Edmílson (Muñoz) e Vágner. **T:** Jair Picerni

**15.NOV**
**SÃO PAULO**

## PALMEIRAS 2 X 0 MARÍLIA

# CORAÇÃO VALENTE

João Paulo Bonito, 36, advogado, está na UTI de um hospital paulistano esperando trocar o coração. Passa bem, mas está lá, na fila do transplante. Não é novidade para quem vive com um marca-passo desde os 14 anos.

JP, para os íntimos, vai trocar o coração. Mas ele sabe que uma coisa o coração não troca. E foi justamente por ela que ele ficou acordado até mais tarde, mais do que deveria, na noite de sábado.

A televisão ligada na UTI, depois de uma longa negociação com os médicos. "E se não der, e se der errado, e se o Marília..." Não importa. A confiança é grande, no sucesso da operação, no sucesso do time do coração. Qualquer que seja.

É melhor não esconder, é melhor não contrariar, é melhor saber na hora que ficar imaginando o foguetório lá fora. É gol da gente? É gol dos caras? São aqueles corintianos?

É melhor encarar a realidade, de peito aberto. Foi melhor assistir ao jogo, ao frangaço do Mauro na bomba do Baiano, ao golaço de Lúcio (um torpedo com o tornozelo que doeu a semana toda), à festa maravilhosa da torcida, ao espetáculo da vida, ao show da volta. Valeu ver a vida lá fora, o Palmeiras de sempre aqui dentro.

O Palmeiras abriu alas para voltar virtualmente à primeira divisão com os seus alas. Literalmente. O esquema de Picerni facilita o apoio de Baiano e Lúcio. O preparo físico dos dois, a garra de ambos e a qualidade técnica de Lúcio completam o serviço. O ala-esquerdo, o melhor jogador do Paulistão de 2002 pelo Ituano (aquele que não tinha os grandes na disputa), ainda não sabe cruzar direito. Mas faz quase tudo aquilo que Júnior, do Parma e do penta, fazia. E, no gol que definiu a vitória, até o chute do ídolo Roberto Carlos ele clonou.

Lúcio teve que pedir dinheiro emprestado quando chegou a São Paulo, para jogar no São Bento, da terceira divisão paulista. Lá conheceu Corrêa. Lá viveu o outro lado da bola. Diferente daquele que ele acertou, lá no ângulo. Quando puxou o contra-ataque, Vágner Love e Edmílson pediam a bola, era a jogada certa, o passe para qualquer um dos dois. Mas Lúcio fez o diferente, como o irmão, jogador na Tunísia, sempre pediu: "arrisque mais, Lúcio". E ele abaixou os olhos e apontou o tiro.

Nas tribunas de imprensa, nas arquibancadas, no país ligado na TV, não faltaram os gritos de "não!", "passa a bola!", "não chuta daí!". E ele chutou, calando as cornetas, derrubando o Parque Antártica, levantando, pela primeira vez em 2003, o grito do palmeirense: "é... campeão!", aos 37 minutos do primeiro tempo.

Ainda não era. Mas, para o JP, lá na UTI, era como se já fosse. A esperança e a confiança vencem tudo. O futebol, essa coisa que "não é uma questão de vida ou morte — é muito mais que isso" (Bill Shankly, ex-treinador do Liverpool) conseguia o impossível: naquele sábado, os primos do João Paulo, o Edu e o Doloso, corintianos de pedra, daqueles de tirar do sério monge tibetano, de fazer escoteiro com bússola perder o rumo, pela primeira vez na vida foram palmeirenses. Torceram pelo time do coração do JP.

Deu tudo certo. Vai dar tudo ainda mais certo. Mais um coração verde vai bater mais forte, levando o filho André pela mão, na estréia do Palmeiras na Série A, em 2004.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Lúcio avançou, levantou a cabeça e acertou o ângulo. Um golaço, a essa altura do campeonato, e uma certeza: o lateral tinha virado ídolo

**>> FICHA DO JOGO**

**15/11 PARQUE ANTÁRTICA (SÃO PAULO)**

**PALMEIRAS 2 X 0 MARÍLIA**

**J:** Cléber Wellington Abade (SP); **R:** 310 720; **P:** 28 618; **G:** Baiano 2 e Lúcio 35 do 1°; **CA:** Adãozinho, Marcinho, Edmílson, Gláuber, Mauro, Camanducaia e Adeilson

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Gláuber, Leonardo e Lúcio; Marcinho, Magrão (Corrêa), Diego Souza e Elson (Adãozinho); Edmílson (Muñoz) e Vágner. **T:** Jair Picerni

**MARÍLIA:** Mauro, Rogério Souza (Romualdo), Adeilson, Wladimir e Galego; Adílson, João Marcos, Bechara (Daniel) e Éder (Bill); Basílio e Camanducaia. **T:** Luiz Carlos Ferreira

22.NOV
GARANHUNS

## SPORT 1 X 2 PALMEIRAS

FOTOS NELSON COELHO/DIÁRIO DE S. PAULO

Garanhuns, 22/11/2003: o Palmeiras de Vágner Love, com um homem a menos, conquista o título inédito da Série B e volta à elite

# A BATALHA DO AGRESTE

No princípio, todas as previsões descreviam a Segundona como a sucursal brasileira do inferno. Estádios mambembes, desprezo da imprensa, desinteresse do público, várzea pura. A vida real mostrou uma outra Série B. Com as presenças ilustres de Palmeiras e Botafogo, mais a força habitual de Pernambuco, a competição não deveu em nada para a primeira divisão. Ir ao Parque Antártica nas tardes de sábado virou programa *cult*, a televisão logo descobriu que o ibope da B era respeitável. E convenhamos: o Arruda ou o Mangueirão, dois estádios da B, não são piores que o Anacleto Campanella ou o Alfredo Jaconi.

O clichê da Segundona, campeonato de segunda categoria, portanto, não colou na edição 2003. Mas, ironia das ironias, tudo acabou em clichê. O jogo da subida pode não ter sido na sucursal do inferno, só que foi como o diabo gosta. Nada de capitais. Sport x Palmeiras aconteceu em Garanhuns, interior de Pernambuco no estádio "Gigante do Agreste". Lugar bruto. Marcão, com sua conhecida delicadeza, descreveu o palco da partida antes de sair de São Paulo: "Vamos ter de jogar naquele pasto, na escuridão, sob a luz dos vagalumes dentro do gol". Talvez nosso goleiro pentacampeão tenha exagerado. O gramado,

porém, não era aquele tapete verde. Logo nos primeiros minutos de jogo já dava para perceber que a bola não parava em campo. Ou pulava feito pipoca, ou disparava como se a grama estivesse encerada. O campo foi o de menos. O sofrimento palmeirense foi de outra ordem. Bastava um empatezinho para subir. Ou esperar que o Marília arrancasse pelo menos um empate do Botafogo. Das nove combinações possíveis na penúltima rodada do quadrangular final, oito favoreciam o Palmeiras e garantiam a volta à elite. Uma única opção — derrota do Palmeiras e vitória do Botafogo — prorrogaria o sofrimento por mais uma semana. E não é que justamente isso estava acontecendo às 23 horas do sábado?

Pior. O gol do Sport, marcado em um míssil do zagueiro Gaúcho aos 13 minutos do segundo tempo, veio acompanhado da expulsão do volante Adãozinho. Como virar um jogo em condições tão adversas? Magrão tinha um plano. Ele vestia exatamente a mesma camisa do jogo contra o Santa Cruz, no dia 4 de outubro, a última vez que marcara um gol. Pois o gol de empate em Garanhuns saiu da cabeça de Magrão, aos 21 minutos (não precisamos contar, Magrão, que você estava confiante que iria marcar o gol da subida na partida anterior contra o Marília e também tinha usado a bendita camisa...).

O empate assegurava a volta, não o título da Série B. Com um a menos e jogando fora de casa, o empate estava mais do que bom. Mas aí Diego Souza, justamente Diego Souza que quase não pôde entrar em campo por conta de seu tornozelo inchado, achou Edmílson que fez o gol redentor.

Diego, aliás tem uma trajetória tortuosa. No ano passado, ele jogou a última partida pelo Palmeiras em 28 de agosto. O treinador era Flávio Teixeira, o Murtosa. Três jogos depois, já era Levir Culpi. Diego voltou ao time B. E, de lá, para o Joinville, que jogava a Série B.

Diego mal ficou um mês em Joinville. Jogou nem 20 minutos de um jogo, ficou de escanteio, e resolveu largar o clube, em 13 de novembro. Não foi aceito de volta pelo Palmeiras, que o mandou ficar em casa. Nessas semanas de berlinda, pensou em jogar as chuteiras no gramado e jogar na várzea, fazer outra coisa da vida.

"Não fosse a minha família, eu teria largado tudo". Eles pediram, parceiros de bola como Vágner Love fizeram uma força, e ele resolveu dar um tempo. Dias depois, em dezembro, o Palmeiras pediu que ele voltasse aos treinos, para jogar a Copa São Paulo de juniores. Diego voltou, treinou, mas não sabia se disputaria o torneio. No dia da inscrição dos atletas para a Copa, a diretoria fixou num quadro a relação dos escolhidos. Como o grupo tinha mais de 50 jogadores, metade ficaria de fora da competição.

Diego olhou nome por nome, como lista de vestibular. A diferença era que a numeração correspondia à função de cada jogador. Diego foi direto no 7, possivelmente um número para volante. Não era ele; o oito, também; 10? 11? Nada. Diego passou a suar frio. E assim ficou a cada número. E mais ainda no 23. No 24, o penúltimo. Ou ele era o 25, ou ele já era. Futebol, talvez, só na várzea. Mas Diego Souza era o 25. Acabou titular e um dos melhores do Palmeiras, vice-campeão da Copa São Paulo.

Diego, Magrão, Edmílson, Love, cada um deles tem uma história emocionante para contar. Histórias que, cruzadas, escrevem a inesquecível campanha do Palmeiras em 2003. Depois de tanto sofrimento e deboche, já tem palmeirense dizendo que o título da Série B foi mais saboroso que a Libertadores-99. Exagero, claro. Mas pode ter certeza que a faixa de campeão da Segundona ficará sempre guardada em algum lugar muito especial.

Magrão comemora o empate contra o Sport: ele pressentiu que marcaria um gol no jogo do retorno palmeirense à primeira divisão

FOTOS NELSON COELHO/DIÁRIO DE S.PAULO

**22/11 GIGANTE DO AGRESTE (GARANHUNS)**

**SPORT 1 X 2 PALMEIRAS**

**J:** Héber Roberto Lopes (PR); **G:** Gaúcho 13, Magrão 21 e Edmílson aos 32 do 2º; **CA:** Vágner Mancini, Baiano, Lúcio, Vágner, Magrão; **E:** Adãozinho 15 do 2º

**SPORT:** Maizena, Carlinhos, Gaúcho, Marcão e Magal (Clayson Rato 40/2); Ataliba (Weldon 25/2), Vágner Mancini, Nildo e Cléber; Ricardinho e Valdir Papel. **T:** Hélio dos Anjos

**PALMEIRAS:** Marcos, Baiano, Gláuber, Leonardo e Lúcio; Adãozinho, Magrão, Élson (Corrêa 26/2) e Diego Souza; Edmílson e Vágner (Dênis 46/2). **T:** Jair Picerni

Artigo

# PALESTRICE GRATIFICADA

**FOI NA PEQUENA GRANDE TAMBAÚ, INTERIOR DE SÃO PAULO, QUE NASCEU UMA PAIXÃO PARA A VIDA TODA. UMA CIDADE FUNDADA POR IMIGRANTES A 90 KM DE SÃO PAULO. E COM 90% DE PALMEIRENSES**

POR **JOELMIR BETING***

Alemão de terceira geração, sou palmeirense de primeira, de segunda ou de terceira divisão. Palmeirense porque tambauense. Em Tambaú, 90 quilômetros a sudeste de Ribeirão Preto, vivi até 18 anos de idade. Na época, esta era a divisão da cidade: 90% de palestrinos e 10% de são-paulinos. Goleada de 9 x 1. Não havia corintiano num raio de 20 milhas náuticas da praça da matriz.

Segredo da palestrice tambauense? A cidade foi fundada na entrada do século 20 por uma estrepitosa colônia de vênetos, guarnecida por uma dezena de famílias germânicas e lusitanas. Os vênetos que para cá vieram eram todos peritos em cerâmica estrutural: telhas, manilhas, tijolos, pisos e azulejos.

A maior jazida de argila e de piçarra do Interior paulista estava ali na área, cortada pelos trilhos da nova Estrada de Ferro Mogiana. Deu liga.

Então egressa de Pirassununga, minha família alemã acabou sendo digerida pela cultura italiana assim confinada. Nos usos, nos costumes, nos dialetos e também nos legumes. Ah! Com idolatria do Palestra Itália que logo após também nasceria *tricolore*.

Meu grande choque esmeraldino deu-se na decisão da Taça Rio de 1951, primeiro e único campeonato mundial de clubes autêntico. Não havia energia nas tardes de domingo em Tambaú. Mas havia o rádio do caminhão De Soto do Biela. Plantado no meio da praça, no último volume, cercado por mil palestrinos energizados.

Energizados? Nenhum deles como eu. Na comemoração do gol de empate do título, feito por Liminha nas redes da *Vecchia Signora*, irmã de sangue, um raio me mandou pelos ares. Estava eu aboletado na lâmina de aço de um trator de esteira. O raio pegou a árvore e sobrou para o trator. Dizem até hoje em Tambaú que nunca se viu alguém comemorar um gol com tamanho salto de paixão.

Não sei se por culpa do raio, passei a cultivar o medo do Palmeiras ao vivo. No Palestra ou na televisão. Por dever de ofício, então repórter dos jornais *O Esporte e Diário Popular* e da Rádio Panamericana (Jovem Pan), estava atrás do gol do Palmeiras quando o Peñarol nos roubou a Libertadores de 1961 com um empate que furou nossa rede.

Encho-me de coragem quando o jogo é histórico para mim mesmo. Fiz o batismo do meu filho Gianfranco na decisão do Brasileiro de 1972 com o Botafogo. Bastou-nos o 0 x 0. E lá estava eu com o caçula Mauro na decisão do bi brasileiro de 1973

RENATA URSAIA

**"CARREGO A PALESTRICE A MEU JEITO E MODO. REBAIXADO? RETORNADO. E DEFINITIVAMENTE RECOMPENSADO"**

com o São Paulo. Bastou-nos outro 0 x 0. Em outubro deste ano, saí da toca e do medo e dividi com o Mauro a estréia do primeiro neto, o Luca, contra o Brasiliense, parceiro da Segundona do Mustafá. Ufa! Escapamos por pouco: 3 x 0 no primeiro tempo, 3 x 2 no segundo.

Bem, carrego a palestrice a meu jeito e modo. Rebaixado? Retornado. E definitivamente recompensado: o Palestra foi o campeão do Brasil inteiro no século passado – palavra da Placar. Só o clube não soube cacarejar isso — se é que soube disso. O que não teria feito o São Paulo com um título dessa magnitude?

Essa bronca não é minha. É da Lucila, minha doce italianinha e feroz palestrina. Aos 40 anos de casados, seu amor pelo marido e pelo Palestra só não é maior que o ciúme que ela sente de todas as mulheres e que o ódio que ela nutre por todos os outros times do Brasil. Não por acaso, ela desfila no site www.vaiprogol.com.br como fundadora e presidente da TIP – Torcida Insuportável do Palmeiras. Cada vez mais torcedora, agora ainda mais mais insuportável. ●

**Joelmir Beting é jornalista*